



NORA ROBERTS
& J.D. ROBB
NAQUELE TEMPO

Tradução de Susana Serrão



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

actualizar



Edições

CHÁ DAS CINCO

Uma chancela da Saída de Emergência

TÍTULO: *Naquele Tempo*

AUTORIA: *Nora Roberts*

EDITORIA: *Maria João Costa*

Esta edição © 2008 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original Remember When © 2003 Nora Roberts.

Publicado originalmente nos EUA por G. P. Putnam's Sons, 2003

TRADUÇÃO: *Susana Serrão*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Chá das Cinco*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II S.A.*

1ª EDIÇÃO: *Abril, 2008*

ISBN: *978-989-8032-27-0*

DEPÓSITO LEGAL: *??????/07*

Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência

Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.CHADASCINCO.COM

PARA MARY KAY MCCOMAS,
*Que mais ou menos toca um instrumento musical,
mas é a melhor das companhias*



PRIMEIRA
PARTE



*Cobiçoso das posses dos outros,
Era pródigo com as suas.*
— Salustiano

*Quem neste mundo sou eu?
Ah, esse é o grande enigma!*
— Lewis Carroll

1.

O assomo heróico do trovão seguiu o estranho homenzinho até dentro da loja. Olhou em redor com ar de quem pede desculpa, como se aquele grosseiro barulho fosse responsabilidade sua e não da natureza, e meteu uma embalagem debaixo do braço para poder fechar um guarda-chuva às riscas pretas e brancas.

Tanto o homem como o guarda-chuva pingavam, com ar de luto, para cima do quadrado de tapete do lado de dentro da porta, enquanto a chuva fria da Primavera fustigava as ruas e passeios do outro lado. Ficou onde estava, como se não tivesse a certeza de ser bem-vindo.

Laine virou a cabeça e lançou-lhe um sorriso que só tinha afabilidade e um convite simpático. Era um ar a que os amigos chamariam o sorriso educado da lojista.

Bem, que diabo, era uma lojista educada — e naquele momento esse cognome estava a ser duramente posto à prova.

Se soubesse que a chuva lhe traria clientes para a loja em vez de os manter afastados, não teria dado o dia a Jenny. Não que se importasse com a afluência. Uma mulher não abria uma loja se não quisesse freguesia, fosse qual fosse o estado do tempo. E uma mulher não abria uma loja na Santa Terrinha, EUA, sem perceber que passaria tanto tempo a conversar, a ouvir e a arbitrar discussões, assim como a conseguir vendas.

E não fazia mal, pensou Laine, era bom, mas se Jenny estivesse a trabalhar em vez de passar o dia a pintar as unhas dos pés e a ver telenovelas, teria sido Jenny a atender as Gémeas.

Darla Price Davis e Carla Price Davis tinham o cabelo pintado da mesma cor louro-acinzentado. Usavam gabardinas azuis idênticas e bolsas em forma de crescente a condizer. Terminavam as frases uma da outra e comunicavam numa espécie de código que incluía muito franzir de sobrancelhas, franzir de lábios, encolher de ombros e acenar de cabeças.

O que poderia ser giro em crianças de oito anos era simplesmente estranho em mulheres de quarenta e oito.

Não obstante, Laine lembrou-se de que nunca iam à Naquele Tempo sem largar uma nota. Poderiam demorar horas a largá-la, mas por fim lá haveria uma venda. Pouca coisa animava o coração de Laine como o toque da caixa registadora.

Hoje estavam à caça de uma prenda de noivado para a sobrinha, e nem a chuva persistente nem a trovoadas tinha impedido. Também não

impedira o jovem casal ensopado que — diziam — fizera um desvio em Angel's Gap por capricho, a caminho de Washington.

Nem o homenzinho molhado com o guarda-chuva às riscas que parecia, aos olhos de Laine, algo agitado e perdido.

Por isso, abriu um sorriso ainda mais caloroso. — Vou já atendê-lo — disse, e voltou às Gêmeas.

— Porque não continuam a procurar? — sugeriu Laine. — Pensem à vontade. Assim que eu...

A mão de Darla fechou-se no seu pulso, e Laine soube que não podia fugir.

— Temos de decidir. A Carrie tem mais ou menos a sua idade, querida. Que desejaria *você* para prenda de noivado?

Laine não precisava de transcrever o código para ver que era uma farpa não muito subtil. Afinal tinha vinte e oito anos e nunca casara. Não estava noiva. Nem saía com ninguém em especial de momento. Era um crime antinatura, segundo as Gêmeas Price.

— Sabe — atalhou Carla — a Carrie conheceu o Paul na ceia de esparguete do Kawanian no Outono passado. Você devia sair mais, Laine.

— Pois devia — concordou Laine com um sorriso encantador. *Se quisesse andar com um contabilista careca e divorciado com sinusite.* — Sei que a Carrie vai adorar seja o que for que escolherem. Mas talvez a prenda de noivado das tias deva ser mais personalizada do que castiçais. São lindos, mas o conjunto de toucador é tão feminino. — Escolheu a escova de prata no conjunto que estavam a ver. — Imagino que outra noiva a tenha usado na noite de núpcias.

— Mais personalizada — começou Darla. — Mais...

— Ameninado. Sim! Podíamos comprar os castiçais para...

— Prenda de casamento. Mas se calhar devíamos ver as jóias antes de comprarmos o conjunto de toucador. Qualquer coisa com pérolas? Qualquer coisa...

— Antiga que ela pudesse usar no dia do casamento. Reserve os castiçais e o conjunto, querida. Vamos ver as jóias antes de decidirmos qualquer coisa.

A conversa parecia uma bola de ténis em serviço e saía de duas bocas idênticas pintadas em tom coral. Laine congratulou-se pelo jeito e a atenção que tinha enquanto acompanhava quem dizia o quê.

— Boa ideia. — Laine levantou os antigos e belíssimos castiçais Dresden. Não se podia dizer que as Gêmeas não tivessem bom gosto, nem que se acanhavam de arejar os cartões de crédito.

Começou a levar as compras para o balcão quando o homenzinho lhe apareceu ao caminho.

Entreolharam-se, e os olhos dele eram azuis pálidos e deslavados, avermelhados com a falta de sono ou com muito álcool ou alergias. Laine decidiu-se pela falta de sono, dado que também tinham papos de cansaço. O cabelo estava uma massa grisalha em desalinho com a chuva. Trazia um sobretudo caro da Burberry e um guarda-chuva de três dólares. Presumiu que tivesse feito a barba à pressa nessa manhã, pois deixara um bocado grisalho junto ao maxilar.

— Laine.

Disse o nome dela com uma urgência e intimidade que lhe transformaram o sorriso num ar de confusão educada.

— Sim? Desculpe, mas eu conheço-o?

— Não se recorda de mim. — O corpo dele parecia querer inclinar-se. — Já foi há muito tempo, mas pensei...

— Menina! — chamou a mulher que ia a caminho de Washington. — Mandam por correio?

— Sim, senhora. — Ouvia as Gémeas numa das suas discussões em código sobre brincos e pregadeiras, e sentiu o impulso de comprar no casal de Washington. O homenzinho olhava-a com uma intimidade esperançosa que lhe causava arrepios.

— Desculpe, estou mesmo atarefada esta manhã. — Ladeou o balcão para pousar os castiçais. A intimidade, recordou-se, fazia parte do ritmo das terrinhas. O homem talvez já lá tivesse estado, e era ela que não conseguia lembrar-se dele. — Posso ajudá-lo nalguma coisa específica, ou prefere ver o que temos exposto?

— Preciso que me ajude. Não há tempo. — Sacou de um cartão e pô-lo na mão dela. — Ligue-me para este número, assim que puder.

— Senhor... — Olhou para o cartão e leu o nome dele. — Peterson, não compreendo. Pretende vender alguma coisa?

— Não, não. — A gargalhada dele soou histérica e Laine agradeceu mentalmente ter mais clientes na loja. — Já não. Explicarei tudo, mas agora não. — Olhou em volta. — Aqui não. Não devia ter cá vindo. Ligue para o número.

Fechou a mão sobre a dela de uma maneira que obrigou Laine a reprimir o instinto de se libertar. — Prometa-me.

Cheirava a chuva e a sabonete e a... Brut, percebeu ela. E o *after-shave* fez-lhe lembrar qualquer coisa, mas nem soube o quê. Os dedos dele apertaram-lhe a mão. — Prometa-me — repetiu num sussurro áspero, e ela só viu um homem estranho de casaco molhado.

— Claro.

Viu-o ir para a porta, abrir o guarda-chuva reles. E soltar um suspiro de alívio quando saltitou para a chuva. *Bizarro* foi a única palavra

em que ela pensou, mas estudou o cartão por um momento.

Tinha o nome impresso, Jasper R. Peterson, mas o número de telefone estava escrito à mão e sublinhado duas vezes.

Meteu o cartão no bolso e preparou-se para dar ao casal viajante um empurrãozinho amistoso, quando se ouviu um carro a travar no piso molhado e gritos alarmados, e ela girou nos calcanhares. Houve mais um barulho horrível, um som cavo que ela nunca esqueceria. Tal como nunca esqueceria ter visto o estranho homenzinho no seu casaco à moda ir contra a montra da loja.

Saiu porta fora, para a chuva incessante. Ouviam-se passos e algures por ali o ruído de metal contra metal e vidros a partirem-se.

— Sr. Peterson — Laine agarrou-lhe na mão, e debruçou-se numa tentativa vã de lhe cobrir o rosto ensanguentado da chuva. — Não se mexa. Chamem uma ambulância! — gritou e tirou o casaco para o tapar o melhor que pôde.

— Vi-o. Vi-o. Não devia ter vindo. Laine.

— Vem aí ajuda.

— Deixou-o para ti. Ele queria que eu to desse.

— Está tudo bem. — Afastou o cabelo que lhe pingava para os olhos e aceitou o guarda-chuva que alguém lhe estendia. Colocou-o sobre ele e inclinou-se mais, pois ele puxava-lhe debilmente pela mão.

— Tem cuidado. Lamento muito. Tem cuidado.

— Tenho. Claro que tenho. Mas não se mexa, poupe as forças, Sr. Peterson. Vem aí ajuda.

— Tu não te lembras. — O sangue saía-lhe da boca e ele sorria. — A pequena Lainie. — Respirou fundo e tossiu sangue. Ela ouviu as sirenes e ele começou a cantarolar numa voz fina e ofegante.

— Vou fechar cuidados e pesares — cantarolou e depois arquejou. — *Adeus, oh melro.*

Ela olhava-lhe para a cara pisada e sentiu alfinetadas na pele que já estava gelada. As recordações, tão longínquas, apareceram. — Tio Willy? Oh, meu Deus.

— Gostava desse. Fiz asneira — disse ele sem fôlego. — Desculpa, achei que seria seguro. Não devia ter vindo.

— Não compreendo. — As lágrimas queimavam-lhe na garganta, corriam-lhe pelas faces. Ele estava a morrer. Estava a morrer porque ela não o tinha reconhecido, e o mandara para a chuva. — Tenho muita pena. Tenho tanta pena.

— Ele sabe onde estás agora. — Revirou os olhos. — Esconde o canito.

— O quê? — debruçou-se mais até os lábios dela quase tocarem

nos dele. — O quê? — mas a mão que ela tinha nas suas estava morta.

Os paramédicos afastaram-na. Ouviu-lhes o diálogo curto e conciso — gíria médica que ela se habituara a ver na televisão, que quase podia recitar de cor. Mas aquilo era verdade. O sangue que se diluía na chuva era verdadeiro.

Ouviu uma mulher soluçar e dizer repetidamente em voz aguda: — Ele meteu-se mesmo à minha frente. Não consegui travar a tempo. Ele correu para a frente do carro. Ele está bem? Ele está bem? Ele está bem?

Não, queria dizer Laine. Não está nada bem.

— Venha para dentro, querida. — Darla pôs o braço nos ombros de Laine e puxou-a para trás. — Está ensopada. Já não pode fazer mais nada aqui.

— Devia fazer alguma coisa. — Olhou para o guarda-chuva partido, as riscas alegres todas sujas agora, e pingos de sangue.

Devia tê-lo mandado sentar à lareira. Ter-lhe dado uma bebida quente e deixá-lo aquecer-se e secar-se em frente ao lume. Assim estaria vivo. A contar-lhe histórias e piadas tontas.

Mas não o reconhecera, e ele estava a morrer.

Não podia ir para dentro, sair da chuva, e deixá-lo sozinho com estranhos. Mas nada havia a fazer excepto olhar, impotente, enquanto os paramédicos lutavam em vão para salvar a vida ao homem que outrora se rira das gracinhas dela e lhe cantara cantigas tolas. Morreu em frente à loja que ela trabalhara tanto para ter, e deixara à porta as recordações todas de que ela pensara ter fugido.

Era uma mulher de negócios, um pilar da comunidade, e uma fraude. Nas traseiras da loja, serviu duas canecas de café e soube que ia mentir a um homem a quem considerava um amigo. E negar qualquer conhecimento de um ente outrora querido.

Tentou recompor-se, passou as mãos pela massa húmida de cabelo ruivo, o qual usava normalmente num rabo-de-cavalo que lhe chegava aos ombros. Estava pálida, e a chuva levava-lhe a maquilhagem, aplicada sempre com tanto cuidado, pelo que se viam as sardas no nariz fino e nas faces. Os olhos, um azul brilhante como o de um viking, estavam vítreos com o choque e a dor. A boca, ligeiramente grande de mais para o rosto angular que ela tinha, ameaçava tremer.

Observou o seu reflexo no espelho com moldura dourada que tinha na parede do escritório. E viu aquilo que era. Bem, faria o que fosse preciso para sobreviver. Willy certamente compreenderia isso. Faz o que vier primeiro, disse de si para si, e depois pensa no resto.

Respirou fundo, expirou e depois pegou no café. Tinha as mãos

quase firmes quando entrou na loja principal e se preparou para prestar falso testemunho ao chefe da polícia de Angel's Gap.

— Desculpa ter demorado tanto tempo — disse ela com as canecas na mão, enquanto se dirigia a Vince Burger, perto da pequena lareira.

Este era um homem grande como um urso, com uma melena de cabelo louro-esbranquiçado quase em pé, como se surpreendido por dar consigo em cima da cara larga e descontraída. Os olhos, de um azul mortíço e deslavado com ruguinhas, estavam cheios de compaixão.

Era marido de Jenny, e viera a ser como um irmão para Laine. Porém, ela agora pensava nele como polícia, e em como tudo o que ela conquistara estava em jogo.

— Porque não te sentas, Laine? Foi um choque muito grande.

— Sinto-me como que dormente. — Era bem verdade, não tinha de mentir a respeito de tudo, mas foi bebericar o café e ver a chuva, para não ter de encontrar aqueles olhos compassivos. — Agradeço que tenhas vindo tu ouvir o meu depoimento, Vince. Sei que tens que fazer.

— Achei que ficarias mais à vontade.

É melhor mentir a um amigo do que a um estranho, pensou ela amargamente. — Não sei que te diga. Não vi o acidente propriamente dito. Ouvi... ouvi os travões a chiar, gritos, um barulho horrível, e depois vi... — Não fechou os olhos. Se os fechasse, voltaria a ver tudo. — Vi-o embater na janela, como se o tivessem atirado. Saí a correr, fiquei com ele até chegarem os paramédicos. Foram rápidos. Pareceram horas, mas foram só minutos.

— Ele esteve aqui dentro antes do acidente.

Agora ela fechava os olhos, e preparou-se para o que tivesse que fazer para se proteger. — Sim. Tive vários fregueses esta manhã, o que mostra que nunca devia dar folga a Jenny. As Gémeas estiveram cá, e um casal que passou por aqui a caminho de Washington. Estava ocupada quando ele entrou, e deixou-se ficar a ver um bocado.

— A forasteira disse achar que vocês se conheciam.

— A sério? — Laine virou-se e afevelou um ar espantado, como um artista esperto saberia fazer num retrato. Foi até uma das duas cadeiras de braços que pusera em frente à lareira e sentou-se. — Não sei porquê.

— Impressão — disse Vince e encolheu os ombros. Sempre consciente do seu tamanho, sentou-se lenta e cuidadosamente, na outra cadeira. — Diz que ele te pegou na mão.

— Bem, demos um aperto de mão, e ele deu-me um cartão. — Laine tirou-o do bolso, e obrigou-se a olhar para a cara de Vince. O lume crepitava, caloroso, e embora sentisse o calor na pele, tinha frio. Muito frio. — Disse que queria falar comigo quando eu não estivesse tão ocupada. Que tinha qualquer coisa para vender. Acontece com frequência — acrescentou,

dando o cartão a Vince. — E é assim que eu mantenho a loja aberta.

— Pois. — Ele meteu o cartão no bolso da camisa. — Alguma coisa em especial em relação a ele?

— Só que tinha um belo sobretudo e um guarda-chuva fracote — e que não parecia do género de deambular por terrinhas. Tinha um ar urbano.

— Tu também, aqui há uns anos. Aliás... — Estreitou os olhos, estendeu a mão e passou o polegar pela face dela. — Ainda tens algum.

Ela riu-se, porque era o que ele queria. — Quem me dera poder ajudar mais, Vince. Que coisa tão horrorosa.

— Sei dizer-te que temos quatro depoimentos diferentes. Todos dizem que o tipo saiu da loja a correr e se meteu à frente do carro. Como se estivesse assustado ou coisa assim. Pareceu-te assustado, Laine?

— Não lhe dei atenção. O facto é que, Vince, praticamente o mandei embora quando percebi que não queria comprar nada. Tinha fregueses. — Abanou a cabeça quando a voz lhe fraquejou. — Parece uma falta de chá agora.

A mão que Vince pôs nas suas para a confortar fê-la sentir-se vil. — Não sabias o que ia acontecer. Foste a primeira a chegar a ele.

— Ele estava mesmo à porta. — Teve que beber um grande gole de café para lavar a mágoa que sentia na garganta. — Quase no degrau.

— E falou contigo.

— Sim. — Tornou a pegar no café. — Não fez grande sentido. Pediu desculpa umas duas vezes. Não me parece que soubesse quem eu era nem o que tinha acontecido. Acho que delirava. Chegaram os paramédicos e... e ele ficou-se. Que vais fazer agora? Quero dizer, ele não é daqui. O número de telefone é de Nova Iorque. Fico a pensar se ele estava só de passagem, para onde iria, de onde seria.

— Vamos tentar saber isso tudo para darmos parte aos familiares mais próximos. — Vince levantou-se e pôs-lhe uma mão no ombro. — Não vou dizer-te que esqueças tudo, Laine. Não vais conseguir, durante algum tempo. Vou dizer-te sim que fizeste o que pudeste. Não se pode fazer mais do que isso.

— Obrigada. Vou fechar por hoje. Quero ir para casa.

— Boa ideia. Queres boleia?

— Não, obrigada. — Foi a culpa, mais do que o afecto, que a fizeram pôr-se em bicos de pés para lhe dar um beijo na face. — Diz à Jenny que a vejo amanhã.

O nome dele, pelo menos o nome que ela sabia, era Willy Young. Provavelmente William, pensou Laine, enquanto o carro subia o caminho de cascalho. Não era tio dela a sério — tanto quanto ela sabia — mas sim

honorário. Um que tinha sempre alcaçuz vermelho na algibeira para uma rapariguinha.

Ela não o via há quase vinte anos, e nessa altura ele tinha o cabelo castanho e a cara mais redonda. E sempre tivera uma passada viva.

Não admirava que não o tivesse reconhecido no homenzinho curvado e nervoso que lhe entrara na loja.

Como é que ele tinha dado com ela? E *porquê?*

Dado que ele era, tanto quanto ela sabia, o melhor amigo do pai, partiu do princípio de que ele era — tal como o pai — ladrão, vigarista, alguém que cometia pequenos delitos. Não era o tipo de conhecimentos que uma mulher de negócios respeitável queria ter.

E por que diabo se havia de sentir pequenina e culpada?

Travou e ficou a olhar para a casinha bonita no montinho bonito, através dos limpa pára-brisas.

Adorava o sítio. Era dela. A casa dela. Era uma casa de dois pisos grande de mais para uma mulher sozinha, mas ela adorava poder deambular por ela. Estimava cada momento que passara a decorar meticulosamente cada dependência a seu gosto. E só a seu gosto.

Sabendo, como sabia, que nunca, nunca, teria de fazer as malas num instante ao som de *Adeus, oh melro* e fugir.

Adorava poder ocupar-se com o quintal, o jardim, podar arbustos, cortar a relva, arrancar ervas daninhas. Coisas simples. Coisas simples e *normais* para uma mulher que passara a primeira parte da vida a fazer pouca coisa normal.

Tinha direito, não tinha? De ser Laine Tavish e tudo o que isso significava? A loja, a terrinha, a casa, os amigos, a *vida*. Tinha direito a ser a mulher que criara para si.

Não teria ajudado Willy em nada se tivesse dito a verdade a Vince. Não teria mudado nada para ele, e poderia ter mudado tudo para ela. Vince não tardaria a descobrir que o homem na morgue da comarca não era Jasper R. Peterson mas sim William Young, e os pseudónimos que pudesse haver.

Teria cadastro. Ela sabia que Willy tinha cumprido pena pelo menos uma vez junto com o pai. — Irmãos de armas — dissera o pai, e ela ainda podia ouvir o riso dele, aberto e sonante.

Como ficava furiosa com aquilo, saiu do carro e bateu com a porta. Correu para casa, à procura das chaves.

Acalmou-se, quase de imediato, quando a porta se fechou atrás de si e a casa a rodeou. A calma, os aromas a óleo de citronela que as mãos dela haviam passado na madeira, e a doçura subtil das flores de Primavera que trouxera do jardim apaziguaram-lhe os nervos em franja.

Pôs as chaves no prato típico japonês, um *raku*, que tinha na mesinha da entrada, tirou o telemóvel da mala e pô-lo a carregar. Descalçou-se, tirou o casaco, pendurou-o no poste da escada e pousou a mala no primeiro degrau.

Seguiu a rotina que tinha e dirigiu-se à cozinha. Normalmente teria posto a chaleira ao lume e visto o correio que tirara da caixa ao fundo do caminho enquanto a água aquecia.

Mas hoje serviu-se de um grande copo de vinho.

E bebeu-o ao pé do lava-louça, a olhar pela janela para o quintal.

Tinha tido um quintal — por duas vezes — em pequena. Lembra-se de um no... Nebraska? Iowa? Que importava? pensou, e bebeu mais um gole de vinho. Gostava do quintal porque tinha uma árvore grande e velha logo no meio, e ele pendurara um pneu velho numa corda grande e grossa.

E empurrava-a tão alto que ela achava estar a voar.

Não tinha a certeza de quanto tempo tinham ficado nem recordava nada da casa. A maioria da infância era uma memória desfocada de lugares e caras, viagens de carro, a azáfama de fazer as malas. E ele, o pai, com o riso sonante e as mãos grandes, o sorriso irresistível e as promessas desatentas.

Ela passara a primeira década da sua vida desesperadamente enamorada pelo homem, e o resto da vida a fazer o que podia para esquecer que ele existira.

Se ele estivesse em apuros, outra vez, ela não tinha nada a ver com isso.

Já não era a pequena Laine do Jack O'Hara. Era Laine Tavish, cidadã respeitável.

Olhou para a garrafa de vinho e serviu-se com um encolher de ombros. Uma mulher crescida podia embebedar-se na sua própria cozinha, por amor de Deus, especialmente se tivesse visto um fantasma do passado a morrer a seus pés.

Com o copo na mão, foi até à porta das traseiras atender os latidos esperançosos do lado de fora.

Entrou como um tiro de canhão — um tiro de canhão peludo e de orelhas grandes. Fixou as patas na barriga dela, e o focinho comprido tocou-lhe na cara, antes de a língua lhe cobrir as faces de um afecto molhado e desesperado.

— Está bem, está bem! Também estou contente por te ver. — Por mais que se sentisse em baixo, as boas-vindas de Henry, aquele cão espantoso, nunca deixavam de a animar.

Salvara-o do canil dois anos antes, tinha sido para trazer um cachorrinho.

Sempre quisera uma bolinha de pêlo para treinar desde pequena.

Mas quando o vira... — grande, desajeitado, espantosamente feio naquele pêlo cor de lama. Um cruzamento, pensou ela, entre urso e papa-formigas. E rendera-se no momento em que ele olhara para ela pela porta da jaula.

Toda a gente merece uma oportunidade, pensara, e assim salvara Henry do canil. Ele nunca lhe dera razões para se arrepender. A sua adoração era absoluta, tanto que ele continuava a olhá-la assim, mesmo quando ela lhe enchia a malga de comida.

— Hora de comer, rapaz.

Ao sinal, Henry mergulhou a cabeça na malga com toda a seriedade.

Ela também devia comer. Qualquer coisa para ensopar o vinho, mas não lhe apetecia. Com tanto vinho no sangue, não conseguiria pensar, inquietar-se, preocupar-se.

Deixou a porta de dentro aberta e foi ver as trancas de fora. Podia alguém entrar pela porta do cão, se quisesse, mas Henry daria sinal.

Ladrava sempre que um carro subia o caminho, e embora castigasse o intruso com baba e excitação — depois de deixar de tremer de medo — ela nunca tivera qualquer surpresa. E nunca, nos quatro anos em Angel's Gap, tivera problemas em casa, ou na loja.

Até hoje, lembrou-se.

Decidiu trancar a porta do cão e deixar Henry sair pela frente para a volta nocturna.

Pensou em telefonar à mãe, mas para quê? A mãe tinha uma vida boa e respeitável agora, com um homem bom e respeitável. Conquistara-a. De que valia irromper nessa bela vida e dizer: «Olha, encontrei o Tio Willy hoje, e um Jeep Cherokee também».

Levou o vinho com ela para o andar de cima. Faria um jantarinho, tomaria um banho quente, deitar-se-ia cedo.

Encerraria os acontecimentos daquele dia.

Deixou-o para ti, dissera ele, lembrou-se. Provavelmente a delirar. Mas se ele tivesse deixado alguma coisa, ela não queria nada.

Já tinha tudo o que queria.

Max Gannon deu ao médico uma nota de vinte para dar uma olhadela ao cadáver. Na experiência de Max, a efigie de Andrew Jackson ultrapassava a burocracia mais depressa do que explicações e papelada e mais camadas de burocracia.

Soubera das más notícias sobre Willy pelo funcionário do motel Red Roof Inn, que era até onde tinha seguido o vigarista. A polícia já lá tinha

estado, mas Max investira a primeira nota de vinte do dia no número e na chave do quarto.

A polícia ainda não levava a roupa dele, nem fizera grande busca, pelo ar do quarto. Porque fariam, em caso de acidente de viação? Mas assim que identificassem Willy, voltariam para ver melhor.

Willy não desfizera as malas, reparou Max, a escrutinar o quarto. As peúgas e a roupa interior e duas camisas ainda estavam impecavelmente dobradas na mala Louis Vuitton. Willy era arrumadinho e adorava coisas de marca.

Pendurara um fato no roupeiro. Cinzento, não cruzado, Hugo Boss. Um par de sapatos Ferragamo, junto com as formas, alinhados no chão.

Max vasculhou os bolsos e apalpou o forro. Tirou as formas de dentro dos sapatos e meteu os dedos compridos até à biqueira.

Na casa de banho, vasculhou o conjunto de toilette da Dior. Levantou a tampa do autoclismo, agachou-se para ver por detrás, e debaixo do lavatório.

Abriu as gavetas, remexeu na mala, virou o colchão.

Levou menos de uma hora a revistar o quarto e a ver que Willy não deixara nada de importante. Quando de lá saiu, estava tudo tão arrumado e com um ar tão intocado como quando entrara.

Pensou em dar ao empregado outra de vinte para não contar à polícia, mas depois achou que lhe poderia dar ideias.

Entrou para o Porsche, pôs a tocar Springsteen e dirigiu-se à morgue da comarca para verificar que a pista mais forte que tinha estava em gelo.

— Estúpido. Caraças, Willy, achei que eras mais esperto do que isto.

Max resfolegou a olhar para a cara de Willy. *Por que diabo correste?* E que poderia haver de tão importante numa terriola do Maryland?

O quê, pensou Max, ou quem?

Dado que Willy já não lhe podia dizer, Max meteu-se no carro e foi até Angel's Gap retomar a pista multimilionária que tinha.

Quem queria saber o que se passava num sítio pequeno, ia aonde o povo se reunia. De dia, café e comida. De noite, álcool.

Depois de decidir que ficaria em Angel's Gap um dia ou dois, Max registou-se naquilo que se chamava The Historic Wayfarer's Inn e tomou um duche para limpar as primeiras doze horas do dia. Era tarde para ir bater à porta número dois.

Comeu um hambúrguer muito bom do serviço de quartos, sentado ao computador portátil, a ver a página da Câmara de Comércio de Angel's Gap. A secção Vida Nocturna dava-lhe várias opções de bares, discotecas e

cafés. Queria um bar de bairro, o tipo de sítio onde os conterrâneos bebessem uma cerveja ao fim do dia e falassem uns dos outros.

Escolheu três que podiam encaixar, procurou indicações para as moradas e acabou o hambúrguer enquanto estudava uma impressão do mapa de Angel's Gap.

Era um sítio jeitoso, pensou ele, aninhado nas montanhas. Vistas de morrer, imensas opções recreativas para entusiastas de desporto ou tarados por campismo. Ritmo lento o suficiente para quem quisesse livrar-se da cidade, mas com bolsas de cultura cheias de classe — e a uma distância razoável das principais áreas metropolitanas, para quem quisesse passar o fim-de-semana nas montanhas do Maryland.

A Câmara de Comércio gabava as oportunidades de caça, pesca, caminhada e outras actividades ao ar livre — e nenhuma atraía o cidadão que Max era.

Se quisesse ver ursos e veados no seu habitat natural, escolheria o canal Discovery.

Mesmo assim, o sítio tinha encanto, com as ruas íngremes e edifícios antigos de sólida tijoleira vermelha. O rio Potomac dividia a cidade em duas, e as pontes que o atravessavam eram típicas. Muitos pináculos de igrejas, alguns com toques de cobre que enverdecera com o tempo e o clima. Onde estava podia ouvir o silvo de um comboio que se alongava e ecoava a assinalar a passagem.

Não tinha dúvidas de que fosse de encher o olho no Outono, quando as árvores se enchiam de cores, e bonito como um bilhete-postal quando a neve cobrisse tudo. Mas nada explicava por que razão um vigarista como Willy Young se deixara ceifar por um carro desportivo na Market Street.

Para achar essa peça do quebra-cabeças, Max fechou o portátil, agarrou no blusão preferido e foi correr as capelinhas.

2.

Ignorou a primeira escolha sem sequer parar. A floresta de Harleys à porta mostrava que era um bar de motoqueiros e não um sítio onde se falasse de negócios com uma cerveja na mão.

A segunda levou dois minutos a identificar como antro de universitários, com música alternativa estranha e dois tipos com ar sério a jogar xadrez a um canto, enquanto o resto se dedicava a rituais de acasalamento típicos.

Mas à terceira acertou.

O Artie's era o tipo de sítio onde um tipo podia levar a mulher, mas

não a amante. Era onde se ia conviver, encontrar amigos ou beber uma a caminho de casa.

Max teria apostado e ganhado em como noventa por cento da freguesia sabia os nomes uns dos outros, e boa parte dela seria aparentada.

Foi até ao bar, pediu uma imperial Beck's e avaliou o ambiente. O canal ESPN na televisão, sem som, aperitivos em cestinhos plásticos. Um tipo negro enorme a servir ao balcão, e duas empregadas às mesas.

A primeira fazia-lhe lembrar a bibliotecária do liceu, o que o fazia pensar que ela já tinha visto de tudo e nada do que tinha visto lhe agradara. Era baixa, larga de ancas e com quarenta e muitos. Lançou-lhe um olhar em como não toleraria conversa fiada.

A segunda tinha vinte e poucos e era do tipo atiradiço. Exibia um corpo bem apetrechado numa camisola preta justa e calças de ganga pintadas. Passava tanto tempo a mexer no cabelo louro encaracolado quanto a levantar mesas.

Pelo modo como se deixava ficar numa e noutra mesa, a fazer conversa, Max apostou que poderia ser o jornal da terrinha.

Avaliou o tempo e depois lançou-lhe um sorriso encantador quando ela passou pelo bar para fazer pedidos. — Casa cheia.

Ela lançou-lhe também um sorriso encantador. — Oh, nem por isso. — Posicionou-se melhor e virou o tronco para ele, num claro convite à conversa. — De onde é?

— Ando por todo o lado. Negócios.

— Tem sotaque do Sul.

— Apanhou-me. Savannah, mas há muito tempo que não vou a casa. — Estendeu a mão. — Max.

— Olá, Max. Sou a Angie. Que tipo de negócio o traz à Gap?

— Seguros.

O tio dela vendia seguros e não enfeitava assim um banco de bar como aquele. Metro e noventa, a maioria pernas, e noventa quilos de músculo, na avaliação dela. E Angie achava que sabia avaliar bem o que lhe aparecia pela frente.

Havia muito cabelo castanho grisalho, encaracolado pela humidade, em redor de uma cara magra. Os olhos eram castanhos e amistosos, mas algo duros. Depois o sotaque arrastado, e um dente canino ligeiramente torto para que o sorriso não fosse perfeito.

Gostava de homens duros com algumas imperfeições.

— Seguros? Nunca diria.

— É como um jogo, não é? — Meteu um pretzel na boca e tornou a sorrir. — A maioria das pessoas gosta de jogar. Assim como gosta de pensar que vai viver para sempre. — Bebeu um gole de cerveja, e reparou que ela

olhava para a sua mão esquerda. À procura de aliança, pensou ele. — Mas não. Ouvi dizer que um pobre diabo esticou o pernil na Main Street esta manhã.

— Market — corrigiu ela, e ele fez um ar confuso. — Aconteceu esta manhã na Market Street. Meteu-se à frente do Cherokee da Missy Leager. Ela está muito em baixo também.

— Que coisa. Não parece ter sido culpa dela.

— E não foi. Muita gente viu o que se passou, e ela não podia ter feito nada para evitar. Ele correu para a frente do carro.

— Isso é mau. E ela devia conhecê-lo, numa terra pequena como esta.

— Não, ninguém o conhecia. Não era de cá. Ouvi dizer que ele esteve na Naquele Tempo — eu trabalho lá a meio tempo — mesmo antes. Vendemos antiguidades e curiosidades e tal. Acho que ele só foi lá ver. Horrível. Horrível mesmo.

— É mesmo. Estava lá quando aconteceu?

— Não. Esta manhã não trabalhei. — Calou-se, como se debatesse mentalmente se estava contente ou com pena de ter perdido aquilo. — Não sei como é que se corre para a frente de um carro daquela maneira. Chovia muito. Acho que ele não viu o carro.

— Pouca sorte.

— Pois foi.

— Angie, as bebidas não se servem sozinhas!

Era a bibliotecária e Angie revirou os olhos. — Já lá vou. — Piscou o olho a Max e levantou a bandeja. — Vejo-te por aí?

— Podes apostar.

Quando Max voltou ao hotel, já tinha uma boa percepção dos movimentos de Willy. Este entrara no hotel cerca das dez da noite do dia anterior e pagara em dinheiro para ficar três dias. Não o iam reembolsar. Tomara o pequeno-almoço sozinho num café na manhã seguinte, depois fora num carro alugado até Market Street, e estacionara dois quarteirões a norte da Naquele Tempo.

Dado que a esta altura Max não o conseguia encaixar em mais loja nem firma nenhuma daquela secção, a razão mais lógica para estacionar àquela distância do seu presumível destino, à chuva, era a cautela. Ou a paranóia.

Visto que tinha morrido, a cautela seria a aposta mais segura.

Por conseguinte, o que teria Willy querido de uma loja de antiguidades em Angel's Gap para deixar pegadas desde Nova Iorque — e feito tudo para encobrir tais pegadas?

O posto de um receptor? Um contacto?

Mais uma vez, Max ligou o computador e entrou na página inicial da

cidade. Em dois cliques, chegou à Naquele Tempo. Antiguidades, joalheria oriunda de património, colecionáveis. Compra e venda.

Escrevinhou o nome da loja num bloco, acrescentou *Receptor?*, e fez dois círculos à volta da pergunta.

Leu as horas de abertura ao público, números de telefone e fax, correio electrónico, e o facto de alegarem fazer entregas no mundo inteiro.

Depois leu o nome da proprietária.

Laine Tavish.

Não constava da lista dele, mas mesmo assim foi ver. Não havia Laine, nem havia Tavish. Mas havia Elaine O'Hara. A única filha do Big Jack.

De lábios franzidos, Max recostou-se na cadeira. Ela teria... vinte e oito, vinte e nove anos agora. Não seria interessante se a filhota do Big Jack seguisse a vida de roubo do pai, tivesse mudado de nome e assentado numa bonita terrinha na montanha?

Era uma peça do quebra-cabeças que só podia encaixar, pensou Max.

Quatro anos a viver em Angel's Gap significavam que Laine sabia exactamente o que esperar quando abriu a Naquele Tempo naquela manhã.

Jenny chegaria, ligeiramente atrasada, com donuts frescos. Aos seis meses de gravidez, Jenny raramente passava vinte minutos sem desejos de qualquer coisa cheia de açúcar e gordura. Por conseguinte, Laine olhava para a sua balança da casa de banho com um olho fechado.

Jenny iria complementar os donuts com um termo de chá de ervas em que se viciara desde a concepção, e exigir saber todos os pormenores do acontecimento do dia anterior. Ser casada com o chefe da polícia não a impediria de querer a versão de Laine para acrescentar aos dados já acumulados.

Às dez em ponto, os curiosos começariam a entrar. Alguns, pensou Laine enquanto enchia a caixa registadora de trocos, fingiriam ver os artigos, e outros nem se dariam ao trabalho de disfarçar que queriam coscuvilhice.

Teria de passar por tudo outra vez. Teria de mentir outra vez, ou pelo menos fugir alegando que nunca antes vira o homem que dizia chamar-se Jasper Peterson.

Há muito tempo que não tinha de usar uma máscara só para ultrapassar o dia. E deprimia-a pensar em como era fácil.

Estava pronta quando Jenny entrou a correr cinco minutos atrasada.

Jenny tinha cara de anjo maroto. Era redonda e macia, branca e rosada, e tinha olhos espertos cor de amêndoa que subiam muito ligeiramente

nos cantos exteriores. O cabelo era uma massa de caracóis pretos, muitas vezes, como era o caso naquele dia, apanhados de qualquer maneira no alto da cabeça. Usava uma camisola vermelha enorme que se esticava na barriga de grávida, calças largas e Doc Martens antigas.

Era tudo o que Laine não era — desorganizada, impulsiva, indisciplinada e um torvelinho emocional. E era exactamente o tipo de amiga que Laine sempre quisera na infância.

Laine considerava uma dádiva do destino ter Jenny na sua vida.

— Estou esganada. Tens fome? — Jenny largou a caixa da padaria no balcão e abriu a tampa. — Nem podia aguentar o *cheiro* destas coisas nos dois minutos que levei a chegar aqui do Krosen's. Acho que até comecei a gerar. — Enfiou grande parte de um donut com geleia na boca e falou mesmo assim. — Fiquei preocupada contigo. Sei que disseste que estavas bem quando telefonei ontem à noite, só com uma dor de cabeça, não querias falar sobre isso, blá, blá, blá, mas a Mamã preocupa-se, fofinha.

— Estou bem. Foi horrível, mas estou bem.

Jenny estendeu a caixa. — Come açúcar.

— Oh, Deus. Sabes quanta ginástica terei de fazer para tirar isso do traseiro?

Jenny limitou-se a sorrir quando Laine cedeu e tirou um donut com creme. — E tens um traseiro tão bonito. — Esfregou a barriga lentamente em círculos enquanto via Laine a comer. — Não pareces ter dormido muito.

— Não. Não sossegava. — Apesar de um grande esforço para não o fazer, olhou para a montra. — Devo ter sido a última pessoa com quem ele falou, e despachei-o porque estava ocupada.

— Imaginas como se sente a Missy esta manhã? E é tanto culpa dela quanto tua. — Foi às traseiras, meio a bambolear-se, meio a marchar como fazia naquele sexto mês de gravidez e voltou com duas canecas. — Vais beber um chazinho com uma dose de açúcar. Vais precisar das duas coisas para te fortaleceres para a investida quando abrímos. Toda a gente vai querer cá vir.

— Eu sei.

— O Vince vai abafar a coisa até saber mais, mas vai saber-se, e acho que tens o direito de saber.

Ora cá está, pensou Laine. — Saber o quê?

— O nome do tipo? Não era o nome do cartão que ele te deu.

— Como?

— Não era o nome que tinha na carta de condução nem nos cartões de crédito — continuou Jenny, toda excitada. — Era um pseudónimo. Chamava-se William Young. *Escuta bem*. Tinha estado dentro.

Detestava ouvir falar do homem que ela recordava com tanto carinho como tendo estado dentro, como se isso o definisse. E detestava-se por nada fazer para o defender. — Estás a brincar? Aquele homenzinho?

— Furto, fraude, posse de bens roubados, e isto são só as penas. Do que arranquei ao Vince, era suspeito de muito mais. Como um criminoso profissional, Laine. E esteve aqui, a controlar o estaminé.

— Andas a ver muitos filmes antigos, Jenny.

— *Vá lá!* E se estivesse cá sozinha? E se ele estivesse armado?

Laine sacudiu o açúcar dos dedos. — E estava?

— Bem, não, mas podia estar. Podia ter-te assaltado.

— Um criminoso profissional vem até Angel's Gap para me roubar a loja? Caraças, a página *web* funciona mesmo.

Jenny tentou parecer aborrecida, mas depois riu-se. — Está bem, provavelmente ele não tencionava assaltar o estaminé.

— Vou afinar se continuares a chamar estaminé à loja.

— Mas tinha de haver coisa. Deu-te um cartão, não foi?

— Sim, mas...

— Portanto, *talvez* esperasse vender mercadoria roubada. Quem é que iria procurar aqui material desse? Como eu disse ao Vince, provavelmente fez um trabalhinho há pouco tempo, e talvez o receptor habitual já não existisse, ou coisa assim, e por isso teve de arranjar maneira de vender as coisas e depressa.

— E de todas as lojas de antiguidades do mundo inteiro, ele entra na minha? — riu-se, mas sentiu um aperto na barriga ao pensar se seria essa a razão de Willy lhe ter batido à porta.

— Bem, tinha de entrar numa, *porque não* a tua?

— Ah... porque isto não é o telefilme da semana?

— Tens de admitir que é estranho.

— Sim, é estranho, e é triste. E também são dez horas, Jen. Vamos abrir para ver o que o dia nos traz.

Trouxe, como se esperava, as coscuvilheiras e os basbaques, mas Jenny conseguiu trocar teorias com alguns clientes enquanto fazia vendas genuínas. Era cobardia, mas Laine decidiu escapular-se para as traseiras, com a desculpa da papelada, enquanto Jenny tratava da loja.

Mal tivera vinte minutos de solidão quando Jenny meteu a cabeça na porta. — Fofa, *tens* de ver isto.

— Só se for um cão a fazer malabarismos em cima de uma rodinha, senão tenho de actualizar esta folha de cálculo.

— É melhor. — Jenny fez sinal com a cabeça para a loja, e afastou-se com a porta aberta.

Já que lhe tinha aguçado a curiosidade, Laine saiu atrás dela. Viu-o,

com um copo de água da Depressão na mão, erguido contra a luz. Parecia delicado de mais, feminino de mais, para um homem que usava um blusão de aviador e botas de caminhada. Mas não foi desajeitado quando o pousou e pegou no par para observar também.

— Mmmm — Jenny fez o mesmo barulho que fazia em frente a donuts com geleia. — Alto, forte e espadaúdo, como qualquer mulher quer de uma só vez.

— As mulheres casadas e grávidas não devem cobiçar estranhos.

— Não quer dizer que não apreciemos o panorama.

— Metáforas misturadas. — Deu uma cotovelada à amiga. — E estás a fixá-lo. Limpa a baba e vai vender.

— Vai tu. Tenho de fazer chichi. Mulher grávida, sabes?

Antes que Laine pudesse objectar, Jenny safou-se para as traseiras. Mais divertida do que irritada, Laine atravessou a sala. — Bom-dia.

Fizera a cara amigável de vendedora quando ele se virou, e a olhou nos olhos.

Sentiu como que um murro no estômago, e vibrações até aos joelhos. Quase sentia todo e qualquer pensamento coeso a fugir-lhe da cabeça, e a dar lugar a qualquer coisa como: *Oh. Bem. Uau.*

— Bom-dia também para si. — Manteve o copo na mão e continuou a olhar para ela.

Tinha olhos de tigre, pensou ela debilmente. Olhos de gato grandes e perigosos. E o meio sorriso no rosto a olhar para ela fê-la sentir o que só podia ser desejo na garganta.

— Um... — fascinada com a própria reacção, soltou uma risadinha, e abanou a cabeça. — Desculpe, estava a divagar. É colecionador?

— Ainda não. A minha mãezinha sim.

— Oh. — Tinha mãezinha, que querido? — E ela gosta de um motivo em especial?

Ele agora sorria, e Laine sentiu-se alegremente levantar voo. — Não — seja lá o que for. Gosta... da variedade do inesperado. Eu também. — Pousou o copo. — Como este sítio.

— Como?

— Uma arca do tesouro escondida nas montanhas.

— Obrigada.

E ela também era, inesperada, pensou ele. Luminosa — o cabelo, os olhos, o sorriso. Linda como um bolo de morango e muito mais sensual. Não da maneira desassomburada com que a morena o impressionara, mas como que secreta e de surpresa que o fazia querer saber mais.

— Geórgia? — perguntou ela, e ele ergueu a sobrancelha esquerda.

— Apanhado.

— Tenho jeito para sotaques. A sua mãe faz anos em breve?

— Parou de fazer há coisa de dez anos. Chamamos-lhe simplesmente Dia da Marlene.

— Esperta. Esses copos são do motivo Sala de Chá, e há poucos. Não se costuma ver um conjunto destes, e em perfeitas condições. Posso fazer-lhe um bom preço pelo conjunto completo.

Ele tornou a pegar num, mas continuou a olhar para ela. — Posso pechinchar?

— É obrigatório. — Ela aproximou-se para erguer outro copo e mostrar-lhe o preço na base. — Como vê, custa cinquenta cada um, mas se quiser o conjunto, faça-lhe a duzentos e setenta e cinco.

— Espero que não lhe pareça mal, mas cheira mesmo bem. — Era um perfume fumado em que só se reparava quando já nos tinha pela trela. — Muito bem. Duzentos e vinte e cinco. — Ela nunca namoriscava, *nunca* namoriscava com clientes, mas deu consigo a virar-se para ele, um pouco mais próxima do que seria normal e a sorrir para aqueles olhos perigosos. — Obrigada, folgo em saber. Duzentos e sessenta, e é um roubo.

— Inclua a entrega em Savannah, jante comigo e temos negócio.

Tinha passado muito tempo, muito, muito tempo, desde que sentira aquela agitação no sangue. — Entrega — e uma bebida, com a opção de jantar noutra altura e noutro lugar. É uma boa oferta.

— Pois é. Sete horas? Têm um bar giro no Wayfarer.

— Pois têm. Às sete está bem. Como pretende pagar?

Ele sacou de um cartão de crédito e deu-lho.

— Max Gannon — leu ela. — Só Max, não é Maxwell, Maximilian, Maxfield. — Percebeu que ele fazia uma careta e riu-se. — Maxfield, como o Parrish.

— Só Max — disse ele com firmeza.

— Muito bem. Só Max, mas tenho dois posters do Parrish emoldurados e muito bons na sala ao lado.

— Não hei-de esquecer-me.

Ela afastou-se para trás do balcão, e depois apareceu de guia de remessa na mão. — Não se importa de preencher? Vai sair esta tarde.

— E eficiente, também. — Ele debruçou-se no balcão enquanto preenchia o papel. — Já sabe o meu nome. E o seu?

— É Tavish, Laine Tavish.

Ele continuou a sorrir quando olhou para cima. — Só Laine? Não é Elaine?

Ela nem pestanejou. — Só Laine. — Registou a venda e deu-lhe um cartão dourado. — Incluímos isto, e embrulhamos, se quiser escrever uma mensagem para a sua mãe.

Olhou quando ouviu a sineta, e as Gémeas entraram.

— Laine. — Carla foi direitinha ao balcão. — Como te estás a aguentar?

— Estou bem. Muito bem. Já vou ter convosco.

— Estávamos raladas, não estávamos, Darla?

— Estávamos, pois.

— Não havia necessidade. — Sentiu uma espécie de pânico, e desejou que Jenny voltasse. O interlúdio com Max afastara a mágoa e a preocupação com Willy da sua cabeça. Agora voltava tudo. — Vou buscar as coisas que guardámos assim que terminar aqui.

— Não há pressa. — Carla já inclinava a cabeça para poder ler o destino da guia de remessa. — A nossa Laine esmera-se no serviço ao cliente — disse para Max.

— E é um excelente serviço. Senhoras, são as duas um colírio para os olhos.

Coraram ambas ao mesmo tempo.

— O cartão, Sr. Gannon, e o recibo.

— Obrigado, Menina Tavish.

— Espero que a sua mãe goste da prenda.

— Estou certo que sim. — Os olhos dele riram-se para os dela antes de se virar para as Gémeas. — Minhas senhoras.

As três mulheres acompanharam-no com o olhar. Houve um silêncio, e depois Carla soltou um suspiro muito longo e disse, simplesmente: — Minha nossa.

O sorriso de Max desapareceu assim que saiu à rua. Não tinha razão para se sentir culpado, disse de si para si. Beber um copo com uma mulher bonita ao final do dia era uma actividade normal e agradável, e seu direito inalienável por ser solteiro e saudável.

Além disso, não acreditava em culpas. Mentir, prevaricar, fingir e architectar eram parte do trabalho. E ele ainda não lhe tinha mentido — ainda.

Desceu um quarteirão para ver de longe o sítio onde Willy morrera.

Só lhe mentiria se ela tivesse parte naquilo. E se tivesse, ia deparar com muito pior do que mentirinhas.

O que o preocupava era não saber, não ter intuição. Tinha jeito para aquilo, e por isso era tão bom no seu trabalho. Mas Laine Tavish apanhara-o desprevenido, e a única coisa que sentia era o deslizar lento e doce da atracção.

Porém, grandes olhos azuis e sorriso sensual à parte, era provável que ela estivesse enterrada naquilo até ao pescoço. Ele seguia sempre as probabilidades. Willy fora vê-la e acabara esparramado na rua à porta da loja

dela. Assim que soubesse porquê, estaria um passo mais perto do luminoso final da pista.

Se tivesse de a usar para lá chegar, paciência, as coisas eram mesmo assim.

Voltou ao hotel, tirou o recibo do bolso, e aplicou cuidadosamente pó para ver impressões digitais. Conseguiu umas boas do polegar e do indicador dela. Tirou fotografias digitais e mandou-as a um amigo que as processaria sem fazer perguntas irritantes.

Depois sentou-se, estalou os dedos e foi trabalhar na auto-estrada da informação.

Ingeriu um bule de café, uma sanduíche de frango e uma tarte de maçã mesmo boa enquanto trabalhava. Tinha a residência de Laine e, entre o telefone e o computador, as informações de que ela comprara casa e se estabelecera na Market Street quatro anos antes. Anteriormente, tinha tido uma morada em Filadélfia. Mais um pouco de pesquisa e viu que tinha sido um apartamento.

Com métodos que não eram estritamente éticos, passou mais tempo a desvelar as camadas de Laine Tavish e começou a ter uma ideia. Formara-se na universidade estadual da Pensilvânia, e os pais chamavam-se Marilyn e Robert Tavish.

Engraçado, não era? Pensou Max, a tamborilar com os dedos na secretária. A mulher de Jack O'Hara chamava-se Marilyn. Não seria demasiada coincidência?

— Até ao teu belo pescoço — murmurou ele, e decidiu que era altura de uma pirataria mais séria.

Havia maneiras e maneiras de arrancar bocadinhos de informação que, por seu turno, levavam a mais bocadinhos. A licença comercial dela estava, nos termos da lei, afixada na loja. E o número da licença era como um trampolim para ele.

Com alguma *finesse* criativa, arranjou o impresso de pedido de licença e o número da Segurança Social dela.

Debruçou-se sobre ele, e usou os números, a intuição e a sua própria curiosidade insaciável para chegar à escritura da casa dela no tribunal da comarca, e agora já tinha o nome da entidade credora, se quisesse violar várias leis e piratear a candidatura ao empréstimo.

Seria giro porque sabe Deus como ele *adorava* tecnologia, mas seria mais proveitoso saber de onde ela vinha do que onde estava agora.

Voltou aos pais, e começou uma busca que implicou outro bule de café do serviço de quartos. Quando finalmente localizou Robert e Marilyn Tavish em Taos, Novo México, abanou a cabeça.

Laine não lhe parecera uma flor do Oeste. Não, era da parte Leste,

pensou ele, e muito urbana. Mas Bob e Marilyn, já que pensava neles, estavam ligados a uma coisa chamada Roundup, que era uma churrascaria no Oeste, e tinha página na *web*. Toda a gente tinha, pensou Max.

Até havia uma fotografia dos alegres proprietários junto ao enorme desenho de um cowboy com laço para o gado. Ampliou e imprimiu a imagem antes de navegar no sítio. A ementa não parecia nada má, e podia encomendar-se o Molho de Churrasco do Diabo do Rob pela página *web*.

Rob, reparou Max, não era Bob.

Pareciam felizes, pensou ele enquanto estudava a foto. No geral, classe trabalhadora, contentes como tudo por serem donos do seu negócio. Marilyn Tavish não parecia ter sido mulher — e presumível cúmplice — de um ladrão e vigarista profissional que não só tivera manias de grandeza como também se safara.

Parecia mais do tipo de nos fazer uma sanduíche antes de ir estender a roupa.

Reparou que a Roundup estava aberta há oito anos, ou seja, tinham-se estabelecido quando Laine andava na faculdade. Num palpite, entrou no jornal local de Taos, foi aos arquivos e procurou uma estória sobre os Tavish.

Encontrou seis, o que o surpreendeu, e voltou à primeira, em que o jornal cobrira a inauguração do restaurante. Leu tudo, dando especial atenção a pormenores pessoais como, por exemplo, que os Tavish estavam casados havia seis anos nessa altura, e se tinham conhecido, segundo a notícia, em Chicago, onde Marilyn era empregada de mesa e Rob trabalhava num concessionário Chrysler. Falava-se numa filha, que estava a tirar Administração de Empresas numa faculdade na Costa Leste.

Rob sempre quisera ser dono do seu negócio, blá, blá, e por fim pondera ao desafio da mulher de fazer alguma coisa com o seu talento culinário, além de dar de comer a amigos e vizinhos em piqueniques.

As outras estórias seguiam o interesse de Rob na política local e a associação de Marilyn no Conselho das Artes de Taos. Havia mais uma notícia quando a Roundup comemorara o quinto aniversário com uma festa ao ar livre, incluindo passeios de pónei para crianças.

Essa estória tinha uma foto do casal radiante, ao lado de uma Laine às gargalhadas.

Credo, era mesmo giraça. A cabeça para trás com o riso, os braços afectuosamente nos ombros da mãe e do padraço. Usava uma camisa de corte estilo Oeste com franjas nos bolsos, o que o punha louco — por razões que ele nem sabia.

Conseguia ver a parecença com a mãe agora que estavam lado a lado. Tinha a certeza.

A cronologia também batia certo de mais. Marilyn O'Hara pedira o divórcio enquanto Jack cumpria uma pena pequena, cortesia do Estado de Indiana. Levara a filha e mudara-se para Jacksonville, Florida. As autoridades tinham-na tido debaixo de olho alguns meses, mas não houvera nada a assinalar e ela trabalhara como empregada de mesa.

E andara às voltas. Texas, Filadélfia, Kansas. Depois desaparecera da vista, do radar, pouco menos de dois anos antes de ela e Rob darem o nó.

Talvez quisesse começar do zero também, pela filha. Ou talvez fosse só uma grande vigarice. Max entendia como sua missão descobrir.

3.

— Mas que estou a fazer? Isto não é coisa que eu faça.

Jenny espreitou por cima do ombro de Laine para os reflexos das duas no espelho do quarto. — Vais beber um copo com um homem muito giro. Por que razão não é coisa que faças será motivo para falar com um psicólogo.

— Nem sequer sei quem ele é. — Laine pousou o batom que tinha na mão, sem o pôr. — Fiz-me a ele, Jen. Pelo amor de Deus, fiz-me a ele na minha própria loja.

— Se uma mulher não se pode fazer a um tipo giro na sua própria loja, onde é que pode? Põe batom. — Olhou para onde Henry estava a abanar a cauda. — Vês, o Henry concorda comigo.

— Devia telefonar para a pousada, deixar mensagem, a dizer que surgiu qualquer coisa.

— Laine, estás a dar-me um desgosto. — Pegou no batom. — Pinta lá — mandou.

— Não acredito que te deixei convencer-me a fechar meia hora mais cedo. Não acredito como foi fácil convenceres-me. Vir a casa mudar de roupa — parece óbvio de mais, não parece?

— E que mal há em ser óbvio?

— Não sei. — Laine pôs batom, e olhou para o objecto. — Não estou a pensar como deve ser. Foi aquele momento, aquele momento *zás!* Só queria arrancar-lhe a camisa e morder-lhe o pescoço.

— Bem, força nisso, fofa.

Com uma risada, Laine virou-se. — Não vou fazer nada disso. Um copo, está bem. Seria falta de chá não aparecer, não era? Era, pois. Mas mais nada. Depois disso, o bom senso torna a imperar, e venho para casa e fecho a porta a este interlúdio tão estranho.

Abriu os braços. — Que tal estou? Bem?

— Melhor que bem.
— Melhor que bem é bom. Vou andando.
— Vai. Eu ponho o Henry na outra casa. Não queres ir a cheirar a cão. E tranco tudo.
— Obrigada. E obrigada pelo apoio moral. Sinto-me idiota.
— Se decidires... prolongar a noite, liga-me. Venho cá e levo o Henry. Dormiremos juntos.
— Obrigada, mas *não* vou prolongar a noite. Um copo. Deve ser no máximo uma hora. — Deu um beijo na face de Jenny e depois, arriscando-se a cheirar a cão, deu um beijo no focinho de Henry. — Até amanhã — disse enquanto corria para as escadas.

Tinha sido uma parvoíce ir até casa e tornar a ir à cidade, mas ainda bem que fora parva. Embora nem a Jenny a pudesse ter convencido a usar um vestidinho preto — coisa mais óbvia — sentia-se melhor fora da roupa de trabalho. A camisola macia tinha uma bela cor verde musgo e era descontraída o bastante para não dar ideias erradas.

Nem sabia que ideias queria dar. Ainda.

Sentiu um assomo de pânico quando entrou no hotel. Não tinham confirmado mesmo que iam beber uns copos. Tinha sido tudo tão espontâneo, e tão inaudito para ela. E se ele não aparecesse, ou pior, estivesse no bar quando ela entrasse e parecesse surpreendido — aborrecido — chateado?

Se ela estava assim tão nervosa por causa de uma bebida num bar público e cheio de classe, era porque estava mesmo enferrujada naquelas coisas.

Entrou pelas portas de vidro e sorriu para a mulher que estava ao balcão do bar.

— Olá, Jackie.

— Olá, Laine. Que vais tomar?

— Por enquanto, nada. — Varreu a sala mal iluminada com os olhos, os sofás vermelhos e as cadeiras. Alguns homens de negócios, dois casais, um trio de mulheres numa noite só delas com bebidas vistosas. Nada de Max Gannon.

Escolheu uma mesa onde não estaria de frente para a porta mas poderia vê-la. Ia pegar no menu do bar para entreter as mãos, mas decidiu que a faria parecer aborrecida. Ou com fome. *Oh, Deus.*

Em contrapartida, sacou do telemóvel e ouviu as mensagens que tinha em casa. Não tinha nenhuma, claro, pois acabara de sair há vinte minutos. Mas alguém tinha desligado duas vezes, com poucos minutos de intervalo.

Estava a fazer má cara a isso quando o ouviu falar.

— Más notícias?

— Não. — Tão corada como agradada, desligou, e meteu o telemóvel na mala. — Nada de importante.

— Estou atrasado?

— Não. Eu é que sou impossível de pontualidade. — Ficou surpreendida por ele se sentar ao lado dela no sofá e não do outro lado da mesa, na cadeira. — É o hábito.

— Já disse que você cheira muito bem?

— Já disse, pois. E eu não perguntei o que faz aqui em Gap.

— Negócios, que consegui esticar para mais uns dias. Por causa das atracções locais.

— A sério? — Já não estava nervosa, e nem via razão para ter estado. — Temos algumas. Há trilhos maravilhosos nas montanhas se gostar de caminhadas.

— Você gosta? — passou-lhe os dedos pelas costas da mão. — De caminhadas.

— Não arranjo tempo. A loja mantém-me ocupada. E os seus negócios?

— Preenchem o dia — respondeu ele, e olhou para cima quando a empregada se chegou à mesa deles.

— Que vão tomar?

Era nova, e Laine não a reconheceu. — Bombay martini, liso, duas azeitonas, gelado.

— Parece óptimo. Dois. Cresceu por estas bandas? — perguntou ele a Laine.

— Não, mas imagino que teria sido agradável. Uma terrinha mas sem ser Mayberry, perto da grande cidade mas sem estar apinhada. E gosto das montanhas.

Recordou-se desta parte do ritual da primeira saída. Não fora assim há *tanto* tempo. — Ainda mora em Savannah?

— Principalmente em Nova Iorque, mas viajo muito.

— Porquê?

— Negócios, lazer. Seguros, mas não se aflija. Não quero vender-lhe nada.

A empregada trouxe os copos e os *shakers* numa bandeja e serviu na mesa. Pousou uma taça com frutos secos açucarados, e esgueirou-se discretamente.

Laine ergueu o seu copo e sorriu por cima da beira. — À sua mãe.

— Ela gostaria disso. — Tocou com o copo no dela. — Como é que deu consigo com uma loja de antiguidades?

— Queria um negócio meu. Sempre gostei de coisas antigas, da continuidade delas. Não me importa a papelada, mas não queria trabalhar num

escritório o dia todo. — Sentindo-se à vontade, recostou-se com a bebida, mexendo o corpo para poderem continuar a namoriscar com o olhar e a conversa. — Gosto de comprar e vender, e ver o que as pessoas compram e vendem. Juntei tudo e abri a Naquele Tempo. Que ramo de seguros?

— Para empresas, principalmente. Uma seca. Tem família na zona?

Muito bem, pensou ela, não quer falar de trabalho. — Os meus pais moram no Novo México. Foram para lá há uns anos.

— Irmãos, irmãs?

— Filha única. E você?

— Tenho um de cada. Dois sobrinhos e uma sobrinha.

— Que bom — disse ela, e foi sincera. — Tenho sempre inveja de famílias, o barulho e os traumas e a companhia. A concorrência.

— Temos muito disso. Portanto, se não cresceu por aqui, onde foi?

— Andámos por muitos sítios. Por causa do trabalho do meu pai.

— Acredito. — Provou um aperitivo, com um ar casual. — Que faz ele?

— Foi... vendedor. — Como é que havia de falar disso em tom neutro? — Conseguia vender qualquer coisa.

Ele percebeu, o tom de orgulho na voz dela, o contraste com a sombra que lhe passava nos olhos. — Mas já não é?

Ela não falou, bebeu um gole para conseguir pensar. Era melhor ser simples, lembrou-se. — Os meus pais abriram um restaurante em Taos. Uma espécie de reforma a trabalhar. A trabalhar mais que outra coisa. E parecem miúdos de contentes.

— Tem saudades deles.

— Tenho, mas não queria o que eles queriam. E aqui estou. Adoro Angel's Gap. É o meu sítio. Também tem um?

— Talvez. Mas ainda não o encontrei.

A empregada apareceu. — Mais uma?

Laine abanou a cabeça. — Vou conduzir.

Ele pediu a conta, e pegou na mão de Laine. — Marquei mesa na sala de jantar, no caso de mudar de ideias. Muda de ideias, Laine, e janta comigo.

Tinha uns olhos tão bonitos, e aquela voz quente de uísque com gelo que ela adorava. Que mal fazia?

— Está bem. Gostaria muito.

Ele disse de si para si que era negócios e prazer e que não havia nada de mal em misturar os dois, desde que se lembrasse das prioridades. Sabia conduzir conversas, tirar informações. E se estivesse interessado nela a nível pessoal, não interferia no trabalho.

Não iria interferir no trabalho.

Já não tinha a certeza de ela estar enterrada naquilo até ao pescoço. E esta mudança de opinião nada tinha a ver com o facto de se sentir atraído por ela. As coisas só não corriam como deviam. A mãe aninhada com o segundo marido no Novo México, Laine aninhada no Maryland. E Big Jack ninguém sabia onde.

Não conseguia ver a triangulação naquele ponto. E sabia ler as pessoas, sabia o bastante para ver que ela não estava só a passar o tempo com a loja. Adorava-a, e criara relações genuínas com a comunidade.

Porém, tal não explicava a visita de Willy, nem a sua morte. Não explicava porque não dissera ela que o conhecia à polícia. Não é que os inocentes fossem sempre sinceros com a polícia.

Pesando do outro lado da balança, ela tinha o cuidado de seleccionar o seu historial, e tinha uma maneira suave de misturar o pai e o padrasto, de modo a que o ouvinte casual pensasse que se tratava do mesmo homem.

Não falara em divórcio quando falaram em família, e isso dizia-lhe que ela sabia esconder o que queria esconder.

Embora lamentasse, meteu o fantasma de Willy na conversa. — Ouvi falar no acidente que aconteceu à porta da tua loja. — Os nós dos dedos dela, reparou ele, embranqueceram por segundos a agarrar a colher, mas foi o único sinal de perturbação interior antes de ela continuar a mexer o café que bebiam depois do jantar.

— Sim, foi horrível. Não deve ter visto o carro — com a chuva.

— Esteve na tua loja?

— Sim, mesmo antes. Só a ver. Mal falei com ele porque tinha mais clientes, e a Jenny, a minha empregada a tempo inteiro, estava de folga. Ninguém teve culpa. Foi só um acidente terrível.

— Não era daqui?

Ela olhou-o directamente nos olhos. — Nunca tinha estado na loja. Acho que deve ter entrado para se abrigar da chuva por minutos. Estava um dia mau.

— Estava mesmo. Conduzi assim. Parece que cheguei à cidade poucas horas depois de acontecer. Ouvi versões diferentes em cada sítio onde passei o resto do dia. Num deles, acho que na bomba de gasolina, ele era um ladrão de jóias internacional a monte.

Os olhos dela suavizaram com o que ele só pôde achar ser afecto. — Ladrão de jóias internacional — murmurou ela. — Não, não devia ser nada disso. As pessoas dizem cada coisa, não é?

— Pois é. — Pela primeira vez desde que aceitara o trabalho, acreditava que Laine Tavish, ou Elaine O'Hara, não sabia absolutamente nada do que o pai dela, William Young e, até então, um terceiro por identificar tinham feito seis semanas antes.

Levou-a ao carro e tentou pensar como poderia, pois poderia ter de o fazer, usá-la como alavanca. O que lhe podia e o que não podia dizer quando chegasse a altura.

Não era nisso que queria pensar com o ar fresco da Primavera a soprar pelo cabelo dela e a espalhar o perfume à volta dele.

— Ainda está fresco — comentou ele.

— Pode estar fresco à noite até Junho, ou mudar tudo e fazer muito calor antes de Maio terminar. — Ele ir-se-ia embora antes de as noites ficarem amenas. Seria inteligente recordar isso. Seria sensato.

Ela estava tão fartinha de ser sensata.

— Diverti-me muito. Obrigada. — Virou-se, correu as mãos pelo peito dele acima, rodeou-lhe o pescoço e puxou a boca dele para a dela.

Era o que queria, e que se lixasse a sensatez. Queria aquele abalo, aquela subida de adrenalina, o relâmpago imediato no sangue que advém de um simples acto perigoso. Vivia em segurança. A segunda metade da sua vida só tinha segurança.

Era melhor assim. Aquele choque quente dos lábios, línguas e dentes era melhor que seguro. Dava-lhe vida, e fazia-a recordar o que era receber.

Como podia ter-se esquecido do arrepio que era saltar e só depois olhar?

Ele sabia que ela o surpreenderia. Assim que lhe pusera a vista em cima, soubera disso, mas não esperara que ela o abalasse. Não era um beijo convidativo, nem uma provocação, mas sim uma rajada completamente sexual que o atordoou e lhe pôs a libido a mil.

Num minuto ela tinha aquele corpo compacto e curvilíneo colado ao dele como se fossem dois náufragos sobreviventes, depois ouviu-se uma espécie de ronronar quando se afastou lentamente — num movimento elástico e infinito que ele, aturdido, não conseguiu deter.

Ela humedeceu os lábios. Lábios molhados e sensuais. E sorriu.

— Boa-noite, Max.

— Espera aí, espera aí. — Pôs a mão na porta do carro antes que ela a pudesse abrir. Depois deixou-a ficar, pois não confiava no próprio equilíbrio.

Ela ainda sorria — lábios suaves, olhos sonolentos. Tinha o poder agora, o poder todo, e ambos sabiam disso. Como diabo tinha acontecido?

— Vais mandar-me lá para cima. — Acenou com a cabeça para o hotel. — Sozinho? Mas que maldade.

— Eu sei. — Inclinou a cabeça um bocadinho, a estudá-lo. — Não quero, mas tem que ser. Temos que ficar assim os dois.

— Vamos tomar o pequeno-almoço. Não, um lanche à meia-noite. Caraças, vamos beber um brande agora.

Ela riu-se. — Não queres brande nenhum.

— Não. Era só um eufemismo mal amanhado para sexo louco e selvagem. Vem para dentro, Laine. — Passou-lhe a mão pelo cabelo. — Está quentinho.

— Não posso mesmo, e é uma pena. — Abriu a porta do carro, olhou por cima do ombro, provocadora, e entrou. — O Henry está à minha espera.

A cabeça dele abanou como se ela lhe tivesse dado um murro. — Eh, lá.

Ela reprimiu uma gargalhada, fechou a porta, esperou um segundo e desceu o vidro. — O Henry é o meu cão. Obrigada pelo jantar, Max. Boa-noite.

Afastou-se a rir, e já não se lembrava de quando se sentira tão viva. Voltariam a ver-se, tinha a certeza absoluta disso. Depois veriam... o que houvesse para ver.

Ligou o rádio no máximo para cantar juntamente com Sheryl Crow, enquanto conduzia um bocadinho depressa de mais. A irresponsabilidade sabia-lhe bem, sentia-se sensual. Dançavam-lhe arrepios de desejo na pele quando subiu o caminho para casa e estacionou às escuras. Corria uma brisa pelas árvores que começavam a florir e uma bonita meia-lua alumiaava a lanterna de âmbar que ela deixara acesa no alpendre.

Por momentos, deixou-se ficar no carro, com a música e a Lua, e reviveu cada gesto e toque e gosto daquele beijo enlouquecedor.

Sim senhora, ia decididamente provar outra vez Max Gannon, o rapaz transplantado da Geórgia com olhos de tigre.

Ainda cantarolava quando saiu do carro. Destrancou a porta da frente, atirou as chaves para uma taça, pôs o telemóvel a carregar, e quase que nem ia à sala.

A agitação sexual transformou-se em choque. Tinha o sofá virado, as almofadas rasgadas. O móvel de cerejeira que ela usava como centro da sala de estar estava escancarado e vazio. O trio de violetas africanas que criara desde que eram só folhas até serem plantas frondosas fora arrancado dos vasos, e havia terra por todo o lado. As mesas estavam viradas, as gavetas vazias, e as molduras das paredes espalhadas pelo chão.

Ficou por momentos paralisada com a inércia da recusa. Não era possível. Não a casa dela, as coisas dela, o mundo dela. E só lhe ocorreu um único pensamento.

— Henry!

Aterrorizada, correu para a cozinha, ignorando as coisas partidas que juncavam o corredor, os vidros e víveres que cobriam o chão da cozinha.

Lágrimas de alívio arderam-lhe nos olhos quando ouviu os latidos

frenéticos atrás da porta. Assim que a abriu, o cão assustado e trémulo atirou-se para cima dela. Baixou-se com ele, os pés resvalaram em açúcar entornado, para o abraçar enquanto ele tentava subir-lhe para o colo.

Estavam bem, disse de si para si por cima do coração a bater. Era o que importava. Estavam bem.

— Não te fizeram mal. Não te fizeram mal — repetiu ela enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces, e passava as mãos pelo pêlo dele para ver se tinha feridas. — Graças a Deus que não te fizeram mal.

Ele gemeu, e depois lambeu-lhe a cara, a tentarem acalmar-se um ao outro.

— Temos de chamar a polícia. — A tremer também, encostou a cara ao pêlo dele. — Vamos chamar a polícia, e ver qual é o dano.

Era grande. Nas poucas horas que estivera ausente, tinham-lhe entrado em casa, tinham-na roubado e deixado tudo do avesso. Pequenos tesouros partidos, coisas valiosas desaparecidas, coisas pessoais remexidas e levadas ou descartadas. Sentia um aperto no coração, abalava-lhe a sensação de segurança.

E depois sentiu-se zangada.

Estava uma pilha quando Vince chegou. Preferia estar zangada. Havia algo poderoso na raiva que sentia dentro de si, algo mais útil do que o choque e pavor iniciais.

— Estás bem? — Foi a primeira pergunta de Vince quando a abraçou, e lhe esfregou os braços rápida e animadamente.

— Não me fizeram mal, já cá não estavam quando cheguei. O Henry estava nas traseiras. Não podia sair, pelo que o deixaram em paz. Jenny. Deixei a Jenny cá, Vince. Se ela ainda cá estivesse quando...

— Não estava. Está tudo bem. Vamos ver o que falta.

— Tens razão. Está bem, tens razão. — Respirou fundo. — Cheguei a casa cerca das dez e meia. Destranquei a porta da frente, entrei e vi a sala. — Fez um gesto largo.

— A porta estava trancada.

— Sim.

— Janela partida aqui. — Acenou com a cabeça para a janela da frente. — Parece que foi assim que entraram. Levaram-te a aparelhagem e outras peças.

— A televisão lá de cima, a pequenina que eu tinha na cozinha. Jóias. Estive a dar uma vista de olhos, mas parece que levaram aparelhos e pequenas coisas valiosas. Tenho dois bronzes Art Déco, várias outras peças boas, mas deixaram tudo. Das jóias que levaram, há verdadeiras e falsas. — Encolheu os ombros.

— Dinheiro?

— Uns duzentos que eu tinha na gaveta da secretária. Ah, e o computador que eu tinha em casa.

— E fizeram uma rebaldaria, também. Quem sabia que não estarias em casa hoje?

— A Jenny, o homem com quem fui beber um copo — acabámos por jantar. Está na Wayfarer, chama-se Max Gannon.

— A Jenny disse que o conheceste na loja.

Sentiu um calor na nuca. — Foi só um copo e um jantar, Vince.

— Só estou a dizer. Vamos passar revista a tudo. Com tanta polícia aqui, pode ser melhor ires para nossa casa, ficares lá.

— Obrigada, mas não. Fico aqui.

— A Jenny disse que ficarias. — Deu-lhe uma palmada no ombro com a mão enorme e foi até à porta quando ouviu o carro de emergência chegar. — Vamos fazer o nosso trabalho. Será melhor fazeres uma lista do que falta.

Passou o tempo na sala do andar de cima com Henry a seus pés. Tomou apontamentos do que já percebera faltar, respondeu às perguntas de Vince ou de outro polícia que lá fosse. Queria café, mas como estava todo no chão da cozinha, contentou-se com chá. E bebeu uma chaleira inteira.

Sabia que os sentimentos de violação, medo, raiva eram reacções clássicas, tal como a camada de descrença que estava sempre a cobri-los. Não era que não houvesse crime em Angel's Gap. Mas aquele assalto, a destruição maldosa, não eram nada típicos.

E a Laine parecia muito, muito pessoal.

Só ficou sozinha depois da uma da manhã. Vince disse-lhe que deixaria um agente lá fora, mas ela recusou. Porém, aceitou a sugestão de entaipar a janela da frente.

Verificou e tornou a verificar as fechaduras, com Henry nos seus calcanhares pela casa fora. A raiva fazia-se sentir novamente, apagava o cansaço que a começava a afectar enquanto a polícia lá estivera. Usou a raiva e a energia que daí advinha para compor a cozinha.

Encheu um caixote do lixo com louça e vidros partidos, e tentou não chorar as peças de Fiestaware coloridas que colecionara com tanto carinho. Varreu açúcar, café, farinha, sal, chá, e depois lavou os mosaicos cor de biscoito.

A energia estava a fugir-lhe quando se arrastou escada acima. Bastou olhar para a cama — o colchão puxado para o chão, as gavetas reviradas da bonita cómoda de mogno, os buracos escancarados da antiga mala de médico que ela usava como guarda-jóias, para sentir novamente a mágoa.

Contudo, não a iam conseguir expulsar do seu quarto e da sua casa.

Rançou os dentes e pôs o colchão no sítio. Foi buscar lençóis lavados e fez a cama. Tornou a pendurar roupa que lhe tinham tirado do roupeiro, dobrou outra e guardou nas gavetas.

Passava das três quando entrou na cama e, violando uma regra sua, bateu no colchão e chamou Henry para dormir a seu lado.

Estendeu a mão para a luz mas hesitou, e afastou-a. Se fosse cobardia e uma espécie de segurança frouxa dormir com a luz acesa, paciência.

Tinha seguro, recordou. Não tinham levado nem partido nada que não pudesse ser substituído. Eram coisas, mais nada — e ela vivia a comprar e a vender coisas, não era?

Aconchegou-se com o cão a olhar pesaroso para os olhos dela. — São coisas, Henry, e as coisas não têm grande importância.

Fechou os olhos e soltou um grande suspiro. Estava mesmo a adormecer quando a cara de Willy lhe apareceu.

Ele sabe onde estás agora.

Sentou-se na cama, a ofegar. Que queria dizer? A *quem* se referia?

Willy aparece um belo dia, do nada, ao fim de quase vinte anos, e acaba morto à porta da loja dela. Depois assaltam e reviram-lhe a casa.

Tinha de haver ligação. Como é que podia não haver?, perguntou de si para si. Mas quem é que andava à procura de quê? Ela não tinha nada.

4.

Meio vestido, com o cabelo ainda a pingar do duche matinal, Max foi à porta do quarto só com uma ideia na cabeça: café.

A desilusão era uma coisa. Um homem aprendia a viver com a desilusão. Não tinha dormido sozinho? Mas encontrar um polícia à porta era outra. Era coisa que se traduzia em espreitar-lhe o cérebro sem o direito inalienável e divino da cafeína.

Avaliou o espécime local — grande, em forma, desconfiado — e tentou pôr um sorriso cooperante mas confuso. — Bom-dia. Isso não parece a farda do serviço de quartos, por isso não me deve ter vindo trazer café e ovos.

— Sou o Chefe Burger, Sr. Gannon. Posso tomar-lhe um minuto?

— Claro. — Afastou-se e olhou para o quarto. A cama por fazer, o vapor do duche a sair da casa de banho aberta.

A secretária parecia a de um homem de negócios atarefado — portátil, pastas e discos, o PDA, o telemóvel — e não fazia mal. Tivera a precaução, como sempre, de fechar todos os ficheiros e de guardar papelada duvidosa.

— Ah... — Max fez um gesto vago para a cadeira. — Sente-se —

convidou, e foi ao roupeiro buscar uma camisa. — Há algum problema?

Vince não se sentou, não sorriu. — Conhece a Laine Tavish.

— Conheço. — Sentiu uma série de sininhos a repicar e a repercutir perguntas, mas Max limitou-se a vestir a camisa. — Naquele Tempo. Comprei lá uma prenda para a minha mãe, ontem. — Deixou que a voz mostrasse uma sombra de preocupação. — Passa-se alguma coisa com o meu cartão de crédito?

— Que eu saiba, não. A casa da Menina Tavish foi arrombada ontem à noite.

— Ela está bem? Fizeram-lhe mal? — Não tinha que fingir aflição, com tanto sinal de alarme a repicar dentro dele. As mãos que estavam a abotoar a camisa caíram ao lado do corpo. — Onde está ela?

— Não estava lá quando se deu o assalto. No depoimento disse que estava consigo.

— Jantámos. Caraças. — Já que o café deixara de ser prioridade, Max praguejava por lhe baterem à porta. — Espere só um minuto. — Abriu a porta e viu a loura gira junto ao carrinho.

— Bom-dia, Sr. Gannon. Pronto para o pequeno-almoço?

— Sim, obrigado. Ponha... onde puder.

Ela percebeu que Vince lá estava quando entrou com o carrinho. — Oh, olá, Chefe.

— Sherry. Como estás?

— Oh... vou andando. — Virou o carrinho e tentou não parecer demasiado curiosa enquanto olhava para os dois. — Posso lá ir abaixo buscar outro café, Chefe.

— Não te rales com isso, Sherry. Bebi dois antes de sair de casa.

— É só ligar se mudar de ideias. — Tirou a cobertura do prato e viu-se uma omeleta e uma tira de bacon. — Hum... — Estendeu a carteira de cabedal a Max, e esperou que ele assinasse a conta. — Espero que faça bom proveito, Sr. Gannon.

Saiu, não sem antes lançar outra olhadela antes de fechar a porta.

— Força — disse Vince. — Não vale a pena deixar os ovos arrefecerem. A omeleta aqui é muito boa.

— Que tipo de arrombamento foi? Para roubar?

— Parecia. Por que razão estava a Menina Tavish consigo ontem à noite?

Max sentou-se e decidiu servir-se de café. — A conviver. Convidei-a para tomar uma bebida. Ela aceitou. Eu esperava estender o convite ao jantar, e como ela não recusou depois de bebermos um copo — lá em baixo no bar — seguimos para a sala de jantar.

— Sai sempre com mulheres quando compra prendas para a sua mãe?

— Se funcionasse assim tão bem, compraria muitas mais prendas à minha mãe. — Max ergueu a chávena, bebeu e olhou para Vince por cima da beira. — A Laine é muito atraente e muito interessante. Quis sair com ela. Convidei-a. Lamento que tenha havido sarilhos.

— Alguém entrou e saiu da casa dela enquanto ela cá estava a conviver consigo.

— Pois, já percebi. — Max decidiu que mais valia comer, e meteu à boca um bocado da omeleta. — Por conseguinte, o Chefe está a pensar se eu ando a fazer-me a mulheres bonitas em lojas, e depois alguém as assalta enquanto as levo a jantar. É um bocadinho rebuscado, Chefe, pois eu nunca lhe tinha posto a vista em cima antes de ontem, ainda não sei onde mora nem se tem alguma coisa que valha a pena roubar. Seria mais inteligente assaltar a loja, não seria? Ela tem lá boa mercadoria.

Vince observava Max a comer, sem dizer nada. — Há ali uns copos resistentes — disse Max — se quiser café.

— Dispenso. Que faz em Angel's Gap, Sr. Gannon?

— Sou da Reliance Insurance, e estou em trabalho de campo.

— Que tipo de trabalho de campo?

— Chefe Burger, pode contactar Aaron Slaker, presidente da Reliance, e confirmar a minha relação com a empresa. A sede é em Nova Iorque. Mas não posso debater pormenores do meu trabalho sem autorização do cliente.

— Não me parece trabalho de seguros.

— Há todo o tipo de seguros. — Max abriu um potinho de doce de morango e barrou um triângulo de pão torrado.

— Tem identificação?

— Claro. — Max levantou-se, foi à cómoda e tirou a carta de condução da carteira. Passou-a a Vince e tornou a sentar-se.

— Não me parece de Nova Iorque.

— Não me vejo livre do sotaque da Geórgia. — Estava irritado o suficiente para exagerar o sotaque e fazer dele um desafio. — Não sou ladrão, Chefe. Só quis jantar com uma mulher bonita. Pode contactar o Slaker.

Vince pôs a carta de condução ao pé do prato de Max. — É o que farei. — Foi até à porta, pôs a mão na maçaneta. — Quanto tempo pensa ficar na cidade, Sr. Gannon?

— Até concluir o trabalho. — Deu mais uma garfada nos ovos. — Chefe? Tinha razão. A omeleta aqui é mesmo muito boa.

Mesmo depois de a porta se fechar atrás de Vince, Max continuou a comer. E a matutar. Sendo a polícia como era, Burger iria investigá-lo, e descobrir que ele também fora polícia durante quatro anos. E da licença de

detective que tinha. Sendo as terrinhas como eram, essa informação não demoraria muito a chegar a Laine.

Pensaria nisso quando chegasse a altura. Entretanto havia a questão do assalto. A ocasião era boa de mais para ser coincidência. E indicava-lhe que não era o único a achar que a muito atraente Miss Tavish tinha algo a esconder.

Era só questão de quem chegasse primeiro.

— Não te rales com coisa nenhuma — garantiu Jenny a Laine. — Eu e a Angie tratamos de tudo por aqui. Tens a certeza de que não queres fechar a loja hoje? O Vince disse que a tua casa estava um desastre. Eu podia lá ir ajudar-te.

Laine passou o telefone para o outro ouvido, varreu com os olhos o escritório de casa, a pensar numa Jenny muito grávida a arrastar cadeiras e mesas. — Obrigada, mas não. Sinto-me melhor por saber que tu e a Angie estão na loja. Chega um carregamento esta manhã, e bem grande, para o leilão em Baltimore.

E, caraças, queria lá estar, a meter a mão em todas aquelas coisas lindas. A admirá-las, a catalogá-las, a dispô-las. Boa parte da graça estava em pôr os artigos em exibição, e o resto em vê-los sair porta fora.

— Preciso que registes a mercadoria nova, Jen. Já fiz os preços, estão no ficheiro. Há uma jarra Clarice Cliff, com motivo de tulipas. Será melhor ligares à Sr.^a Gunt a dizer que já a temos. O preço que acordámos foi de setecentos, mas ela há-de querer negociar. Seiscentos e setenta e cinco e não arredas pé. Está bem?

— Afirmativo.

— Oh, e...

— Laine, descontrai. Não é o meu primeiro dia de trabalho. Vou tomar conta de tudo, e se aparecer alguma coisa que eu não perceba, telefono-te.

— Eu sei. — Absorta, Laine estendeu a mão para fazer uma festa ao cão, que estava sempre colado a ela. — Tenho muita coisa em que pensar.

— Não admira. Detesto a ideia de tratares dessa confusão sozinha. Tens a certeza de que não queres que vá? Podia aparecer à hora de almoço. A Angie trata da loja por uma hora. Levo-te que comer. Qualquer coisa cheia de gordura e calorias vazias.

A Angie *podia* tratar da loja, pensou Laine. Era boa e estava sempre a melhorar. Mas Laine conhecia-se a si mesma. Faria mais se estivesse sozinha sem conversas nem distrações.

— Não há problema. Vai correr bem assim que começar. E devo passar por aí à tarde.

— Dorme uma sesta.

— Talvez. Falamos mais tarde. — Quando desligou, Laine meteu o telemóvel no bolso de trás das calças de ganga. Já sabia que arranjaría meia dúzia de razões para ligar para a loja durante o dia. Mais valia ter o telefone a jeito.

Mas por agora, tinha de se concentrar na tarefa entre mãos.

— «Esconde o canito» — murmurou. Dado que o único canito que tinha era Henry, só podia pensar que Willy delirava. Fosse o que fosse que lhe tinha querido dizer, pedir, dar, tal não acontecera. Pensava que andava alguém atrás dele, e a menos que tivesse mudado de vida, coisa altamente improvável, devia ter razão.

Um polícia, um cobrador, um sócio no crime que queria mais? Qualquer um era uma possibilidade, mas o estado da casa dela dizia-lhe que o último era o mais provável.

Agora quem quer que perseguisse Willy perseguia-a a ela.

Podia dizer a Vince... o quê? Absolutamente nada. Tudo o que criara ali assentava nos alicerces que se traduziam em Laine Tavish, mulher simpática e comum com uma vida simpática e comum, com pais simpáticos e comuns que tinham uma churrasqueira no Novo México.

Elaine O'Hara, filha de Big Jack da vida encantadora e astuta — e cadastro quilométrico — não se encaixava na paisagem bonita e pastoral de Angel's Gap. Ninguém entraria na loja de Elaine O'Hara para comprar uma chaleira ou uma mesa pé-de-galo.

Não se podia confiar na filha de Jack O'Hara.

Que diabo, ela não confiava na filha de Jack O'Hara. A filha de Big Jack era do tipo que bebe num bar com um estranho e acaba por abalar o dito homem com um beijo escaldante. A filha de Jack corria riscos grandes e maus que tinham consequências grandes e más.

Laine Tavish tinha uma vida normal e não fazia ondas.

Deixara sair a O'Hara por um bocadinho, e estava bom de ver o que lhe tinha acontecido. Um interlúdio sensual e empolgante, pois sim, e uma confusão dos diabos no fim.

— É evidente — murmurou para Henry, que anuiu dando à cauda.

Era altura de pôr as coisas em ordem. Não ia desistir de quem era, do que conseguira, do que tencionava conseguir, só porque algum ladrão de segunda categoria pensava que ela tinha parte nalguma coisa.

Tem de ser de segunda categoria, pensou ela enquanto apanhava o recheio das almofadas de seda que escolhera para a cama ao estilo Jorge II. O Tio Willy nunca andava com os grandes. E Big Jack também não, apesar da conversa e dos sonhos.

Por conseguinte, tinham-lhe escaqueirado a casa, não tinham encontrado o que queriam, e assim tinham levado coisas fáceis de vender.

E mais nada, pensou Laine.

Claro que teriam deixado impressões digitais por todo o lado. Revirou os olhos, sentou-se no chão e começou a empilhar a papelada espalhada. Gente parva era a especialidade quando o Tio Willy estava metido num trabalho. Era provável que quem a tivesse assaltado tivesse cadastro. Vince iria descobrir, identificar e havia boas probabilidades de serem apanhados.

Também era provável que fossem estúpidos o bastante para dizerem à polícia a razão do assalto. Se assim fosse, ela alegaria confusão de identidades.

Ficaria chocada, embasbacada, ultrajada. Fazer o seu papel era como uma segunda pele. Tinha o bastante de Big Jack nas veias para enganar alguém sem puxar muito por si.

Que fazia ela agora, Laine Tavish de Angel's Gap, sem ser enganar alguém?

Só a ideia a deprimia, pelo que a afastou e mergulhou na papelada. Mergulhou tanto que quase saltou quando ouviu bater à porta da frente.

Henry despertou da sesta da manhã e desatou a ladrar ameaçadoramente — mesmo escondido atrás de Laine e a tentar fazer-se pequenino.

— Meu bravo herói. — Fez-lhe uma festa. — Deve ser o homem das janelas. Não se morde ao homem das janelas, sim?

Em testemunho do seu grande afecto e devoção, Henry foi com ela. Rosnava e mantinha-se um passo atrás.

Ela estava cuidadosa o bastante depois do assalto para espreitar pela janela antes de abrir a porta. A cabeça, e o sangue, acusaram um estalo quando ela viu Max.

Instintivamente olhou para baixo, desgostosa, para as calças velhas, os pés descalços, a velha camisola cinzenta. Fizera um rabo-de-cavalo de manhã e nem se ralara com maquilhagem.

— Não é bem o ar que eu quero apresentar ao homem que pensei em despir à primeira oportunidade — disse ela para Henry. — Mas que se há-de fazer?

Abriu a porta e esforçou-se por parecer casual. — Max. Que surpresa. Como deste comigo?

— Perguntei. Estás bem? Ouvi falar no... — Calou-se e olhou para os joelhos dela. — Henry? Bem, deve ser o cão mais feio que eu já vi. — Fez um grande sorriso, e era difícil ficar ofendida quando se acorou e sorriu para o cão.

— Então, rapaz, que tal vai isso?

A maioria ficava intimidada pelo cão, na experiência de Laine. *Era grande, era feio*, e quando rosnava, parecia perigoso. Mas Max já estendia a mão para ele cheirar. — Mas que cara de mau tu tens, Henry.

Obviamente dividido entre o temor e o prazer, Henry esticou o focinho e cheirou. A cauda bateu nas pernas de Laine antes de ele se deitar no chão e mostrar a barriga.

— Não tem orgulho nenhum.

— Não precisa. — Max tornou-se no novo amor da vida de Henry quando lhe esfregou vigorosamente a barriga. — Não há nada como um cão, pois não?

Primeiro fora o desejo, muito naturalmente, pensou ela. Depois interesse e vários graus de atracção. Estava preparada — ou tentara preparar-se — para afastar todos esses impulsos e ser sensata.

Agora, ao vê-lo com o cão, sentiu o calorzinho no coração que significava — oh, não — afeição. Bastava juntar desejo e atracção e qualquer mulher, mesmo uma mulher sensata, ficaria rendida. — Pois não.

— Sempre tive cães em casa. Não posso ter em Nova Iorque, por viajar tanto. Não me parece bem. — Passou a mão para o pescoço de Henry e o cão entrou em êxtase.

Laine quase gemeu.

— É a desvantagem de viver na cidade, para mim — acrescentou Max. — Como é que passaram por ele?

— Desculpa?

Deu mais uma palmadinha a Henry e depois levantou-se. — Ouvei falar no assalto. Um cão deste tamanho deve ter-lhes dado que fazer.

Para baixo, miúda, disse Laine de si para si. — Mas não. Primeiro, estava fechado na sala das traseiras. É onde fica quando saio. E depois, bem... — Olhou para Henry, que lambia abundantemente a mão de Max. — Não é que ele tenha um bravo coração.

— Tu estás bem?

— Tanto quanto possível, acho eu, na manhã seguinte a nos terem destruído a casa e roubado coisas.

— Estás muito isolada aqui. Ninguém deve ter visto nada.

— Duvido. Vince, o chefe da polícia, vai fazer um inquérito, mas esta é a única casa nesta rua.

— Pois, eu conheci o chefe. Outra razão para cá vir foi para te garantir que não te convidei para jantar para te tirar de casa e isto acontecer.

— Bem, claro que não... Porque haverias... — Seguiu o raciocínio. — O Vince. Espero que não te tenha importunado.

— É o trabalho dele. E agora vejo que deixei a mesma desconfiança na tua cabeça.

— Não, nada... — Mas pensou nisso. — Nada disso. É que foi uma semana muito estranha. Acho que só lidei com o Vince em termos profissionais duas vezes desde que me mudei para cá. E agora duas vezes em

poucos dias. Ele deve ter ido ao hotel falar contigo esta manhã. Lamento.

— Foi rotina. Mas chegar a casa e dar com um rebuliço não é rotina nenhuma. — Estendeu a mão e tocou-lhe na face. — Estava ralado contigo.

O calorzinho subiu mais uns graus. Disse de si para si que não era nada bom — Willy Young e Max Gannon aliados. E que se Max fosse dessa laia, ela perceberia.

Aves da mesma pena juntam-se para o mesmo bando.

— Estou bem. A Jenny e a Angie ficam na loja hoje enquanto eu ponho a casa em ordem. — Apontou para a sala. — Ainda não fiz nada. Ainda bem que gosto de fazer compras, pois será a segunda fase.

Ele contornou-a para ver a sala.

Podia pensar-se que fora vandalismo a seguir ao assalto. Mas aos olhos de Max era mesmo o que parecia: uma busca rápida e maldosa. E se tivessem levado o que queriam, não lhe parecia que Laine estivesse calmamente a limpar e a falar em compras.

Ninguém tinha tanta calma.

Pensando nisso, lembrou-se dela a chegar a casa sozinha, às escuras, a abrir a porta e a ver aquilo. Não admirava que tivesse olheiras e o ar pálido de quem passou mal a noite.

— Fizeram-na boa — murmurou ele.

— Não é costume em Angel's Gap. Quando morei em Filadélfia, trabalhei com uma mulher que uma noite encontrou a casa assaltada. Levaram-lhe tudo e escreveram palavras nas paredes com tinta em spray.

Ele olhou para ela. — Então podia ser pior?

— Pode sempre ser pior. Ouve, já arrumei a cozinha e fui rapidamente à loja buscar café. Queres?

— Quero sempre. — Foi até ela. Parecia tão fresca. Aquele cabelo brilhante afastado da cara bonita, os olhos ainda mais azuis com as olheiras. Cheirava a sabonete, e só a sabonete. Tinha o encanto inocente das sardas salpicado no nariz.

— Laine, não quero atrapalhar-te, mas... deixa-me ajudar.

— Ajudar a quê?

Não sabia bem, mas falava a sério, sem contrapartidas. Olhou para ela, e quis ajudar. — Para começar, posso ajudar a arrumar a casa.

— Não tens de fazer isso. Deves ter que fazer...

— Deixa-me ajudar. — Calou-a só por lhe pegar na mão. — Tenho tempo, e o facto é que, se fosse fazer as minhas coisas, estaria ralado contigo e não faria nada de jeito.

— Que querido. — E soube que não tinha hipótese. — És muito querido.

— E há outra coisa. — Deu um passo em frente, e ela ficou encostada à parede. Mesmo assim, quando a boca dele se aproximou, o beijo foi lento e suave, quase sonhador. Ela sentiu os joelhos a cederem e quase se derreteu antes de ele levantar a cabeça. — Se não fizesse isto, ficaria a pensar em fazer. Assim podemos despachar mais coisas sem ter isto de permeio.

— Ótimo. — Passou a língua pelo lábio inferior. — Já está?

— Nem por sombras.

— Ótimo, também. Café — decidiu ela, antes de começarem a rebolar no chão da sala desarrumada em vez de a arrumarem. — Vou buscar o café.

Foi até à cozinha, com o cão a saltitar atrás. De momento ajudava que se mantivesse ocupada. A moer os grãos, a medir o café na máquina francesa. Ele perturbara-a novamente. Estava encostado ao balcão, a observá-la. Aquele corpo enorme descontraído, mas os olhos concentrados. Tinha qualquer coisa que a fazia querer encostar-se a ele como uma gata que quer festas.

— Tenho de dizer uma coisa.

— Muito bem.

Tirou duas canecas que tinham sobrevivido à destruição. — Não costume... Espera, deixa-me ver como dizer isto sem parecer completamente estúpida e vulgar.

— Não me parece que possas parecer nada disso. Nunca.

— Sabes mesmo tocar nos pontos certos. Está bem. — Virou-se para ele enquanto o café apurava. — Não costume sair, nem sequer casualmente, com homens que acabei de conhecer. Com clientes. Aliás, foste o primeiro.

— Sempre gostei de ser o primeiro.

— Quem não gosta? E embora goste de homens, e do bem que eles fazem, também não me costume enrolar com um depois de jantar como uma trepadeira a uma árvore.

Ele tinha a certeza de que se recordaria do momento durante muito tempo. Voltaria a pensar nele no leito de morte como um dos pontos altos da sua vida. — Também sou o primeiro nisso?

— A esse nível.

— Cada vez melhor.

— Queres leite? Açúcar?

— Simples está bem.

— Muito bem, continuando. Também não costume — e isto tem sido norma inabalável — pensar em dormir com um homem que só conheço há vinte e quatro horas, mais coisa menos coisa.

Ele coçava as orelhas de Henry, mas não tirava os olhos da cara dela.
— Sabes o que se diz das normas.

— Sei, e embora concorde com o que se diz, não é de ânimo leve que as quebro. Acredito firmemente na necessidade de uma estrutura, Max, em normas e riscos. Por conseguinte, o facto de considerar violar uma norma, pisar o risco, põe-me nervosa. Seria mais inteligente, seguro e sensato que recuássemos um pouco, pelo menos até nos conhecermos melhor. Até termos tido hipótese de desenvolver as coisas a um ritmo mais razoável e racional.

— Mais inteligente — concordou ele. — Mais seguro e sensato.

— Não fazes ideia do que me custa viver segundo esses atributos.
— Riu-se um pouco e serviu o café. — E o problema é que nunca me senti tão atraída por ninguém como por ti.

— Talvez eu seja mais solto no que toca a normas e riscos, e não me rale em ser sensato em certas coisas. — Pegou na caneca que ela lhe estendia, e pousou-a no balcão. — Mas sei que nunca olhei para outra mulher e a quis da maneira como te quero.

— Isso não me vai ajudar a ser inteligente. — Ela pegou no café e afastou-se. — Mas preciso de ordem. Deixa-me pôr a casa em ordem, tanto quanto possível, e veremos no que dá.

— É difícil discordar disso. Se fizermos estas coisas juntos, ficaremos a conhecer-nos melhor.

— Bem, é uma das maneiras. — Seria uma distração, concluiu ela. Muito mais distração do que Jenny e um Big Mac para o almoço.

Mas que diabo.

— Já que tenho músculos a jeito, comecemos pela sala. O sofá é bem pesado.

Na Naquele Tempo, o negócio corria sobre rodas. Ou pelo menos as pessoas andarem a ver corria sobre rodas. Não demorara muito a que se soubesse do azar de Laine, nem para atrair os curiosos sedentos de mais pormenores. À uma hora, já com o novo carregamento registado, etiquetado e exposto, as vendas a fazerem-se e a coscuvilhice também, Jenny pôs a mão na dor que tinha nos rins.

— Vou almoçar a casa, onde posso pôr as pernas ao alto cerca de uma hora. Ficas bem sozinha?

— Claro. — Angie mostrou uma barra energética e um Frappuccino com pouca gordura. — Tenho aqui o almoço.

— Não sabes a tristeza que me dá, Angie, saber que chamas a isso almoço.

— Pesava cinquenta e três quilos esta manhã.

— Cabra.

Enquanto Angie se ria, Jenny tirou a mala detrás do balcão e a camisola do cabide. — Vou aquecer massa Primavera no microondas e comer um *brownie* à sobremesa.

— Quem é que é cabra? — Deu uma palmadinha na barriga de Jenny, sempre na esperança de sentir o bebé a mexer-se. — Que tal vai isso?

— É um noctívago. — Compôs um gancho solto no carrapito desalinhado. — Juro que o miúdo acorda e começa no sapateado todas as noites cerca das onze, e isto durante horas.

— E tu adoras.

— Pois adoro. — A sorrir, Jenny compôs a camisola. — Cada momento. É a melhor altura da vida. Volto daqui a uma hora.

— Está tudo controlado. Achas que ligue à Laine? Só para ver como está?

— Eu ligo de casa — disse Jenny a caminho da porta. Antes de lá chegar, esta abriu-se, e ela reconheceu o casal, procurando o nome deles na base de dados mental. — Ora sejam bem aparecidos. Dale e Melissa, não é?

— Boa memória. — A mulher, trinta e picos, ginasticada e cheia de estilo, sorriu-lhe.

— E se bem me lembro, estavam interessados no armário de pau-rosa.

— Acertou outra vez, e vejo que ainda cá está. — Falou e foi até ao armário, passando a mão no relevo da porta. — Está sempre a chamar-me.

— É uma peça muito bonita. — Angie deu a volta ao balcão. — Das minhas preferidas. — A verdade é que preferia coisas modernas, mas sabia vender. — Recebemos outra peça de pau-rosa hoje. É uma escrivanhinha deliciosa. Vitoriana. Acho que foram feitos um para o outro.

— Ai, ai — a rir, Melissa apertou o braço do marido. — Acho que tenho pelo menos que ver.

— Eu mostro-lhe.

— Eu estava de saída, se não precisarem de mim...

— Estamos bem. — Angie fez sinal a Jenny. — Não é linda? — perguntou a Melissa, enquanto passava um dedo no tampo brilhante e inclinado. — Está em excelentes condições. A Laine tem mesmo olho. Encontrou-a em Baltimore há umas semanas. Chegou esta manhã.

— É maravilhosa. — Melissa debruçou-se e começou a abrir e a fechar as gavetinhas. — Maravilhosa. Gosto mesmo dela. Dave?

Ele mexia na etiqueta do preço e olhou para a esposa de certa forma. — Tenho de pensar se compramos as duas coisas, Melissa. Não é barato.

— Talvez possam baixar o preço.

— Podemos pensar nisso — disse Angie.

— Deixe-me ver novamente o armário. — Afastou-se e abriu as portas.

Sabendo como deixar apurar uma venda, Angie deixou-se ficar enquanto Dale se juntava à esposa e começavam a sussurrar.

As portas fecharam-se, abriram-se, e as gavetas também.

— Ficamos com o que está cá dentro, também? — perguntou Dale.

— Desculpe?

— Aquela caixa. — Tirou-a e abanou-a. — É como o brinde que vem nos cereais?

— Desta vez não. — Com um risinho, Angie pegou na caixa. — Chegou um grande carregamento esta manhã, e estivemos muito atarefadas. A Jenny deve ter-se distraído e posto isto aí.

Teria? As coisas andavam de um lado para o outro há uma ou duas horas. Fosse como fosse, Angie achou que era uma sorte ter-se aberto a gaveta antes de se dar por falta da caixa.

— Vamos só conversar um bocadinho — disse Melissa.

— Estejam à vontade. — Angie deixou-os e voltou ao balcão. Desembruilhou a caixa e estudou o cão de louça. Era giro, pensou, mas não percebia como é que se podia pagar bom dinheiro por animais de louça.

Achava os animais de pelúcia mais fofos e amigos.

Devia ser Doulton ou Derby ou um dos estilos que Laine ainda andava a ensinar-lhe.

Dado que, pelos bocados de conversa que ouvia, Melissa parecia estar a conquistar o marido sozinha, Angie deu-lhes mais espaço e levou o cão para a montra de estatuetas e bricabraque para tentar identificar tipo e época.

Era um jogo para ela. Claro que estava tudo num ficheiro, mas isso era batota. Identificar as peças na loja era como identificar personalidades no bar. Passado tempo suficiente, já se sabia quem era quem e o quê.

— Menina?

— Angie. — Virou-se e sorriu.

— Se levarmos os dois, que preço nos faz?

— Bem... — encantada por receber Jenny com a venda dupla, pôs o cão de louça e foi pechinchar com os clientes.

Na excitação de fazer negócio, tratar da entrega, registar a venda, nunca mais pensou no cãozinho.

5.

Max aprendeu muito sobre Laine naquelas horas. Era organizada, prática

e precisa. De raciocínio mais linear do que ele pensava para alguém com aquele passado. Olhava para uma tarefa, via-a do princípio ao fim, e seguia os passos até à conclusão. Sem desvios nem distrações.

E fazia o ninho. Era tal e qual a mãe dele, a fazer o ninho com pequenos — como é que o pai lhes chamava? — artigos de fanceria. E tal como a mãe dele, Laine sabia exactamente onde preferia cada um deles.

Porém, e ao invés da mãe dele, Laine não parecia apegar-se sentimentalmente às coisas. Ele já vira a mãe a chorar baba e ranho por um jarrao partido, e sentira o poder da sua ira quando lhe partira uma taça antiga.

Laine varria bocados disto, daquilo, e despejava-os no lixo sem pestanejar. Só queria repor a ordem no seu espaço. Havia que respeitar isso.

Embora desse voltas à cabeça a pensar como é que a filha de um viarista nómada dera uma volta de cento e oitenta graus para se transformar numa anónima numa pequena cidade, o facto é que adorava quebra-cabeças e ela assim tornava-se mais interessante.

Gostava de estar no ninho dela, de lhe fazer companhia. Era evidente que a atracção entre eles ia complicar as coisas pelo caminho, mas era difícil não desfrutar disso.

Gostava da voz dela, do facto de ser tanto rouca como suave. Gostava que ela parecesse sensual de camisola. Gostava das sardas dela.

Admirava a resistência dela perante aquilo que teria devastado a maioria das pessoas. E admirava e apreciava a sinceridade dela quanto à reacção que ele lhe causara e ao que havia entre eles.

A verdade é que, noutras circunstâncias, ele podia ver-se a mergulhar de cabeça numa relação com ela, sem olhar para trás, a mandar os cuidados às urtigas e outras coisas que se dizem. Mesmo naquelas circunstâncias, estava pronto a dar o mergulho. Não sabia bem se seria bom ou mau.

Contudo, fosse regalia ou obstáculo ao objectivo, era altura de voltar à carga.

— Ficaste sem muita coisa — comentou ele.

— Posso sempre arranjar mais. — Mas sentiu mágoa pela fissura na jarra Derby que tinha numa bandeja na sala. — Entrei neste ramo porque gosto de coleccionar toda a espécie de coisas. Depois percebi que não precisava assim tanto de que fossem minhas, mas sim de as ver e tocar e ter por perto.

Passou um dedo pela jarra partida. — E é igualmente reconfortante, até mais, comprar e vender, ver peças interessantes irem para pessoas interessantes.

— As pessoas monótonas nunca compram peças interessantes?

Ela riu-se. — Sim, compram. Por isso é que é importante não nos ape-

garmos muito ao que tencionamos vender. E eu adoro vender. Plim-plim!

— E como sabes o que comprar?

— Instinto, experiência. Por vezes é questão de apostar na peça.

— Gostas de apostar?

Ela lançou-lhe um olhar. — Por acaso.

Pois claro, pensou ele, estava mesmo à beira do precipício. — Queres bazar daqui e ir a Las Vegas?

Ela ergueu o sobrolho. — E se eu dissesse sim, porque não?

— Marcaria o voo.

— Sabes — disse ela passado um momento — acho que marcavas mesmo. E eu gostaria disso. — A costela O'Hara já estava a caminho do aeroporto. — Mas infelizmente, não te posso pôr à prova. — Esta era a costela Tavish. — Fica para a próxima?

— Fica pois, em aberto. — Viu-a dispor algumas peças que tinham sobrevivido ao assalto. Castiçais, uma enorme taça de cerâmica, uma travessa comprida. Sentiu que ela as punha exactamente onde haviam estado. Era reconfortante. E provocador.

— Sabes, ao ver tudo isto, não parece ter sido um simples assalto. Se é que pode ser simples assaltarem-nos a casa. Não me parece ter sido chegar e agarrar no que houvesse. Parece mais pessoal.

— Bem, isso deixa-me muito aliviada.

— Desculpa. Não pensei bem. Na verdade, não pareces muito assustada.

— Dormi com a luz acesa esta noite — admitiu ela. — Como se fizesse diferença. Não serve de nada estar assustada. Não muda nada nem conserta nada.

— Não fazia mal ter um sistema de alarme. Qualquer coisa mais sofisticada do que a variedade canina — acrescentou, a olhar para onde Henry ressonava debaixo da mesa.

— Não. Pensei nisso durante cinco minutos. Não é um sistema de alarme que me vai dar segurança. Só me faria sentir que tenho com que me preocupar. Não vou estar cheia de medo na minha própria casa.

— Deixa-me só falar mais disto antes de mudar de assunto. Não achas que pode ter sido alguém teu conhecido? Tens inimigos?

— Não, não — respondeu, e encolheu os ombros, enquanto dispunha as cadeiras de espaldar em volta da mesa. Mas ouviu as palavras de Willy na sua cabeça: *Ele sabe onde estás.*

Quem é que sabia?

O pai?

— Agora ficaste preocupada. — Levantou-lhe o queixo com um dedo. — Bem vejo.

— Não, preocupada não. Desconcertada, talvez, com a ideia de que posso ter inimigos. As lojistas comuns das terrinhas do Maryland não devem ter inimigos.

Passou-lhe o polegar pelo queixo. — Tu não és nada comum.

Deixou que os lábios se curvassem quando os dele desceram para um beijo. Ele não fazia ideia, pensou, no trabalho que ela tivera para *ser* comum toda a vida.

Ele tinha as mãos nas ancas dela quando o telefone tocou. — Ouves os sininhos? — perguntou ele.

Ela riu-se e tirou o telemóvel do bolso. — Estou? Olá, Angie. — Enquanto escutava, moveu a jarra partida um centímetro em cima da bandeja. — As *duas* peças? Que maravilha. O que... Sim, sim. Não, fizeste muito bem. A escrivanhinha foi originalmente criada para um Capitão Davenport no século XIX. Sim, estou bem. A sério, e claro que isso me deixa animada. Obrigada, Angie. Até logo.

— As coisas que se aprendem.

— Posso ensinar-te muita coisa. — Sentindo-se divertida, passou-lhe os dedos pelo peito. — Queres que te mostre a diferença entre uma estante e uma cómoda?

— É para já.

Pegou-lhe na mão e levou-o para a pequena biblioteca, onde lhe podia dar uma aula sobre antiguidades enquanto arrumavam as coisas.

Quando o cavalheiro alto e distinto, de bigode aparado, entrou na Naquele Tempo, Jenny estava a pensar no que fazer para o jantar. Como parecia ter fome o tempo *todo*, pensar em comida era quase tão bom como comê-la.

Depois da grande venda de Angie, o ritmo abrandara. Houvera gente a ver e a Sr.^a Gunt fora ver a jarra das tulipas e comprara-a. Na hora seguinte, Angie e ela tinham andado por ali, e o dia pôs um ar de preguiça que a fez mandar Angie embora mais cedo.

Levantou a cabeça quando ouviu a porta, contente por ter um cliente para a distrair das costeletas e do puré de batata.

— Boa-tarde. Em que posso ajudar?

— Queria dar uma vista de olhos, se não se importa. É um sítio muito interessante. É seu?

— Não. A dona não está cá hoje. Veja à vontade. Se precisar ou quiser saber alguma coisa, não hesite.

— Obrigado.

Usava um fato quase da mesma cor do bigode e do cabelo curto e bem cortado. O fato, e as riscas subtis da gravata, faziam-na pensar em dinheiro. A voz tinha o suficiente para ela deduzir que ele vinha do Norte.

O instinto de vendedora disse-lhe que ele não se importaria de conversar enquanto via a loja. — Está de visita a Angel's Gap?

— Tenho negócios nesta zona. — Sorriu, e as faces encovaram-se mais, o azul dos olhos ficou mais caloroso e deu sensualidade ao seu ar distinto. — É uma terra tão amistosa.

— Pois é.

— E pitoresca. Boa para fazer negócio, parece-me. Tenho uma loja também. — Inclinou-se para observar a vitrina da joalheria de família. — Joalheria de heranças — disse, a bater no vidro. — Compra e venda. Boas peças que têm aqui. Inesperadas, realmente, fora de uma área metropolitana.

— Obrigada. A Laine esmera-se no que vendemos aqui.

— Laine?

— Laine Tavish, a proprietária.

— Não terei já ouvido esse nome? Até a posso ter conhecido num dos leilões. É um meio relativamente pequeno.

— É possível. Se ficar na cidade algum tempo, poderá sempre voltar. Ela costuma cá estar.

— Não me esquecerei. Diga, também vendem pedras soltas?

— Pedras?

Ele inclinou a cabeça perante o olhar vago de Jenny. — Costumo comprar pedras preciosas para substituir as que se perderam em engastes antigos ou para duplicar peças para clientes.

— Oh, não, não vendemos. Claro que a joalheria é só uma pequena parte do nosso stock.

— Bem vejo. — Virou-se e os olhos varreram cada centímetro da sala principal. — É uma mistura ecléctica, estilos, épocas. É a Menina Tavish quem faz as compras?

— Sim, é ela. Temos sorte em ter alguém como Laine nesta terra. A loja já goza de boa reputação e constamos de vários guias da zona, e de revistas de antiguidades e coleccionismo.

Ele afastou-se, na direcção da mesa posta com figuras de porcelana e bronze. — Então ela não é de cá.

— Só se é de cá se os avós cá tiverem nascido. Mas não, a Laine mudou-se há alguns anos.

— Tavish, Tavish... — Voltou a aproximar-se, a estreitar os olhos e a cofiar o bigode. — É alta, magra e com cabelo curto louro? E usa óculos pretos?

— Não, a Laine é ruiva.

— Ah, bem, pouco importa. Que peça mais bonita. — Pegou num gato de porcelana muito elegante. — Fazem entregas?

— Fazemos sim. Gostaria muito de... Oh, olá, querido — disse ela quando Vince entrou. — É o meu marido — explicou ao cliente com uma piscadela de olho. — Não chamo «querido» a todos os polícias.

— Passei por aqui para ver como estava a Laine.

— Não me parece que ela venha hoje. Tem muito que fazer. A casa da Laine foi assaltada ontem à noite — disse.

— Meu Deus, que horror. — O homem levou a mão ao nó da gravata, e a pedra azul-escura do anel brilhou. — Houve danos pessoais?

— Não, ela não estava em casa. Desculpa, Vince, este é o Sr... Não fixei o seu nome.

— Alexander, Miles Alexander. — Estendeu a mão a Vince.

— Vince Burger. Conhece a Laine?

— Estávamos mesmo a ver se percebíamos isso. Eu vendo joalharia herdada e pergunto-me se terei conhecido a Menina Tavish neste meio. Lamento o que lhe aconteceu. Estou muito interessado no gato — disse para Jenny — mas tenho um compromisso. Voltarei, e espero encontrar a Menina Tavish. Obrigado pelo seu tempo, Sr.^a Burger.

— Jenny. Volte sempre — acrescentou enquanto ele se dirigia à porta.

Sozinhos na loja, Jenny deu uma cotovelada a Vince. — Olhaste para ele como se fosse suspeito.

— Não olhei nada. — Ele também lhe deu uma cotovelada ao de leve na barriga. — Tenho curiosidade, é só, quando vejo um tipo bem arreado na loja no dia seguinte ao assalto à Laine.

— Sim, ele tinha mesmo tipo de ladrão.

— Pois sim, e que tipo tem um ladrão?

— Não tem aquele tipo.

Chamava-se Alex Crew, embora tivesse identificação em nome de Miles Alexander — e vários outros pseudónimos. Caminhava agora rapidamente no passeio inclinado. Tinha de espairer a raiva que fervia dentro dele por não ter encontrado Laine Tavish onde queria encontrá-la.

Detestava contrariedades fossem de que espécie fossem.

Não obstante, caminhar fazia parte do negócio. Tinha de reconhecer o terreno a pé, embora tivesse um mapa pormenorizado de Angel's Gap na cabeça. Não gostava de terrinhas, nem da paisagem verde das montanhas circundantes. Era homem da cidade, do ritmo citadino, das oportunidades.

Da abundância de marcas.

Para descanso e lazer, gostava dos trópicos, com as suas brisas suaves, noites de luar e turistas ricos.

Aquele sítio estava cheio de saloios, como a vendedora grávida — talvez já fosse o quarto filho — e o marido, antigo campeão de futebol do liceu e agora polícia da terra. Parecia do tipo de lembrar glórias passadas com os amigos aos sábados à noite e latas de cerveja. Ou de estar na mata à espera de caçar veados para se sentir novamente campeão.

Crew deplorava tais homens e mulheres que mantinham o jantar quente à noite.

O pai tinha sido desses.

Sem imaginação, sem visão, sem gosto pela ladroagem. O pai não fazia nada que não estivesse assinalado na agenda. E de que lhe tinha servido? Uma mulher gasta e queixosa, uma casa numa fileira em Camden e uma campa antecipada.

Para Crew, o pai fora um desperdício de vida.

Ele sempre quisera mais, e começara a agarrar mais quando rastejara para fora da sua primeira janela do segundo andar aos doze anos. Roubara o primeiro carro aos catorze, mas sempre tivera grandes ambições e desígnios mais arrojados.

Gostava de roubar aos ricos, mas nada tinha de Robin dos Bosques. Gostava simplesmente porque os ricos tinham coisas melhores, e ao tê-las e tirá-las, sentia-se parte da nata.

Matara o primeiro homem aos vinte e dois anos, e embora não tivesse sido planeado — tinham sido umas amêijoas estragadas a fazer o alvo sair mais cedo do balé — não tinha aversão nenhuma a tirar vidas. Especialmente se o lucro fosse bom.

Tinha quarenta e oito anos, gostava de vinho francês e fatos italianos. Tinha casa em Westchester, de onde a mulher saíra — e levara o filho pequeno — mesmo antes do divórcio. Também tinha um apartamento de luxo perto do Central Park, onde recebia prodigamente sempre que lhe apetecia, uma casa de férias nos Hamptons e outra de praia na Grande Caimão. Todas as escrituras tinham nomes diferentes.

Safara-se muito bem a ficar com o que era dos outros e, modéstia à parte, tornara-se numa espécie de *connoisseur*. Era selectivo no que roubava agora, e isto há mais de uma década. Arte e pedras preciosas eram a sua especialidade, com investidas ocasionais na numismática.

Só fora preso algumas vezes, e condenado uma única vez — uma mancha que atribuía completamente ao advogado incompetente e careiro que tivera.

O homem pagara-as, já que Crew o espancara até à morte com uma barra de chumbo três meses depois de ser liberto. Porém, na cabeça de Crew, a balança não ficara nada equilibrada. Passara vinte e seis meses dentro, privado da sua liberdade, aviltado e humilhado.

A morte do idiota do advogado de pouco consolo servia.

Ora isto fora há mais de vinte anos. Embora o tivessem interrogado uma ou duas vezes, nunca mais fora detido. O único benefício dos meses passados na prisão fora o tempo infindável que tivera para reflectir, para avaliar, para considerar.

Não bastava roubar. Era essencial roubar bem, e viver bem. Por conseguinte, estudara, desenvolvera o cérebro e as suas personalidades. Para roubar bem aos ricos, era melhor tornar-se num deles. Ganhar conhecimentos e bom gosto, ao invés dos borra-botas que apodreciam atrás das grades.

Conseguir entrada na sociedade, arranjar uma mulher de boa posição, até. O sucesso, para ele, não era subir a janelas de segundo andar, mas sim em mandar outros fazê-lo. Outros que pudesse manipular e depois descartar, consoante o necessário. Isto porque, fosse o que fosse que tirassem, às ordens dele, todos os direitos lhe pertenciam em exclusivo.

Era esperto, era paciente e era implacável.

Se cometesse erros pelo caminho, não era nada que não pudesse corrigir. Ele corrigia *sempre* os erros. O advogado idiota, a mulher tola que objectara a que ele lhe espremesse uns milhares de dólares, quaisquer esbirros tacanhos que ele tivesse empregado ou conhecido durante a sua carreira.

Big Jack O'Hara e o ridículo assistente Willy tinham sido erros.

Equívocos, corrigiu Crew enquanto virava a esquina de regresso ao hotel. Não eram tão estúpidos quanto ele pensava quando os usara para planear e executar o golpe de uma vida. O santo graal, a demanda. *Dele*.

Como se tinham esgueirado à armadilha que lhes lançara e escapado com a sua parte antes de serem apanhados era um quebra-cabeças para ele. Tinham conseguido enganá-lo durante mais de um mês. E nenhum deles tinha tentado transformar a sua parte em dinheiro — outra surpresa.

Porém, ele mantivera o faro apurado e acabara por apanhar o cheiro a O'Hara. Mesmo assim, não fora Jack quem ele seguira de Nova Iorque às montanhas do Maryland, mas sim Willy, o fuinha estúpido.

Não devia ter deixado que o patife o visse, pensava Crew agora. Malditas terrinhas. Não esperara nada deparar com o homem no meio da rua. Assim como não esperara que Willy se sobressaltasse e fugisse, como um coelho assustado aos saltos e direitinho para baixo de um carro.

Tinha-se sentido tentado a atravessar a chuva até àquela massa sanguinolenta e pontapeá-la. Milhões de dólares em jogo, e o idiota não se lembra de olhar para os dois lados antes de atravessar a rua.

Depois saíra ela da loja a correr. A ruiva bonita com ar chocado. Ele já vira aquela cara. Oh, não se conheciam, mas já vira aquela cara. Big Jack

tinha fotografias, e adorava sacar delas e mostrá-las depois de umas cervejas.

A minha filha. Não é uma beleza? Esperta como um alho, também. Fez a faculdade, a minha Laine.

Esperta o bastante, pensou Crew, para se esconder na vidinha de uma pequena cidade para passar mercadoria, transportá-la, branqueá-la. Era uma bela vigarice.

Se Jack achava que podia passar o que pertencia a Alex Crew à filha, e reformar-se no Rio de Janeiro como tantas vezes falava em fazer, não perdia por esperar.

Ele ia recuperar o que lhe pertencia. Tudo o que lhe pertencia. E pai e filha iam pagar bem caro.

Entrou no átrio do Wayfarer e teve de reprimir um arrepio. Considerava o alojamento sofrível. Subiu as escadas até à suite, e pôs o sinal NÃO INCOMODAR na porta, já que queria sentar-se sossegado a arquitectar o passo seguinte.

Tinha de estabelecer contacto com Laine Tavish, e deveria fazê-lo na qualidade de Miles Alexander, joalheiro de heranças. Estudou-se ao espelho e assentiu. Alexander era um pseudónimo fresco, assim como o cabelo branco e o bigode. O'Hara conhecia-o como Martin Lyle ou Gerald Benson, e tê-lo-ia descrito como alguém sem barba e de cabelo grisalho curto.

Podia começar por namoriscar, e gostava realmente da companhia feminina. O interesse mútuo em jóias herdadas tinha sido um toque de mestre. Era melhor tirar uns dias, apalpar terreno, antes de dar o passo seguinte.

Ela não escondera nada em casa, nem tinha cofre nem chave de coisa alguma. Caso contrário, as duas bestas que ele tinha contratado teriam dado com isso.

Podia ter sido precipitado assaltar-lhe a casa com tal rebuliço, mas estava zangado e certo de que ela tinha o que era dele. Ainda pensava que sim, ou que ela sabia onde o encontrar. A melhor maneira era ser amistoso, talvez mesmo romântico.

Ela estava ali, Willy estava ali — mesmo morto. Estaria Jack O'Hara não muito longe?

Satisfeito com a simplicidade do plano, Crew sentou-se ao computador portátil. Abriu várias páginas *web* sobre joalharia herdada e começou a estudar.

Laine acordou com o candeeiro e olhou em volta do quarto.

Que horas eram? Que dia era? Apanhou o cabelo enquanto se soerguia e espreitava o relógio. Oito e quinze. Não podia ser de manhã porque estava escuro, portanto, que diabo fazia deitada às oito da noite?

Em cima da cama, corrigiu, com a manta aveludada bem aconchegada. E Henry a rressonar no chão ao lado da cama.

Bocejou, espreguiçou-se e ficou alarmada.

Max!

Oh Deus. Estivera a ajudá-la a arrumar o pior do quarto de hóspedes, e tinham falado em ir jantar fora. Ou encomendar comida.

Que acontecera? Tentou concentrar-se. Ele levava o lixo à rua e ela fora ao quarto para se arranjar.

Sentara-se na cama por instantes.

Pronto, estendera-se na cama um minuto. Fechara os olhos. Só para se recompor.

E agora acordava quase três horas mais tarde. Sozinha.

Ele tapara-a, pensou com um sorriso embevecido, a passar a mão pela manta. E acendera a luz para ela não acordar às escuras.

Começou a afastar a manta para se levantar quando viu o bilhete na almofada ao seu lado.

Estavas tão bonita e cansada que não pude armar-me em Príncipe Encantado da Bela Adormecida. Tranquei tudo, e o teu cão feroz está de guarda. Dorme bem. Ligo-te amanhã. Melhor, venho cá ver-te.

Max

— Podia ser mais perfeito? — perguntou ao cão que ainda rressonava. Recostou-se e encostou o bilhete ao peito. — Deve desconfiar-se imediatamente da perfeição, mas que diabo, isto agrada-me. Estou tão farta de ser desconfiada e cautelosa, e de estar sozinha.

Deixou-se ficar mais um pouco, a sorrir. A Bela Adormecida já não tinha sono. Aliás, não podia estar mais acordada nem alerta.

— Sabes há quanto tempo não faço algo mesmo irresponsável? — Respirou fundo, e expirou. — Nem eu sei, há tanto tempo que deve ter sido. É altura de jogar.

Levantou-se e foi à casa de banho abrir o chuveiro. Pensando melhor, decidiu que um banho de espuma era muito melhor para a ocasião que tinha em mente. Havia tempo, e depois de pôr a água a correr, analisou as opções que tinha para vestir e seduzir Max Gannon.

Pôs um perfume de frísias na banheira e passou vinte minutos a maquilhar-se. Levou quase tanto tempo a decidir se prendia o cabelo ou não. Optou por prendê-lo, porque ele ainda não a vira assim, e apanhou-o de maneira a cair-lhe pelos ombros à menor provocação.

Desta vez ficou-se pelo óbvio e o vestidinho preto. Sentia-se grata

pela razão às lojas que tinha feito meses antes, com uma Jenny ainda não grávida, tendo-se ambas recheado de lingerie incrível.

Depois, lembrando-se de que Jenny atribuíra o seu actual estado à lingerie, Laine juntou mais preservativos aos que já tinha na mala. Ficou com uma dúzia, número que decidiu alegremente ser tão cauteloso quanto optimista.

Vestiu um casaco de malha de caxemira preta muito fina, uma indulgência ridícula que não conseguia usar com frequência, por cima do vestido.

Deu mais uma mirada ao espelho, de todos os ângulos. — Se ele te der tampa — declarou — não há esperança para a humanidade.

Assobiou para que o cão a seguisse até ao andar de baixo. Depois de ir à cozinha buscar uma garrafa de vinho, tirou a trela de Henry do gancho por detrás da porta.

— Queres dar um passeio? — perguntou, coisa que punha sempre Henry aos pulos e corridinhas de excitação. — Vais para a Jenny. Vais dormir fora, e por favor, Deus, eu também vou. Se não arranjar escape para esta excitação toda, vou entrar em combustão espontânea.

Ele já tinha corrido para o carro e voltado três vezes quando ela chegou lá e lhe abriu a porta. Saltou para o lugar do pendura e ela passou-lhe o cinto.

— Nem sequer estou nervosa. Não acredito que não estou nervosa quando não faço isto há... bem, nem vale a pena — acrescentou já ao volante. — Se pensar nisso, *ficarei nervosa*. Gosto mesmo dele. É uma loucura porque mal o conheço, mas gosto mesmo dele, Henry.

Henry ladrou, quer em assentimento quer de alegria, quando ela começou a descer o acesso.

— Não deve dar em nada — continuou ela. — Quer dizer, ele mora em Nova Iorque e eu aqui. Mas não tem de dar em nada, pois não? Não tem de ser amor nem compromisso para sempre. Pode ser só desejo e respeito e afecto e... desejo. Há muito desejo por aqui, e não há mal nenhum nisso.

» E vou calar-me antes que me convença que não posso fazer isto.

Eram quase dez quando entrou no acesso para a casa de Jenny. Era tarde, pensou. E tarde para ir bater à porta do quarto de hotel de um homem.

Mas qual era a melhor hora para ir bater à porta do quarto de hotel de um homem?

Jenny já saía pela porta da frente e descia o acesso. Laine soltou o cinto de Henry e esperou que a amiga abrisse a porta desse lado.

— Olá, Henry! Cá está o meu melhor amigo, pois é. O Vince está à tua espera.

— Devo-te esta — disse Laine enquanto Henry corria como louco para dentro de casa.

— Não deves nada. Saída tardia, hein?
— Não perguntes.
Jenny encostou-se tanto quanto a barriga lho permitia. — Estás a gozar comigo?
— Estou. Amanhã conto-te tudo. Fazes-me mais um favor?
— Claro, o que é?
— Reza com convicção para eu ter coisas para contar.
— Rezo, mas com o aspecto com que estás, as rezas já foram atendidas.
— Está bem. Cá vou eu.
— Vai-te a eles, fofa. — Jenny fechou a porta e afastou-se, a esfregar a barriga enquanto Laine arrancava. — O tipo está feito — murmurou, e entrou para brincar com Henry.

6.

Ocorreu a Laine que parecia uma mulher com uma missão. O vestidinho preto, os sapatos finos, a garrafa de vinho debaixo do braço.

Mas não fazia mal. *Era* uma mulher a caminho, esperava ela, de uma missão, só que o homem implicado ainda não sabia. E se encontrasse alguém conhecido, que importava? Era adulta e era livre. Tinha direito a uma noite de sexo saudável e sem compromissos.

Mas ficou aliviada quando passou pela recepção do Wayfarer sem ver ninguém conhecido. Carregou no botão do elevador para subir e deu consigo a praticar uma técnica de relaxamento que aprendera nas aulas de ioga.

Parou.

Não queria nada relaxar. Podia relaxar no dia seguinte. Nessa noite queria sentir a adrenalina no sangue, os músculos do estômago a tremer, a dança de arrepios e calor na pele.

Entrou no elevador quando as portas se abriram e premiu o botão para o andar de Max. Quando as portas dela se fecharam, as do elevador ao lado abriram-se.

E Alex Crew saiu.

À secretária, com a televisão sem som para fazer companhia, Max revia as notas e escrevia o relatório diário. Deixou de fora algumas coisas, era verdade. Não valia a pena documentar que brincara com o cão, beijara Laine ou que a aconchegara com uma manta e ficara a vê-la dormir.

Nada disso era informação relevante.

Em contrapartida, pormenorizou a extensão dos danos na proprie-

dade dela, as acções e reacções dela, e as opiniões dele sobre o que observara ser o actual estilo de vida dela.

Simples, provinciana, bem sucedida. Conhecedora da sua profissão, aninhada na casinha no monte e na comunidade.

Porém, onde arranjava dinheiro para comprar aquela casa, para começar o negócio? O empréstimo bancário a que ele acedera — de maneira pouco legal — não batia certo. Ela fizera depósitos consideráveis — mais do que parecia logicamente possível para uma jovem que ganhara um ordenado fixo mas negligenciável desde a faculdade.

E não era uma soma exorbitante, reflectiu. Não dava nas vistas. Não indicava haver uma grande máquina de fazer dinheiro algures a pingar milhões.

Ela tinha um carro bom, americano, com três anos. Tinha algumas peças de arte boas, mas era o negócio dela, pelo que não era nada de especial.

O guarda-roupa, tinha ele visto, mostrava bom gosto clássico, mas também não era exorbitante, e adequava-se muito bem à imagem de comerciante de antiguidades solteira e bem sucedida.

Tudo nela se adequava à imagem.

Não vivia como se fosse rica. Não parecia ser um deles, e ele geralmente reconhecia-os. De que valia comprar uma casa na mata, arranjar um cão feio, abrir um negócio na rua principal de uma terrinha, se não fosse o que se queria?

Uma mulher com os atributos dela podia estar em qualquer lado, a fazer qualquer coisa. Por conseguinte, deduzia-se que estivesse a fazer exactamente o que queria.

E *isso* também não batia certo.

Estava confuso acerca dela, esse é que era o problema. Recostou-se na cadeira a olhar para o tecto. De todas as vezes que olhava para ela, o cérebro amolecia-se-lhe. Havia qualquer coisa naquela cara, naquela voz, credo, naquele *cheiro*, que o transformava num boneco de trapos.

Talvez não a reconhecesse como um deles por não a querer reconhecer como um deles. Não estava tão apanhadinho por uma mulher desde... Na verdade, nunca estivera assim apanhadinho por uma mulher.

Na prática, em termos profissionais, devia abster-se um pouco de contactos pessoais. Quer parecesse ser o melhor caminho para Jack O'Hara, quer não, não a podia usar se aquilo não lhe passasse.

Podia arranjar uma desculpa, ir-se embora uns dias. Podia estabelecer uma base ali perto onde pudesse observar e registar. E utilizar contactos e conhecimentos, assim como os seus dotes de pirata informático, para aprofundar a vida de Elaine O'Hara, também conhecida como Laine Tavish.

Quando soubesse mais, decidiria como tratar dela e voltar. Entretan-

to, tinha de manter uma distância objectiva. Nada de jantares a dois, nada de passar o dia em casa dela, nada de contacto físico que só podia dar em complicação.

Sairia de manhã, ligar-lhe-ia a dizer que tinha de voltar a Nova Iorque mas que daria notícias. Manter as linhas abertas, mas aliviar a frente pessoal.

Um homem não podia trabalhar como deve ser se andasse sempre numa bruma sexual.

Satisfeito com o plano, Max levantou-se. Já arrumara a maior parte das coisas, talvez fosse lá abaixo beber um copo, e depois tentaria adormecer os sentimentos que começava a nutrir por ela, bem depressa e pouco apropriadamente.

Bateram à porta e ele distraiu-se. Já tinham ido abrir a cama e posto chocalatinhos nas almofadas. Quase esperava que lhe metessem um envelope debaixo da porta. Embora preferisse a comunicação por correio electrónico, os clientes costumavam insistir numa cópia por faxe com as instruções.

Não aparecendo nada, foi até à porta e espreitou pelo óculo. Quase que engolia a própria língua.

Que diabo fazia ela à porta dele? E que tinha vestido?

Jesus Cristo.

Deu um passo atrás, esfregou a mão na cara, no coração. O instinto profissional entrou em acção o bastante para voltar à secretária, fechar os ficheiros, guardar papeladas e dar uma vista de olhos, não fosse ficar à vista alguma coisa suspeita.

Levá-la-ia lá abaixo, era isso. Lá abaixo, um lugar público, dir-lhe-ia que tinha de voltar, beberia um copo com ela.

E sairia dali. Continuará. Fugiria.

Passou a mão pelo cabelo algumas vezes, para sacudir os nervos. Afielou o que considerava ser uma expressão meio surpresa, meio agradada e abriu a porta.

O impacto completo dela não se fizera sentir pelo óculo da porta. Agora a língua que ele quase engolira desenrolava-se completamente e quase lhe caía aos pés.

Não conseguia concentrar-se no que ela tinha vestido, tirando que era preto, curto, e que mostrava mais curvas do que um circuito de Fórmula 1. As pernas eram mais compridas do que ele imaginara, e terminavam em saltos pretos muito altos e finos.

Aquele cabelo de fogo estava apanhado, e os olhos pareciam ainda mais azuis e cintilantes. Tinha posto qualquer coisa escura e brilhante e intrigantemente húmida nos lábios.

Que Deus o ajudasse.

— Acordei.

— Pois acordaste.

— Posso entrar?

— Ah. Hum. — Foi o balbuciar possível, e por isso afastou-se da porta. Quando ela passou por ele, o cheiro dela envolveu-lhe as glândulas e apertou-as.

— Não tive ocasião de te agradecer, e achei que devia.

— Agradecer... — Sentiu-se imbecil.

Ela sorriu, estendeu a garrafa de vinho e abanou-a. — Que te parece um Merlot?

— Parece-me bem.

Foi preciso muita força de vontade para ela não se rir. Haveria alguma coisa que fizesse uma mulher sentir-se mais mulher do que ter um homem à sua frente como que enfeitiçado? Deu um passo para ele e sentiu-se lisonjeada quando ele deu outro atrás. — Bem para partilhar?

— Partilhar?

— O vinho.

— Ah. — Já tinha tido algumas contusões, que costumavam dar à vítima a mesma sensação turva e fora do corpo que ele sentia agora. — Claro. — Pegou na garrafa que ela estendia. — Claro. Claro.

— Muito bem.

— Bem? — Parecia haver um desfasamento entre a boca e o cérebro dele. — Ah, pois, saca-rolhas. — Olhou para o minibar, mas ela remexeu na mala.

— Experimenta este. — E passou-lhe um saca-rolhas. Metade era uma mulher de seios nus, e a outra só pernas.

— Giro — conseguiu ele dizer.

— *Kitsch* — corrigiu ela. — Tenho uma pequena colecção. O quarto é bom — acrescentou. — Cama grande. — Foi até à janela, mexeu nas cortinas um pouco. — Aposto que a vista é ótima.

— É pois.

Perfeitamente ciente de que ele olhava para ela, continuou a olhar pela janela e despiu lentamente a camisola fina. Ouviu o barulho da garrafa de vinho contra a madeira e ficou satisfeita com o vestido que escolhera. De onde ele estava, não se via muito, só as costas nuas emolduradas em preto.

Foi até à cama e tirou um dos chocalatinhos da almofada. — Mmm, chocolate. Não te importas?

O melhor que ele pôde fazer foi abanar a cabeça. A rolha saiu da garrafa com um estalido de surpresa e as palavras «meu Deus» passaram-lhe pela cabeça quando ela desembrulhou o chocolate e o trincou lentamente.

Gemeu sensualmente e lambeu os dedos. — Ouvi dizer que o di-
nheiro fala mas que o chocolate canta. E agrada-me. — Foi até ele, com a
outra metade do chocolate nos lábios. — E também partilho.

— Estás a dar cabo de mim.

— Vamos beber, para poderes morrer feliz. — Sentou-se na beira da
cama e cruzou as pernas. — Interrompi-te o trabalho?

— Relatórios. Depois volto. — *Quando recuperar a sanidade*. Serviu
o vinho, deu-lhe um copo, e observou-a a observá-lo enquanto dava o pri-
meiro gole, lentamente.

— Há muito que ninguém me aconchegava a roupa. Não queria
deixar-te pendurado, Max.

— Tiveste uma noite difícil, e um dia também.

— Não tão difícil quanto esperava, graças a ti.

— Laine...

— Deixa-me agradecer-te. Foi mais fácil fazer o que era preciso con-
tigo lá. Gosto de estar contigo. — Bebeu mais um gole. — Gosto de te que-
rer, e de especular que tu me queres.

— Querer-te está a tirar-me o fôlego e a cortar o oxigénio para o
cérebro. Não era a ideia.

— Nunca quiseste dizer que se lixe a ideia e vamos no impulso?

— Sempre.

Agora ela ria-se mesmo, bebia o vinho e levantava-se para mais um
copo. Depois de mais um gole, foi até à porta. — Eu não. Ou raramente.
Mas temos de respeitar as exceções que fazem a regra.

Abriu a porta e pendurou o sinal NÃO INCOMODAR. Fechou a por-
ta, trancou-a e encostou-se a ela. — Se não gostares do caminho que isto
leva, é melhor dizeres.

Ele bebeu um bom gole de vinho. — Não tenho absolutamente nada
a dizer.

— Ainda bem, porque eu estava pronta a ser bruta.

Ele imaginou o sorriso grande e parvo que estaria a fazer. Não se
ralava. — A sério?

Ela avançou para ele. — Não sabia se poderia jogar com todas as
armas.

— Esse vestido é que é uma arma.

— Ai sim? — Bebeu mais um gole, pousou o copo. — Então será
melhor despi-lo.

— Eu faço-o. — Passou o dedo pela pele branca e leitosa emoldurada
a negro. — Deixa que eu faço.

— À vontade.

Esqueceu-se de ser prático, de ser profissional. Esqueceu-se da dis-

tância emocional e física que decidira ser o melhor para ele. Esqueceu-se de tudo, menos de ela ser real, da textura suave como água da pele dela, do aroma capitoso, do gosto quente da boca dela quando a agarrou pelas ancas, a puxou para si e a beijou.

Ela envolveu-o — as texturas, o perfume, o gosto até serem — até ela ser — tudo o que ele queria ou precisava ou imaginava.

Era um erro. Tomá-la agora, assim, era um erro e quase que raiava o proibido. Saber isso só acrescentava mais um elemento irresistível ao perigo de tudo.

Puxou-lhe o vestido do ombro e mordeu-lhe a carne. Quando a cabeça dela tombou para trás, ele percorreu o caminho até ao ronrom que lhe saía da garganta.

— Há muito que dizer sobre ideias, porém — murmurou, e desvelou outro ombro. — Tenho todo o tipo de ideias contigo.

— Era o que eu esperava. — Remexeu onde deixara a bolsinha na cama. — Vais precisar disto — disse, e mostrou um preservativo.

— Em dada altura, também vamos precisar de um desfibrilador e de um extintor.

— Promessas.

Ele sorriu. — Posso enlouquecer seriamente contigo. — Levou os lábios aos dela outra vez. — Isto é daquelas coisas que sai sozinho? O vestido?

— Praticamente.

— Que caraças, o meu favorito. — Foi com calma, beijando-a até estarem os dois a tremer. Depois afastou-se, pegou-lhe na mão para ela poder sair do vestido, que lhe caiu aos pés. E ficou a olhar para ela.

Usava uma espécie fascinante de seda e rendas que lhe apertava os seios a ponto de estes levantarem e quase transbordarem. A seda negra descia pelas costas, aconchegava a cintura e moldava as ancas, para terminar num cinto de ligas que segurava meias pretas brilhantes.

— Estou a tentar pensar em qualquer coisa memorável, mas é difícil quando o sangue me saiu todo da cabeça.

— Experimenta.

— Uau.

— Era isso que eu queria. — Estendeu a mão e começou a desabotoar-lhe a camisa. — Gosto da maneira como olhas para mim. Desde a primeira vez. Gosto especialmente da maneira como olhas agora.

— Vejo-te mesmo quando não estou a olhar. É a primeira vez que me acontece, e enerva-me um bocadinho.

— Talvez deva ser assim com algumas pessoas. Talvez seja por isso que isto acontece tão depressa. Não quero saber porquê. — Afastou a cami-

sa, passou-lhe as mãos pelo peito, e entrelaçou-as ao pescoço dele. — Não quero saber — repetiu e esmagou os lábios nos dele.

Só sabia que queria continuar a sentir-se assim, a ter aquelas rajadas de excitação a abalarem-lhe o sistema, a tremer com a adrenalina da expectativa. Saber o poder de ter um homem, *aquele* homem, completamente dedicado e desejoso dela.

Queria ser irresponsável, tirar exactamente o que queria em grandes mãos-cheias por uma vez na vida, e pensar só no momento, no prazer, na paixão.

Quando ele a virou, arqueou-se contra ele, levantou os braços para os pendurar ao pescoço dele e deu-lhe liberdade para a tocar. Na renda, na seda, na carne. Ele beijou-a no pescoço, na curva do ombro, enquanto a tocava e excitava. Ela susteve o fôlego e soltou um gemido quando ele lhe passou a mão entre as pernas. Encostou as coxas às dele, abanou as ancas e ergueu-se naquela onda de prazer.

Ele imaginou-se a erguê-la, a pousá-la na cama para passar à fase seguinte com romance e delicadeza. Mas estavam enredados nos lençóis abertos numa luta desesperada por se tocarem e provarem.

O cabelo dela soltara-se, era fogo puro contra o branco da cama. O cheiro dela, da pele dela, inebriava-lhe os sentidos até se perguntar se poderia respirar sem a sentir a ela.

— Faz-me coisas. — A boca dela estava esfomeada contra a dele. — Faz-me o que quiseres.

Ele estava perdido numa tempestade de vontades e ânsias, afogadas no calor que lhe causavam mesmo quando a tomava, e ela a ele. Ela mexia-se debaixo dele, por cima dele, em volta dele, e foi mais bruto do que queria na busca desesperada por mais.

Os pulmões dela latejavam, o coração galopava a ponto de lhe doer. Tinha a pele tão quente que parecia derreter-se-lhe nos ossos. Era glorioso.

Ele tinha as mãos tão fortes, a boca tão sedenta. Ela adorava a sensação de ser possuída de corpo e mente. Ele puxava e tentava abrir ganchinhos, impossivelmente pequenos, fazia-a rir-se sem fôlego quando se atrapalhava e praguejava. Fê-la ofegar de choque quando a penetrou e a levou ao limite.

Era ela quem pedia tudo agora, agora, *agora!* E arquejava e acolhia, e gritava quando ele mergulhou nela. Sentiu a vista embaciada, o coração galopante a parar. Depois, tudo, tudo ficou claro como água, o coração a bater, o corpo a arder enquanto se tomavam um ao outro.

Ela via-lhe o rosto, as rugas e as sombras, a barba por fazer, e os olhos, os olhos de tigre fixos nos dela. Depois escureceram, ficaram opacos antes mesmo de ele enterrar a cabeça no cabelo dela e de ejacular.

...

Tinha o corpo inundado, saturado de prazer, e a cabeça calma como um lago de Verão. Estava presa debaixo dele, e encantada consigo e com ele. Ouvia a respiração entrecortada dele. Era uma satisfação tão grande saber que fora ela a fazer aquilo. Brincou com o cabelo dele, fechou os olhos e deixou-se flutuar.

— Estás bem aí debaixo? — murmurou ele.

— Estou ótima aqui debaixo, obrigada. E tu estás bem aí em cima?

— Posso estar paralisado, mas não me importo mesmo nada. — Virou a cabeça e os lábios roçaram o pescoço dela. — Laine.

De olhos ainda fechados, ela sorriu. — Max.

— Tenho de dizer... tenho de dizer — repetiu, tanto para si como para ela — isto é coisa que nunca esperei quando aceitei este... trabalho.

— Gosto de surpresas. Deixei de gostar pelo caminho, mas recordo-me que sempre gostei de surpresas. É porque simplesmente acontecem.

— Se as surpresas forem dar contigo à minha porta de vestidinho preto, adoro-as.

— Se fizesse outra vez, já não seria surpresa, mas sim repetição.

— Não me importo. E o Henry?

— Henry?

Ergueu-se nos cotovelos para olhar para ela. — Não o deixaste em casa, pois não? Depois de ontem à noite.

Agora era o calorzinho a invadi-la. Estava preocupado com um cão. O cão dela. Um homem ralado com um cão estando nu na cama com uma mulher ia direitinho ao topo da lista de heróis dela. Agarrou-lhe no rosto para o poder cobrir de beijos.

— Não, não o deixei sozinho. Levei-o para a Jenny. Como é que podes ser tão perfeito? Estou sempre à procura de falhas, mas tu és mesmo... — Deu-lhe um beijo longo e barulhento. — Absolutamente perfeito.

— Não sou nada. — Não lhe importava o assomo de culpa. Sabia lidar com isso. Pior, vinha aliada à preocupação. Que pensaria ela, como reagiria quando descobrisse as falhas dele?

— Sou egoísta e teimoso — disse ele. — Eu...

— Um egoísta não entra numa loja de antiguidades para comprar uma prenda à mãe.

O assomo já parecia uma golpada. — Foi num impulso.

— Vês, surpresa. Não digo que adoro surpresas? Não tentes convencer-me de que não és perfeito. Estou demasiado contente contigo agora para achar outra coisa. Ups, agora ficaste a pensar. — Passou-lhe as mãos pelas costas e deu-lhe uma palmadinha no rabo. — «Ai que ela está a fazer disto mais do que uma brincadeira!»

— Não estava nada. E já é mais do que uma brincadeira.

— Ah. — O coração dela saltou, mas manteve o olhar fixo no dele.
— A sério?

— Era isso que eu não esperava, Laine. — Baixou a cabeça e roçou os lábios nos dela. — Complica um bocadinho as coisas.

— Não me importam as complicações, Max. — Agarrou-lhe a cara com as duas mãos. — Podemos ralar-nos com o que é, não é, vai ser, amanhã, ou podemos desfrutar. Um do outro. Só sei que quando acordei em casa esta noite, estava feliz porque sabia que queria estar contigo. E não me sentia assim há muito tempo.

— Feliz?

— Satisfeita, contente, produtiva e feliz. Não aos saltos pela casa fora. Por conseguinte, a única coisa que me podes dizer para complicar mesmo é que tens mulher e dois filhos em Brooklyn.

— Não, tenho em Queens.

Ela beliscou-o com força e depois conseguiu passar para cima. — Ai que engraçado.

— A minha ex-mulher é que mora em Brooklyn.

Sentou-se em cima dele e atirou o cabelo para trás. — Andas ocupado.

— Bem, tu colecionas saca-rolhas. Há quem colecciona mulheres. A minha actual amante está em Atlanta, mas estou a pensar em diversificar. Podias ser a minha flausina do Maryland.

— Flausina? Sempre foi minha ambição ser flausina de alguém. Onde é que me inscrevo?

Ele sentou-se, abraçou-a e segurou-se. Complicações. Só de pensar na lista, perdia a vontade de lidar com elas. Mas teria de ser. E ela também. Mas naquela noite não. Naquela noite queria que ela cumprisse o prometido.

— Vais ficar algum tempo? Fica, Laine.

— Estava a ver que nunca mais dizias.

— Não vás. — Assim que as palavras lhe saíram da boca, percebeu que nunca antes as dissera a mulher nenhuma. Talvez fosse falta de sono, ou exaustão sexual. Talvez fosse mesmo ela.

— Passa das três da manhã.

— Ora pois, volta para a cama. Vamos aninhar-nos aqui umas horas, depois mandamos vir o pequeno-almoço.

— Parece óptimo, mas tem de ficar para outra vez. — Enfiou o vestido, sem roupa interior. E apagou qualquer ideia de se aninhar da sua mente.

— Então volta para a cama.

— Tenho de ir. — Riu-se e afastou-se quando ele tentou agarrá-la.

— Tenho de ir a casa, dormir qualquer coisa, mudar de roupa, ir buscar o Henry à cidade, levá-lo a casa, e voltar para abrir a loja.

— Se ficares aqui, podes ir buscar o Henry no caminho para casa e poupar uma viagem.

— E dar azo a coscuvilhices que cheguem até ao Natal? — Era mesmo provinciana, na mulher que criara, para se ralar com essas coisas. — Uma mulher sai de um hotel de manhã com esta roupa, e toda a gente faz cara de caso. Especialmente em Angel's Gap.

— Eu empresto-te uma camisa.

— Vou-me. — Meteu a lingerie na bolsinha. — Mas se quiseres jantar comigo hoje...

— Diz a hora e o lugar.

— Oito, em minha casa. Eu faço.

— Fazes? — Pestanejou lentamente, duas vezes, e pareceu confuso.

— Comida?

— Não, achei melhor fazer um plano contra o governo. Comida, homem! — Virou-se para o espelho, sacou de uma escova mínima da bolsinha e passou-a pelo cabelo. — Que preferes?

Ele olhava-a. — Comida?

— Há-de ocorrer-me qualquer coisa. — Satisfeita com o rumo que as coisas levavam, meteu a escova na bolsa e foi até ele. Debruçou-se e deu-lhe um beijo ao de leve. — Até logo.

Ele ficou como estava depois de ela fechar a porta atrás de si. Ficou a olhar para a porta com o gosto dela na boca.

Não fazia sentido nenhum. Não o que acontecera entre eles, nem o que sentia por ela, nem quem ela era. Porque ele não se enganara. Nunca se poderia enganar *assim* tanto, e nada tinha a ver com glândulas.

Se Laine Tavish estivesse metida num golpe multimilionário, ele comeria a licença de detective que tinha.

Não explicava porque é que William Young a fora ver. Não explicava porque tinha morrido. Não explicava porque lhe tinham assaltado a casa.

Mas havia explicações, e ele havia de as arrancar. Era bom nisso. Assim que as tivesse, assim que a tivesse ilibado, satisfeito o cliente, feito o trabalho, contar-lhe-ia tudo.

Ela ficaria algo aborrecida.

Caraças, Gannon, pensou, *ela ficará completamente passada*. Mas ele dar-lhe-ia a volta.

Era bom a dar a volta às pessoas, também.

A melhor maneira de avançar na confusão em que se metera era agir com lógica. Era lógico que a filha de Jack O'Hara, Elaine, cortara relações

com ele, mudara de nome, adaptara o seu passado e começara vida nova. Tudo apontava nessa direcção, incluindo o instinto dele.

Não queria dizer que Big Jack, Willy ou qualquer outro sócio não soubesse dela e onde ela estava. Não queria dizer que não houvesse contacto ocasional, ou tentativa de contacto.

E pronto, as finanças dela pareciam-lhe suspeitas, mas ia ver isso. Uns milhares aqui e ali para dar entrada numa casa ou começar negócio não eram nada. Nada comparado com uma parte de vinte e oito milhões de dólares e picos.

Willy podia tê-la descoberto para lhe pedir ajuda, um esconderijo, para entregar um recado do pai. Fosse para o que fosse, estava mortinho da silva e não respondia a perguntas. E também nunca receberia a sua parte, pensou Max.

Não era coisa que tornasse a parada muito mais alta?

Laine não tinha nada em casa que merecesse contemplação. Estava fora de questão. Mesmo que tivesse escapado alguma coisa a quem quer que a tivesse assaltado, ela não deixaria a casa vazia naquela noite para brincar aos médicos se tivesse algo a esconder.

Logicamente, não tinha nada. Estava em Angel's Gap quando as jóias tinham sido roubadas. Por amor de Deus, mal perfizera dez anos quando fora afastada da égide e da influência de Big Jack.

Fosse como fosse, para a ilibar, para a riscar de todas as listas, ele tinha de cobrir todas as frentes. Tinha de passar em revista a loja dela.

Quanto mais cedo o fizesse, mais depressa poderia avançar. Viu as horas, achou que faltavam pelo menos três antes da alvorada.

Mais valia começar.

7.

Ficou abismado que houvesse alguém com o mesmo ADN de um ladrão e que só protegesse o seu negócio com fechaduras normais e um sistema de alarme que qualquer miúdo de doze anos com um canivete suíço e imaginação podia contornar.

Realmente, se aquela... coisa que eles tinham se transformasse numa relação, ele ia ter uma conversa com Laine sobre segurança em casa e na loja. Talvez uma loja numa cidade daquele tipo e dimensão não precisasse de grades, portões e câmaras de segurança, mas ela nem se ralara com luzes de segurança, dentro ou fora. Quanto à porta, era ridícula. Se ele fosse um ladrão que não se esmerasse, bastavam dois pontapés para a abrir.

O sucedâneo de sistema de alarme fazia daquele arrombamento

nocturno uma brincadeira de crianças. Contornou-o e abriu as fechaduras da porta das traseiras, caso houvesse alguém com insónias a passear na Market Street àquelas horas. Saía do hotel, com calma, e dera a volta ao quarteirão a pé. Só por uma coisa ser fácil não queria dizer que se pudesse ser desatento com os procedimentos.

A cidade estava sossegada a ponto de ele ouvir o ruído de uma fornalha a ligar-se dentro de um prédio. E o longo e tristonho apito de um comboio de mercadorias que se erguia feericamente naquele silêncio. Não havia vadios, drogados, sem-abrigo, prostitutas nem outra gente de rua a povoarem a noite, naquilo que se considerava a Baixa de Angel's Gap.

Era de pensar se se estaria realmente na América ou se se tinha tropeçado num bilhete-postal impresso pela Câmara de Comércio local.

Era ligeiramente sinistro, decidiu Max.

As luzes da rua junto ao passeio íngreme eram antiquadas, como lanternas, e estavam todas acesas. Todas as montras de lojas eram de vidro. Tal como na Naquele Tempo, não tinham grades nem portões.

Será que nunca ninguém tinha atirado um tijolo a uma delas e tirado qualquer coisa antes de fugir dali para fora? Ou aberto uma porta a pontapé para fazer uma festa com o saque?

Não parecia bater certo.

Pensou em Nova Iorque às três e vinte e sete da matina. Haveria acção, ou problemas, conforme a inclinação de cada um. Haveria tráfego de peões e veículos e as lojas estariam acorrentadas durante a noite.

Por conseguinte, haveria mais crime *per capita* só porque assim se esperava?

Era uma teoria interessante, e teria de pensar nela quando tivesse tempo.

Contudo, por agora, alarme e fechaduras para trás, abriu a porta da Naquele Tempo.

Entrava e saía numa hora, no máximo, prometeu a si mesmo. Depois voltaria ao hotel para dormir qualquer coisa. Quando Nova Iorque abrisse, contactaria o cliente e faria o relatório de que todas as provas apontavam para o facto de Laine Tavish não estar envolvida de moto próprio.

Isso deixá-lo-ia, no seu ponto de vista, explicar as coisas a ela. Assim que o fizesse, e a convencesse a não ficar zangada com ele, tentaria sondá-la. Tinha a sensação de que ela seria uma excelente fonte para descobrir Big Jack e os diamantes.

E para receber a parte dele.

Max fechou a porta calmamente atrás de si. Abaixou-se para acender a luz da caneta que levava.

Mas em vez do estreito feixe de luz, sentiu clarões explodirem-lhe dentro da cabeça.

Acordou às escuras com a cabeça a latejar com toda a força e violência que o sobrinho pequeno tinha a bater panelas. Conseguiu rebolar para ficar de costas, ou era o que pensava, já que a cabeça a latejar e à roda não o deixava ter a certeza.

Levantou a mão para ver se a cabeça ainda estava virada para a frente e sentiu líquido quente a escorrer.

Sentiu a raiva sobrepor-se à dor. Já era mau ser emboscado e apanhado, era ainda pior se tivesse de ir às Urgências levar pontos.

Não conseguia pensar como devia ser, mas logrou soerguer-se. Dado que a cabeça que agora sentia estar na posição normal ameaçava cair-lhe dos ombros, levou-a às mãos até se sentir mais seguro.

Precisava de se levantar, de acender uma luz. Recomprou-se e perceber o que raio tinha acontecido. Limpou o sangue, abriu os olhos doridos e franziu o sobrolho a olhar para a porta das traseiras aberta.

Quem o tinha atingido já se fora há muito. Começou a pôr-se de pé com a ideia de dar uma olhadela antes de ir atrás dele.

Mas a entrada da porta ficou subitamente cheia de polícias.

Max olhou bem para Vince Burger, e para as armas apontadas na sua direcção, e disse: — Merda.

— Olhe, pode prender-me por arrombamento. Vai ser uma chatice, mas eu sobrevivo. Mas...

— Eu prendi-o mesmo por arrombamento. — Vince recostou-se na cadeira e sorriu sem humor para Max, que estava algemado à cadeira em frente à secretária, no gabinete de Vince na esquadra.

Já não parecia tão urbano e arrogante, pensou Vince, com a ligadura na cabeça e o alto na testa.

— Depois temos tentativa de assalto...

— Não estava a roubar nada, caraças, e você sabe disso.

— Ah, então costuma arrombar lojas no meio da noite só para ver. É como ver as montras, mas do lado de dentro. — Levantou um saco com provas, abanou-o e as ferramentas e o PDA de Max chocalharam lá dentro. — E anda com isto caso tenha de fazer reparações em casa?

— Ouça...

— Posso prendê-lo por posse de ferramentas de assaltante.

— É o raio de um PDA. Toda a gente tem um PDA.

— Eu não.

— Que surpresa — disse Max com amargura. — Eu tinha razões para estar dentro da loja de Laine.

— Costuma arrombar lojas e casas de mulheres com quem sai?

— Eu não lhe arrombei a casa, e é mesmo elementar, caro Watson, que quem quer que tenha estado na loja antes de mim, quem me pôs K.O., é que arrombou. Você quer protegê-la, já percebi, mas...

— Pode crer que sim. — Os olhos de bom rapaz ficaram duros como carvões. — É minha amiga. É muito minha amiga, e não gosto de trastes vindos de Nova Iorque a meterem-se com as minhas amigas.

— Sou um traste da Geórgia, aliás. Moro em Nova Iorque. Estou a meio de uma investigação para um cliente. Investigação particular.

— Assim diz, mas eu não lhe vi nenhuma licença.

— Também não encontrou nenhuma carteira — retrucou Max — porque quem me bateu ficou com ela. — Mas que raio, Burger...

— Nada de praguejar no meu gabinete.

Já sem paciência, Max deitou a cabeça para trás, e fechou os olhos. — Não pedi advogado, mas vou pedir-lhe, talvez até verta algumas lágrimas, por uma maldita aspirina.

Vince abriu uma gaveta e tirou uma garrafa. Talvez tenha batido com a gaveta pela satisfação de ver Max encolher-se, mas levantou-se e encheu um copo de água.

— Você sabe que eu sou quem digo que sou. — Max pegou nos comprimidos, engoliu-os com a água e rezou para que batessem recordes olímpicos a entrar-lhe na corrente sanguínea. — Já me investigou. Sabe que tenho licença de detective. Sabe que já fui polícia. E enquanto está aqui a perder tempo e a gozar o prato, quem estava na loja dela voltou a safar-se. — Você tem de...

— Não queira dizer-me o que tenho de fazer. — A voz era suave o bastante para Max respeitar a fúria gélida que ela encobria — especialmente algemado à cadeira. — Contou a Laine isso tudo? De ter sido polícia, de trabalhar no privado, num caso aqui em Angel's Gap?

Era mesmo azar, pensou Max, ter dado com a versão Norman Rockwell do polícia de província durão. — Isto é por causa da minha relação com Laine ou por eu estar dentro da loja?

— Vai tudo dar ao mesmo para mim. Em que caso é que está a trabalhar?

— Não lhe dou pormenores nenhuns até falar com o meu cliente. — E o cliente não ia gostar nada que ele tivesse sido apanhado a contornar os requintes da lei. Não que ele tivesse contornado, mas que fosse apanhado. Mas isso já era outra coisa.

— Ouça, estava alguém na loja quando eu entrei, e essa mesma

pessoa destruiu a casa à Laine. É com a Laine que temos de nos preocupar agora. Tem de mandar um agente a casa dela para verificar se...

— Não é a dizer-me como fazer o meu trabalho que vai ganhar a minha simpatia.

— Quero lá saber se não quiser convidar-me para o baile. A Laine precisa de protecção.

— É você tem feito um bom trabalho. — Vince apoiou o peso na beira da secretária como se quisesse ter uma longa conversa, percebeu Max com um aperto no coração. — É giro como você aparece de Nova Iorque mesmo quando eu me vejo com um gajo de Nova Iorque na morgue.

— Pois, ainda me estou a rir dessa. Oito milhões de pessoas em Nova Iorque, mais coisa menos coisa — disse Max calmamente. — Parece razoável que passem por aqui um ou dois de vez em quando.

— Eu é que não me sinto nada razoável. Eu vejo a coisa assim: entra um tipo na loja de Laine, assusta-se e corre para a rua, e morre atropelado. Você aparece, convence a Laine a jantar consigo, e enquanto se faz a ela, assaltam-lhe e destroem-lhe a casa. A seguir, está você dentro da loja dela às três e meia da madrugada, com ferramentas de assaltante. De que está à procura, Gannon?

— Paz interior.

— Boa sorte — rematou Vince, e ouviram passos no corredor.

Laine entrou no gabinete. Vestia fato-de-treino, e o cabelo apanhado deixara de lhe emoldurar o rosto. Nos olhos via-se a falta de sono, e os olhos estavam cheios de preocupação perplexa.

— Que se passa? O Jerry foi a minha casa, disse-me que havia problemas na loja e que eu tinha de vir já falar contigo. Que tipo de problemas? O que — reparou nas algemas e emudeceu quando as viu, e só depois olhou para a cara de Max. — O que se passa?

— Laine...

— É melhor estar sossegadinho — Vince avisou Max. — Arrombaram-te a loja — disse depois para ela. — Tanto quanto vi, não houve danos. Terás de ser tu a ver se roubaram alguma coisa.

— Compreendo. — Quis sentar-se, mas apoiou só a mão nas costas da cadeira. — Não, não compreendo. Porque é que algemaste o Max?

— Recebi uma chamada anónima em como estava a decorrer um assalto na loja. Quando lá cheguei, dei com ele. Lá dentro. E tinha um belo conjunto para abrir fechaduras com ele.

Ela respirou fundo e olhou para a cara de Max. — Arrombaste-me a loja?

— Não. Bem, tecnicamente sim, mas já lá estava alguém, que me bateu na cabeça e depois deu a dica para me prenderem por isso.

Ela observou a ligadura, mas os olhos frios já não mostravam preocupação. — Isso não explica o que estavas lá a fazer no meio da noite. — *Depois de te deixar na cama, pensou. Depois de eu passar a noite na tua cama.*

— Eu explico. Tenho de falar contigo em particular. Dez minutos. Dá-me dez minutos.

— Quero ouvir isso. Posso falar com ele sozinha, Vince?

— Não recomendo nada.

— Sou detective e ele sabe. — Apontou o polegar para Vince. — Tenho um caso e um cliente, e ando atrás de pistas. Não posso dizer mais nada.

— Então será uma perda de tempo — salientou Vince.

— Dez minutos, Laine.

Detective. Caso. No tempo que levou a assimilar o choque, ela acrescentou o pai ao rol. A dor, raiva e resignação invadiram-na num misto incoerente, mas não deixou transparecer nada. — Ficar-te-ia grata, Vince. É pessoal.

— Bem me parecia. — Vince pôs-se de pé. — É um favor que te faço. E fico do lado de fora da porta. Cuidadinho consigo — acrescentou para Max — ou fica com equimoses novas para juntar às antigas.

Max esperou que a porta se fechasse. — Tens amigos muito protectores.

— Quanto dos dez minutos queres perder em observações irrelevantes?

— Podes sentar-te?

— Posso mas não quero. — Foi até à máquina de café de Vince. Tinha de ocupar as mãos para não ceder ao impulso de as espetar na cara de Max. — Que jogo é este, Max?

— Trabalho para a Reliance Insurance e já me arrisco muito a dizer-te antes de falar com o cliente.

— Ai sim? Mas arrombar-me a loja depois de várias horas de sexo comigo já não é risco que te importes de correr?

— Não sabia. Não esperava... — *Que caras,* pensou. — Posso pedir desculpa, mas não faz diferença para ti, não desculpa a maneira como aconteceu.

— Ora cá estamos. — Bebeu o café, amargo e simples. — Ao menos estamos de acordo nalguma coisa.

— Podes ficar zangada comigo se quiseres...

— Obrigadinha, acho que vou ficar mesmo.

— Mas tens de ultrapassar isso. Laine, estás metida em sarilhos.

Ela ergueu o sobrolho, olhou deliberadamente para as algemas. — *Eu é que estou em sarilhos?*

— Quantas pessoas sabem que te chamas Elaine O'Hara?

Nem pestanejou. Ele não esperava que ela fosse assim tão boa.

— Tu deves ser uma. Não uso esse nome. Mudei para o nome do meu padraço há muito tempo. E não vejo em que é que isso é da tua conta. — Bebeu o café. — Porque não voltamos à parte em que, cerca de uma hora depois de andarmos embrulhados um no outro, tu foste preso por me arrombares a loja?

A culpa assomou-lhe ao rosto mas ela não ficou satisfeita. — Não tem nada a ver uma coisa com outra.

Ela assentiu e pousou o café. — Com respostas dessas, não precisamos de dez minutos.

— William Young morreu à porta da tua loja — disse Max quando ela deu um passo para a porta. — Morreu, segundo as testemunhas, praticamente nos teus braços. Deves tê-lo reconhecido.

A fachada dela deu de si por um milésimo, e o desgosto transbordou. Depois recompôs-se. — Parece mais um interrogatório do que uma explicação. Não estou interessada em responder às perguntas de quem me mentiu e me usou. É melhor começares a dizer o que fazes aqui e o que queres, ou eu chamo o Vince e começamos a acusação.

Ele permitiu-se um momento. Foi o tempo de se convencer de que ela faria isso mesmo. Descartá-lo, fechar a porta, afastar-se. Não precisou de mais nada para perceber que mandaria o trabalho à fava antes de o permitir.

— Arrombei-te a loja esta noite para te poder ilibar, para poder dizer ao meu cliente que não estavas implicada, e para te poder dizer a verdade.

— Implicada em quê? A verdade do quê?

— Senta-te, que diabo. Estou farto de dobrar o pescoço.

Ela sentou-se. — Pronto. Contente?

— Há seis semanas, diamantes avaliados e segurados pela Reliance no valor de vinte e oito milhões e quatrocentos mil dólares foram roubados dos escritórios da International Jewelry Exchange em Nova Iorque. Dois dias depois, o cadáver de Jerome Myers, comerciante de gemas com escritórios nesse local, foi encontrado num estaleiro em Nova Jérnia. Na investigação soube-se que este homem era o intermediário. Também se determinou que tinha ligações e associações com William Young e Jack O'Hara.

— Espera aí, espera aí. Dizes que pensas que o meu pai esteve implicado num golpe para cima dos vinte e oito milhões? *Milhões?* E em assassinato? Primeiro é ridículo, segundo impossível. Jack O'Hara sonhava em grande, mas era de baixo coturno. E nunca fez mal a uma mosca.

— As coisas mudam.

— Não mudam assim tanto.

— A polícia não tem que chegue para acusar Jack nem Willy, embo-

ra adorassem falar com eles. Dado que Willy não fala com mais ninguém, sobra o Big Jack. As seguradoras não gostam nada de ter de pagar apólices astronómicas.

— E é aí que tu entras.

— Tenho mais margem de manobra do que a polícia. E mais ajudas de custo.

— E mais compensação — acrescentou ela. — Quanto é a tua parte?

— Cinco por cento do que for recuperado.

— Neste caso, se trouxeres os vinte e oito e tal, embolsas... — Os olhos estreitaram-se quando fez as contas. — Um belo milhão, quatrocentos e vinte mil no teu mealheiro. Nada mau.

— E mereço. Já dediquei muitas horas a isto. Sei que o Jack e o Willy estavam nisto, assim como sei que havia um terceiro.

— Eu? — Ter-se-ia rido se não estivesse tão zangada. — Então eu, quê, enfiei o meu fato preto e boné, dei um saltinho a Nova Iorque, roubei milhões em jóias, tirei a minha parte, e vim para casa dar de comer ao cão?

— Não. Não é que não te ficasse bem o fato. Alex Crew. O nome diz-te alguma coisa?

— Não.

— Tanto o comerciante como o teu pai foram vistos com ele antes do golpe. Ele não é de baixo coturno, embora este seja o maior golpe. Para resumir, digamos somente que não é bom tipo, e que se te tiver na mira, estás mesmo em sarilhos.

— Porque havia de me ter na mira?

— Porque és filha do Jack e o Willy morreu minutos depois de falar contigo. Que te disse ele, Laine?

— Não me disse nada. Pelo amor de Deus, eu era miúda da última vez que o vi. Só o reconheci quando... Não sabia quem era quando entrou na loja. Estás enganado, Max. Jack O'Hara nem saberia como começar a organizar um golpe desses — e se por algum milagre teve parte nele, há muito que se safou com a parte dele. Nem sabe o que fazer a tanto dinheiro.

— Então por que razão veio cá o Willy? O que o assustava? Porque te assaltaram a casa e a loja? Quem te entrou em casa estava à procura de alguma coisa. E deviam estar a fazer o mesmo, ou prestes a isso, quando os interrompi na loja. És esperta de mais para não seguires as pistas.

— Se eu estiver na mira de alguém, é porque tu os puseste lá. Não tenho nada. Não falo com o meu pai há mais de cinco anos, e não o vejo há mais tempo ainda. Tenho aqui uma vida boa, e vou continuar a vivê-la. Não te vou deixar a ti, ao meu pai ou a um mítico terceiro estragar tudo.

Levantou-se. — Vou tirar-te das algemas e desta confusão com o Vince. Em troca, deixas-me em paz.

— Laine...

— Cala-te. — Passou a mão na cara, o primeiro sinal de cansaço. — Infringi as minhas regras e segui os impulsos contigo. É bem feito.

Foi até à porta, e fez um sorriso cansado para Vince. — Desculpa lá o mau jeito. Queria que soltasses o Max.

— Então porquê?

— Foi um equívoco, Vince, e muito por minha culpa. O Max tentou convencer-me de que eu precisava de um sistema de segurança melhor, e eu teimeei que não. Zangámo-nos, e ele arrombou a loja para provar que eu estava errada.

— Miúda. — Vince levantou uma das enormes mãos e fez-lhe uma festa na face. — Isso são tretas.

— Queria que fizesses o relatório assim, se tiveres de fazer um. E que o deixes ir. Não vale a pena acusá-lo pois ele usa a licença de detective, o cliente rico e advogados tubarões para resolverem o assunto.

— Tenho de saber do que se trata, Laine.

— Pois tens. — Os robustos alicerces da vida nova dela abanaram um pouco. — Dá-me algum tempo para eu também perceber. Estou muito cansada, nem consigo pensar.

— Está bem. Seja o que for, estou do teu lado.

— Espero que sim.

Saiu dali sem olhar para trás e sem dizer mais nada.

Não ia ceder. Trabalhara no duro, tivera de palmilhar muito, para ceder por causa de um bonitão com sotaque do Sul. Um sedutor, pensou Laine enquanto andava de um lado para o outro em casa.

Sabia *muito* bem que não devia ir em seduções. O pai não passava de um sedutor cheio de conversa fiada.

Típico, pensou com ar desgostoso. Típico, típico, e tão previsivelmente constrangedor que ela caísse pelo mesmo tipo de homem. Max Gannon podia mentir e enganar do lado da lei, mas ainda assim mentia e enganava.

Agora tudo por que ela lutara estava em jogo. Se não fosse sincera com Vince, ele nunca mais confiaria nela. Assim que fosse sincera... como é que ele poderia confiar?

Lixada de qualquer maneira, pensou.

Podia fazer as malas, desaparecer, começar de novo. Era o que Big Jack fazia quando as coisas azedavam. Maldita fosse se fizesse o mesmo. Era a casa dela, o lar dela, a vida dela. Não ia desistir só porque

um detective abelhudo da grande cidade fizera pouco disso e a deixara abalada.

E de coração despedaçado, admitiu. Debaixo da raiva e da ansiedade, estava destroçada. Permitira-se *ser* ela própria com ele. Correr esse risco, e confiara-se a ele.

E ele deixara-a ficar mal. Os homens que mais importavam deixavam sempre.

Caiu no sofá, o que fez com que Henry lhe pusesse o focinho no braço na esperança de uma festa.

— Agora não, Henry. Agora não.

Algo no tom de voz dela fez o cão gemer no que parecia ser compaixão, antes de dar umas voltas e de se deitar no chão ao lado dela.

Tinha aprendido a lição, disse de si para si. Daí em diante, o único homem na sua vida seria Henry. E era altura de se deixar de autocomiseração e de *pensar*.

Olhou para o tecto.

Vinte e oito milhões em gemas? Ridículo, impossível, até risível. O grande Jack fanfarrão e o doce, inofensivo Willy a darem o grande golpe? Milhões? E num marco histórico de Nova Iorque? Não era possível. Não se atentássemos ao historial e às aptidões.

Mas se atirássemos o crível pela janela, ficávamos com o fantástico.

E se Max tivesse razão? E se o fantástico tivesse acontecido, e ele tivesse razão? Apesar de todos os anos passados, sentiu um arrepio com a possibilidade.

Diamantes. O mais sensual dos saques. Milhões. O número perfeito. Teria sido o golpe de uma vida. O golpe de todos os golpes. Se Jack tivesse...

Não, ainda não batia certo.

O afecto que tinha pelo pai e que não desaparecia podia deixá-la fantasiar que ele tinha finalmente acertado na gorda. Porém, nada nem ninguém a convenceria de que Jack O'Hara entrara num assassinato. Mentiroso, vigarista, ladrão de consciência muito versátil — muito bem, eram atributos que lhe assentavam como uma luva. Mas danos físicos a alguém? Não era possível.

Nunca andara armado. O facto é que tinha fobia a armas. Ela ainda se lembrava da estória da sua primeira detenção, antes de ela nascer. Atropelara um gato a fugir de um arrombamento e não só parara para ver o dano, como levava o gato a um veterinário. A polícia local vira o carro — roubado, obviamente — no estacionamento.

O gato recuperara e tivera uma vida longa e feliz. Big Jack fora condenado entre dois a cinco anos.

Não, ele não estaria metido na morte de Jerome Myers.

Mas podia-se vigiarizar o vígaro, não podia? Teria sido apanhado em coisa maior e pior do que pensara? Teria alguém abanado uma cenoura cintilante que o fizera saltitar atrás dela?

Nisso podia crer.

Por conseguinte, mandara Willy dizer-lhe qualquer coisa, ou dar-lhe qualquer coisa, mas ele morrera antes disso.

Mas tentara avisá-la. *Ele sabe onde estás agora.*

Queria dizer Max? Teria visto Max e entrado em pânico, corrido para a rua?

Esconde o canito? Que diabo queria dizer? Teria Willy deixado algum cãozinho de louça na loja? Laine tentou visualizar a loja depois da visita de Willy. Ela tratara pessoalmente de todas as montras, e não se lembrava de nada fora do lugar. Nem Jenny nem Angie tinham falado de artigos estranhos.

Talvez ele quisesse dizer «saquito». Talvez ela o tivesse entendido mal. Podia-se pôr gemas num saquinho. Mas ele não lhe dera nenhum, e se tivesse algum escondido nele ou nas coisas dele, as autoridades teriam descoberto.

E eram tudo conjecturas estúpidas, baseadas na palavra de um homem que lhe mentira.

Respirou fundo. Como é que podia fingir dar tanta importância à sinceridade se vivia ela própria numa mentira?

Tinha de contar tudo a Vince e a Jenny. Achava que era contrário ao que lhe tinham ensinado em pequena, contar coisas a um polícia, mas podia ultrapassar isso. Só tinha de saber como lhes contar.

— Vamos dar uma volta, Henry.

As palavras eram como um feitiço e o cão sonolento saltou como se tivesse molas. E foi a saltitar até à porta. Um passeio iria desanuviar-lhe as ideias, decidiu, dar-lhe-ia tempo para saber a melhor maneira de contar aos amigos.

Abriu a porta da frente para Henry sair como um foguete. E viu o carro de Max estacionado no fundo do acesso. Estava ao volante, de óculos escuros, mas devia estar a mirar a casa, pois saiu do carro ainda antes de ela fechar a porta da frente.

— Que raio fazes aqui?

— Eu disse que estavas em sarilhos. Talvez eu tenha trazido alguns, talvez já cá estivessem. Seja como for, fico de olho em ti, quer gostes quer não.

— Aprendi a tomar conta de mim na mesma altura em que aprendi o golpe das três cartas. O único cão de guarda de que preciso é o Henry.

Dado que Henry naquele momento tentava subir a uma árvore para apanhar um esquilo, Max lançou simplesmente um olhar pesaroso ao cão. — Não arredo pé.

— Se achas que vais ganhar os teus cinco por cento a vigiar-me a casa, vais ficar decepcionado.

— Não acho que tivesses alguma coisa a ver com aquilo. Achava — acrescentou quando ela fez um trejeito de descaso e se afastou — quando te vi, achei que tinhas parte naquilo. Investiguei um pouco, e as coisas não bateram certo de nenhum dos lados, mas deixei de te considerar no golpe.

— Muitíssimo obrigada. Se assim foi, porque me arrombaste a loja?

— O meu cliente quer factos, e não sensações, embora me dê uma bela avença com base nas provas dadas pelo meu instinto. Estive em tua casa contigo — disse quando ela virou claramente a cabeça. — Uma mulher que esconda qualquer parte de quase trinta milhões em diamantes não deixa gajo nenhum ajudá-la a varrer e a despejar lixo. O passo seguinte era ver na loja, verificar se não havia lá nada que te ligasse àquilo.

— Falta-te um passo, Max. Acho que tem a ver com andarmos embulhados na tua cama.

— Está bem, façamos assim. Vês aqui alguma auréola? — Apontou para o alto da cabeça.

Ela sentiu um movimento que poderia ser de riso na garganta, mas reprimiu-o implacavelmente. — Não — disse, depois de estreitar os olhos. — Mas espera... serão corninhos?

— Está bem, diz que sim ou que não. Um gajo abre a porta do quarto e dá com uma mulher incrível, uma mulher por quem tem toda a espécie de ideias na cabeça — e noutras partes do corpo. A mulher indica — não, sejamos justos — a mulher afirma sem mais que gostaria de uma noite de intimidade. O dito gajo fecha-lhe a porta na cara?

Ela parou junto a um fio de água que corria das chuvas da Primavera. — Não. Agora diz-me tu. Uma mulher, depois de saber que o gajo com quem esteve na intimidade a tramou, lhe mentiu quanto a intenções e interesses, terá o direito de o desprezar como um verme?

— Pois claro que tem. — Tirou os óculos e prendeu uma das hastes no bolso da frente das calças. Ambos reconheceram o gesto pelo que ele era.

Olha para mim. Tens de ver e de ouvir o que eu digo. Porque interessa.

— Tem, Laine, mesmo quando esse interesse se virou e mudou para uma coisa com que ele nunca lidou e o tramou. Acho que me apaixonei por ti esta noite.

— Mas que raio de coisa para me dizeres.

— Mas que raio de coisa para eu dizer. Mas digo, aliás, acho que aconteceu entre despejar o lixo e aspirar a sala; depois tentei recompor-me, e fiquei caidinho entre momentos de intimidade.

— E eu devo acreditar nisso porque?

— Não deves. Deves bater-me, lavar daqui as mãos e afastar-te. Eu só espero que não o faças.

— Tens jeito para dizer a coisa certa no momento certo. É um jeito que dá muito jeito — e que me parece muito suspeito. — Virou-se um momento, a tentar aquecer os braços com as mãos.

— No que toca ao trabalho, eu digo qualquer coisa para o poder fazer. Isto não é o trabalho. Magoei-te, e lamento, mas isso era trabalho. Não sei como poderia ter feito as coisas de maneira diferente.

Ela soltou um riso fraco. — Não, também não sei como.

— Estou apaixonado por ti. Foi como se me batessem com um tijolo na cabeça, e ainda não consigo pensar bem. Também não sei como poderia ter sido de outra maneira, mas ficas tu com as cartas todas, Laine. Podes acabar a mão, ou passar e deixar de jogar.

Era com ela, pensou ela. Não era o que ela queria? Fazer as suas opções, correr os seus riscos. Mas o que ele não dissera, e eram ambos espertos o bastante para saber isso, era que ter as cartas todas não significava não perder a camisa.

Tavish reduziria as perdas e passaria. Mas O'Hara não perderia a hipótese de agarrar uma bela maquia.

— Passei a primeira parte da minha vida a adorar um homem que não sabia dizer a verdade nem que ela dançasse o tango na língua dele. Jack O'Hara.

Respirou fundo. — Ele não presta, mas caraças, faz-te acreditar que há um pote de ouro no fim do arco-íris. Faz-te acreditar porque acredita *também*.

Deixou cair as mãos e virou-se para encarar Max. — Passei a parte seguinte com uma mulher que tentava esquecer-lo. A tentar mais por mim do que por ela, coisa que levei algum tempo a perceber. Por fim consegui. A parte a seguir passei-a com um homem muito íntegro a quem adoro, no lugar de meu pai. Um homem bom e carinhoso que nunca poderá abalar o meu coração como aquele mentiroso nato pode abalar. Não sei o que isso diz de mim. Mas passei a parte seguinte da minha vida a tentar ser responsável e comum e estar à vontade. Fiz um bom trabalho. E tu estragaste-me isso, Max.

— Pois estraguei.

— Se me tornares a mentir, nem sequer te bato. Lavo daí as minhas mãos e afasto-me.

— É justo.

— Não tenho os diamantes que procuras, e não sei nada sobre eles. Não sei onde está o meu pai, como o contactar nem como Willy deu comigo.

— Está bem.

— Mas se descobrir, e se essa descoberta levar aos teus cinco por cento, quero metade.

Ele olhou-a um momento, depois abriu um sorriso. — Caraças, apaixonei-me mesmo por ti.

— Veremos. Podes entrar. Tenho de chamar o Vince e a Jenny para lhes confessar os meus pecados. Depois veremos se ainda tenho amigos e lugar nesta terra.

8.

Deu voltas à cabeça. Não só sobre o que dizer, mas como dizer, e *onde* dizer. Laine começou na cozinha com café e bolo de café que tinha no frigorífico. Mas era informal de mais, decidiu, e amistoso de mais quando a amizade estava em jogo.

Vince era polícia, lembrou-se. E Jenny mulher de polícia. Por mais chegados que se tivessem tornado naqueles anos, os laços da amizade podiam desatar-se quando lhes contasse do seu passado. Quando lhes dissesse que lhes mentira desde o princípio.

A sala era melhor — mas sem bolo de café.

Enquanto se afligia com o cenário ideal, foi buscar o aspirador portátil e começou a limpar o sofá.

— Laine, mas que raio fazes?

— Semeio macieiras. Que te parece que faço? Estou a tirar o pêlo de cão da mobília.

— Está bem.

Meteu as mãos nos bolsos, tirou-as e passou-as pelo cabelo, enquanto ela aspirava, afofava almofadas que tinha voltado a encher, remexia no ângulo da manta aveludada.

— Estás a deixar-me nervoso.

— Ora, mil perdões. — Afastou-se e inspeccionou o resultado. Embora tivesse voltado a encher as almofadas o mais possível, e as tivesse disposto com o lado rasgado para trás, o sofá ainda parecia triste e desgraçado. — Estou à espera do chefe da polícia e da minha melhor amiga para lhes contar que tudo o que acham que sabem sobre mim é uma enorme mentira; tive dois arrombamentos em dois dias; o meu pai é suspeito de um

golpe de vinte e oito milhões de dólares, com assassínio a acompanhar; e o meu sofá parece que foi atacado por furões raivosos. Mas mil perdões por te deixar nervoso.

— Estás a esquecer-te da maratona sexual com o detective que trabalha no caso.

Ela bateu com o aspirador na palma da mão. — Estás a armar-te em engraçado? É alguma maneira retorcida de me divertires?

— Pois é. Não me dês com essa coisa, Laine. Já tenho um traumatismo ligeiro. Provavelmente. E descontraí-te. Mudar de nome e adaptar o passado não é crime.

— Não é isso. Menti-lhes todos os dias da minha vida aqui. Sabes porque é que tantos esquemas dão certo? Porque depois de os alvos perceberem que foram levados, ficam envergonhados de mais para fazer alguma coisa. Fizeram figura de parvos, e isso é tão difícil quanto perder dinheiro. Mais, muitas das vezes.

Ele pegou no aspirador e pô-lo em cima da mesa, para lhe poder tocar. Para poder pôr-lhe as mãos nos ombros, e subir até os polegares lhe tocarem nas faces.

— Tu não querias que fizessem figura de parvos, e eles não são teus amigos por teres um passado de rapariga típica americana.

— Eu sabia convencer as pessoas a comprarem mais caro em vez da promoção, quando tinha sete anos. Grande rapariga típica americana. Devia mudar de roupa. — Olhou para o fato-de-treino que vestira quando o polícia lá fora a casa acordá-la. — Achas que mude?

— Não. — Pôs-lhe as mãos nos ombros, e esfregou-os até ela levantar a cabeça e o olhar nos olhos. — Deves ficar como estás.

— Por quem pensas estar a apaixonar-te, Max? A lojista da terrinha, a vigarista reformada, a donzela em apuros? Qual destas seduz um tipo como tu?

— Acho que é a ruiva esperta que sabe cuidar de si e que cede a impulsos ocasionais. — Baixou a cabeça para lhe dar um beijo na testa. Sentiu a respiração acelerar-se, e o ameaço de soluço que ela reprimiu. — Tem muitos aspectos. Adora o cão, preocupa-se com os amigos, é um bocadinho organizada de mais, e ouvi dizer que sabe cozinhar. É prática, eficiente e obstinada — e excelente na cama.

— São tudo opiniões precipitadas.

— Sou rápido nas opiniões. A minha mãe sempre disse: «Max, quando conheceres a mulher certa, é como se levasses uma machadada».

Viu-se um sorriso nos lábios dela. — E que raio quer isso dizer?

— Raios me partam se sei, mas a Marlene nunca se engana. Já conheci a mulher.

Puxou-a para si, e ela deixou-se aproveitar do calor e conforto dele, da robustez de ser abraçada por um homem forte. Depois obrigou-se a afastar-se.

Não sabia se o amor era apoiar-se em alguém, mas pela experiência que tinha, era o tipo de indulgência que costumava mandar o apoiante e o apoiado ao tapete.

— Não posso pensar nisso. Não posso pensar nisso, nem no que sinto sobre isso. Tenho de dar o passo seguinte e ver onde caio.

— Não faz mal.

Ouviu Henry ladrar como louco, e momentos depois o ruído dos pneus na gravilha. Sentiu um frio na barriga, mas manteve os ombros direitos. — Chegaram. — Abanou a cabeça antes de Max poder falar. — Não, tenho de me preparar. Tenho de tratar disto.

Foi até à porta, abriu-a e viu Jenny a brincar com Henry.

Jenny olhou para ela. — Deve ser amor — exclamou, e começou a andar em direcção à casa. — Tirar-me da cama e isto antes das oito da manhã deve ser sinal de amizade verdadeira.

— Desculpa ser tão cedo.

— Diz-me só que tens comida.

— Tenho... tenho bolo de café, mas...

— Parece-me bem. E tu que comes? — Soltou a sua gargalhada típica, mas calou-se quando viu Max. — Não sei que pensar de você estar aqui. Se é detective da grande cidade, porque não disse?

— Jenny. — Laine pôs a mão no braço da amiga. — É complicado. Porque é que não levas o Vince para a sala e se sentam?

— E porque não nos sentamos na cozinha? É mais perto da comida. — Esfregou a barriga e começou a andar.

— Muito bem. — Laine respirou fundo e fechou a porta atrás de Vince. — Está bem.

Seguiu-os. — Isto poderá ser algo confuso — começou a dizer, enquanto trazia a chaleira que fizera para Jenny. — Primeiro quero pedir desculpas. Dizer que lamento, para começar.

Serviu o café e cortou fatias de bolo. — Não tenho sido sincera com vocês nem com ninguém.

— Fofa. — Jenny aproximou-se de onde Laine estava meticulosamente a pôr o bolo num prato coberto. — Estás em apuros?

— Parece que estou.

— Isso arranja-se. Não é, Vince?

Vince observava Laine. — É melhor sentares-te, Jen. Deixa-a falar.

— Arranja-se — repetiu Jenny, mas sentou-se e lançou um olhar penetrante a Max. — Isto é culpa sua?

— Não é — disse Laine rapidamente. — Não é mesmo. Eu não me chamo Laine Tavish. É, é... mudei de nome legalmente, desde os dezoito anos, mas não é o nome com que nasci. Elaine O'Hara. O nome do meu pai é Jack O'Hara, e se o Vince o investigasse, veria que o meu pai tem um cadastro longo e variado. Na sua maioria, roubos e vigarices. Golpes.

Os olhos de Jenny arregalaram-se. — Não tem uma churrasqueira no Novo México?

— Rob Tavish, o meu padrasto, tem. O meu pai foi dentro — interrompeu-se e suspirou. Era tão fácil voltar aos velhos hábitos. — Jack foi preso por um golpe no mercado imobiliário quando eu tinha onze anos. Não era a primeira vez que o apanhavam, mas dessa vez a minha mãe fartou-se. Estava preocupada comigo, mais tarde percebi. Eu adorava o meu pai, e saía-me muito bem, tendo em conta a idade, a seguir-lhe as pisadas.

— Fazias vigarices?

Havia tanto fascínio quanto choque no tom de voz de Jenny, e Laine teve de sorrir. — Regra geral era só o engodo, mas sim, fazia. Estava a especializar-me em roubar carteiras. Tinha boas mãos, e as pessoas não olham para uma rapariguinha quando dão por falta da carteira.

— Virgem Santíssima — foi só o que Jenny pôde dizer.

— Eu gostava. Era empolgante, e era fácil. O meu pai... bem, fazia de tudo um jogo. Nunca pensei que, quando roubava a carteira a alguém, podia ser o dinheiro da renda daquele mês. Ou quando espremiámos umas milenas a um casal num negócio imobiliário falso, que podiam ser as poupanças de uma vida, ou dinheiro para propinas. Era giro, e eram alvos.

— E tinhas dez anos — acrescentou Max. — Há que dar um desconto.

— Pode dizer-se que assim foi. Deram-me um desconto. A direcção em que eu ia convenceu a minha mãe a mudar de vida, e a minha também. Divorciou-se e mudou-se para longe, mudou de nome, arranjou um emprego normal como empregada de mesa. Mudámos de sítio nos primeiros anos. Não para sacudir o meu pai — ela não o faria. Dizia-lhe onde estávamos, desde que ele cumprisse a palavra dada de não tentar voltar a meter-me no jogo. E cumpriu. Não sei qual dos três ficou mais surpreendido com isso, mas cumpriu a sua palavra. Mudávamo-nos muito para impedir que a polícia nos implicasse de todas as vezes...

Calou-se, fez um sorriso débil na direcção de Vince. — Desculpa, mas quando se tem reputação de golpes e roubos, mesmo só por afinidade, as gentes locais mandam investigar-nos. Ela queria uma vida nova, só isso. E para mim também. Não foi fácil para ela. Também adorava o Jack. E eu não ajudei nada. Gostava do jogo e não me agradava que tivesse acabado, ou que me tivessem separado do meu pai.

Voltou a encher as canecas de café, embora mal tivesse tocado no dela. — Mas ela trabalhava tanto, e eu comecei a ver algo nela, o orgulho e a satisfação que tinha de ganhar dinheiro à sua maneira. À maneira certa. E ao fim de algum tempo, já não nos mudávamos tanto. Já não fazíamos as malas a meio da noite para fugir de apartamentos ou hotéis. E ela cumpriu as promessas feitas. Big Jack prometia muito mas não cumpria quase nada. Quando a minha mãe dizia que ia fazer alguma coisa, fazia.

Ninguém falou enquanto ela foi ao frigorífico buscar um jarro de água com rodela de limão. Encheu um copo e bebeu, pois tinha a garganta seca.

— Seja como for, as coisas mudam. Ela conheceu Rob Tavish, e as coisas mudaram outra vez, para melhor. É um homem maravilhoso, louco por ela, e era bom para mim. Doce e bondoso e divertido. Fiquei com o nome dele. Fiz de mim Laine Tavish porque a Laine Tavish era normal e responsável. Podia ter casa própria, e negócio próprio, e vida própria. Talvez não tivesse os altos em que ela andara na primeira parte da sua vida, mas também não tinha os baixos assustadores. Parecia óptimo. Por conseguinte, sempre que me perguntavam da minha vida, eu inventava o que se adequasse a Laine Tavish. Lamento. É só isto. Desculpem.

Houve um longo silêncio. — Está bem, uau. — Jenny estava de olhos arregalados para Laine. — Vou ter muitas perguntas e comentários quando a cabeça parar de andar à roda, mas a primeira pergunta que tenho de fazer é como é que isto tudo — e não é pouco — se aplica a estares em apuros.

— Deve haver alguma citação em como não se consegue fugir ao passado, nem encobri-lo. William Young.

Viu que Vince assentia lentamente e que juntava dois mais dois.

— O homem que morreu quando correu para a frente do carro — atalhou Jenny.

— Sim. Andava com o meu pai. Eram como irmãos, e realmente, vivia connosco metade do tempo. Eu chamava-lhe Tio Willy. Não o reconheci quando entrou. Juro, Vince. Há anos que não o via, e a ficha não caiu. Só depois do acidente, e ele... Meu Deus, estava a morrer.

Bebeu mais água, mas daquela vez a mão tremeu-lhe ligeiramente. — Parecia tão triste por não o ter reconhecido, por o ter despachado. E depois estava ali deitado, a esvair-se em sangue. A morrer. Cantou um bocado de uma canção tola que cantava em dueto com o meu pai. «Adeus, oh mel-ro». Começavam a cantar quando carregávamos os pertences para sairmos de um hotel. Percebi quem era, mas tarde de mais. Não te contei, e devo ter cometido algum delito, mas não te contei que o conhecia.

— Porque veio cá ver-te?

— Não teve ocasião de me dizer. Eu não lhe dei ocasião — corrigiu.

— É uma perda de tempo castigares-te por causa disso — disse Max rapidamente, e ela engoliu as lágrimas.

— Talvez. Em retrospectiva, sei que estava nervoso, agitado, cansado. Deu-me um cartão — como te contei — com um número de telefone. Achei mesmo que estava a tentar vender alguma coisa. Depois percebi que queria falar comigo sobre alguma coisa.

Olhou para o copo vazio, e pô-lo de lado. — Acho que o meu pai o deve ter mandado cá. Uma das melhores coisas de Willy era saber encaixar-se no ambiente. Era um homem pequeno e incaracterístico. O Jack é grande e ruivo e dá nas vistas, por isso acho que ele o mandou dizer-me ou dar-me qualquer coisa. Mas não teve tempo de fazer nada disso. Só disse... disse: «Ele sabe onde estás agora», e para eu esconder o saquito. Acho que disse «saquito», é a única coisa que faz sentido. Só que parecia ter dito «carnito», mas é uma parvoíce.

— O quê? — Max estalou como um chicote. — E só agora é que me dizes?

Em contrapartida, a voz de Laine era doce como mel. — É verdade, e não me parece que estejas em posição de criticar a oportunidade. Seguros, o tanas.

— São seguros, caraças. Onde está a bolsa? Que fizeste com ela?

O calor subiu-lhe às faces, não de vergonha mas sim de raiva. — Ele não me deu bolsa nenhuma, nem nada do género. Não tenho os teus diamantes estúpidos. Ele estava a delirar, estava a *morrer*. — Apesar da determinação, os olhos encheram-se de lágrimas e a voz soçobrou. — Estava a morrer à minha frente e era tarde de mais.

— Deixe-a em paz. — Como uma mãe urso a proteger a cria, Jenny enfrentou Max antes de ir abraçar Laine. — Deixe-a em paz.

Enquanto Vince dava palmadinhas no ombro de Laine para dar apoio, olhava para a cara de Max. — Que diamantes?

— Os vinte e oito milhões e quatrocentos mil dólares de diamantes roubados à International Jewelry Exchange em Nova Iorque, há seis semanas. Os diamantes que o meu cliente, a Reliance, seguiu e gostaria muito de reaver. Os diamantes que a minha investigação me levou a crer foram roubados por Jack O'Hara, William Young e um terceiro que penso ser Alex Crew.

— Mas que raio — sussurrou Jenny.

— Não sei nada sobre eles — disse Laine, cansada. — Não os tenho, nunca os vi, e não sei onde estejam. E posso fazer o teste do polígrafo.

— Mas alguém acha que os tens, ou que tens acesso a eles.

Grata pelo apoio, Laine apoiou a cabeça no ombro de Jenny e assentiu para Vince. — Aparentemente. Podes passar revista à casa, Vince. Tu e

o Max. Podem procurar na loja. Dou-vos acesso integral aos meus registos telefónicos, bancários, o que quiserem. Só peço que o façam discretamente para poder ter a minha vida.

— Sabes onde está o teu pai?

— Não faço ideia.

— Que sabes do tal Alex Crew?

— Nunca ouvi falar dele. Ainda me custa a acreditar que Jack O'Hara fez parte de uma coisa desta envergadura. Ele é peixe miúdo comparado com isso.

— Se tivesses que contactar o teu pai, como farias?

— Nunca aconteceu. — Os olhos ardiam-lhe e esfregou-os. — Sinceramente não sei. Já me contactou algumas vezes ao longo dos anos. Depois de me formar, recebi uma carta por FedEx. Dentro dela tinha um bilhete em primeira classe para Barbados, e passes para ficar numa suite de um hotel de luxo. Sabia que era dele, e quase não fui. Mas era Barbados. Encontrou-se lá comigo. Divertimo-nos muito. É impossível não nos divertirmos com o Jack. Tinha orgulho em mim — de me ter formado e tudo. Nunca teve ressentimento para com a minha mãe nem para comigo por termos saído da vida dele. Foi dentro mais umas vezes. A última foi quando me mudei para aqui, quando vim de Filadélfia.

— A parte de Nova Iorque não me compete — disse Vince — mas os assaltos à tua propriedade sim — e William Young também.

— Ele nunca faria mal a Willy, se é o que estás a pensar. Nem por dez vezes o mesmo dinheiro. E nunca viria a minha casa destruí-la daquela maneira. Não me faria uma coisa dessas. A ninguém, aliás. Adora-me, à sua maneira. E não é o estilo dele.

— Que sabe do tal Crew? — perguntou Vince a Max.

— O suficiente para dizer que Jack e Willy alinharam com más companhias. O intermediário do golpe de Nova Iorque era comerciante de gemas. Foi assassinado como numa execução. O cadáver foi encontrado dentro do carro dele, queimado, em Nova Jérсия.

Olhou para Laine. — Podemos ligar O'Hara a Myers, o comerciante. Mas nem o historial de O'Hara nem de Young passa por crimes violentos, nem por qualquer espécie de defesa armada. Não posso dizer o mesmo de Crew — embora nunca tenha sido condenado, é suspeito de alguns homicídios. É esperto e ladino. Esperto o bastante para saber que as pedras são sarilhos, e para esperar que deixem de o ser antes de tentar fazer dinheiro ou levá-las para fora do país. Pode ser que alguém se tenha mostrado ganancioso ou impaciente.

— Se for esse Alex Crew, e se quiser chegar às pedras ou ao meu pai por mim, vai ficar decepcionado.

— Não significa que deixe de tentar — salientou Max. — Se assim for, deve ter estado por aqui, ou pode ainda estar. Roubou-me a carteira, por isso sabe quem sou e porque estou aqui. — Absorto, Max apalpou a ligadura nas têmporas. — Vai ter de pensar nisso um bocado. Tenho cópias de fotografias. Ele gosta de brincar aos disfarces, mas se tiver andado por aí, talvez um de vós o reconheça.

— Quero cópias para os meus homens — disse Vince. — Para colaborar com as autoridades de Nova Iorque sobre um suspeito que se pensa estar nas proximidades. Deixarei Laine fora disso o máximo de tempo que puder.

— Parece-me bem.

— Obrigada, Vince. — Laine levantou as mãos, e deixou-as cair.

— Achaste que nos íamos zangar contigo? — perguntou Jenny. — Achaste que isto ia afectar a nossa amizade?

— Achei.

— Podia sentir-me insultada, mas vou dar-te um desconto porque pareces mesmo cansada. E ele? — Esticou o queixo na direcção de Max. — Perdoas-lhe?

— Acho que tem de ser, nestas circunstâncias.

— Está bem, eu também lhe perdoo. Meu Deus, percebi agora que estou tão ralada com isto que nem comi. Deixa cá compensar. — Tirou uma fatia de bolo, deu uma dentada, e depois falou com a boca cheia. — Acho que deves ficar comigo e com o Vince até se resolver isto.

— Adoro-te, Jenny. — Sentia as lágrimas a ameaçarem cair outra vez, e levantou-se para poder virar costas e reprimi-las, com a desculpa de ir buscar mais café. — E agradeço, mas tenho de estar aqui, e fico bem. O Max fica comigo.

Virou-se mesmo a tempo de ver a surpresa estampada no rosto dele. Sorriu quando trouxe a cafeteira para encher as canecas outra vez. — Não é, Max?

— É, pois. Eu tomo conta dela — disse ele para Jenny.

— Dado que és tu que tens o traumatismo ligeiro, ficas cá. Eu tenho de mudar de roupa para ir trabalhar. Tenho de abrir a loja.

— O que tens de fazer — discordou Jenny — é de ir para cima dormir umas horas. A loja pode estar fechada um dia.

— Acho que a polícia — pública e privada — dirá que devo manter as coisas como dantes.

— Faz isso. Vamos manter a loja e a casa debaixo de olho até investigarmos tudo. Quero as fotografias — disse Vince para Max.

— Vou trazê-las.

Laine acompanhou-os à porta.

— Tenho muitas perguntas a fazer. Temos de ter uma noite de mulheres — decidi Jenny — para te poder sondar. Alguma vez fizeste o jogo da bolinha?

— Jenny. — Vince pôs os olhos em alvo.

— Bem, quero *saber*, mas que coisa. Contas-me depois. Que era aquilo das três cartas? — Perguntava ela enquanto Vince a puxava para o carro. — Depois, mas quero pormenores.

— É levada da breca. — Max ficou a ver Vince meter a mulher no carro.

— É mesmo. Foi a sorte grande que me saiu. — Esperou até o carro ter desaparecido para fechar a porta. — Bem, correu melhor do que eu merecia.

— Estás a sair-te melhor a perdoares-me a mim do que a ti.

— Tu estavas a trabalhar. Eu respeito a ética laboral. — Encolheu os ombros e virou-se para as escadas. — Tenho de me recompor e ir para a cidade.

— Laine? Achei que íamos discutir quando te disse que ia ficar por cá. Afinal, és tu que me dizes que eu vou ficar por cá. Porquê?

Ela encostou-se ao corrimão. — Por algumas razões. Primeiro, não sou cobarde, mas também não sou desmiolada nem temerária. Não faço tenções de ficar aqui sozinha, tão longe da cidade, quando anda por aí alguém que me quer mal. Não vou correr riscos nem arriscar o meu cão por causa dos diamantes de outrem.

— Sensata.

— Portanto, arranjei um detective da grande cidade, o qual, presumo, e apesar das evidências, sabe defender-se.

Ele fez má cara e mexeu os pés. — Sei defender-me muito bem.

— É bom saber. Segundo, dado que tenho interesse na recuperação das jóias, prefiro-te aqui perto para ver exactamente o que fazes. Setecentos mil dólares dão-me tanto jeito a mim como a qualquer pessoa.

— Prática.

— Por fim, gostei do sexo e não vejo razão para me privar dele. É mais fácil meter-te na cama se cá ficares.

Dado que ele não parecia arranjar comentários para esta última razão, ela sorriu. — Vou tomar duche.

— Está bem — foi só o que conseguiu dizer depois de ela subir as escadas. — Está explicado.

Trinta minutos depois, ela descia tão fresca quanto uma manhã de Primavera, de calças e casaco verde curto. Tinha o cabelo para trás preso com duas fivelas prateadas e caído atrás em caracóis.

Foi até Max e deu-lhe um porta-chaves. — Das portas da frente e de trás — disse. — Se chegares a casa antes de mim, agradecia que deixasses o Henry sair para brincar.

— Não há problema.

— Se eu cozinhar, tu lavas a louça.

— Combinado.

— Gosto da casa arrumada e não vou andar a limpar o que tu sujares.

— Criaram-me como deve ser. Agradece à Marlene.

— Por agora deve bastar. Tenho de ir.

— Espera, essas são as tuas regras. Também tenho as minhas: leva este número. — Meteu-lhe um cartão na mão. — É do meu telemóvel. Liga-me quando saíres da loja. Se não vieres logo para casa, também me dizes.

— Está bem. — Ela meteu o cartão no bolso.

— Ligas para esse número aconteça o que acontecer, por qualquer coisa que te incomode. Não me interessa se parecer ínfimo, quero saber tudo.

— Se me ligarem de algum telemarketing, eu digo-te.

— Estou a falar a sério, Laine.

— Está bem, está bem. Mais alguma coisa? Estou a atrasar-me muito.

— Se souberes do teu pai, quero que me digas. Diz-me, Laine — repetiu quando viu a cara que ela fez. — Lealdades divididas não o vão ajudar em nada.

— Não vou ajudar-te a metê-lo na prisão. Isso não faço, Max.

— Não sou polícia. Não prendo ninguém. Só quero reaver os diamantes, e receber a minha parte. E que tenhamos todos saúde no entretanto.

— Se me prometeres que não o entregas, seja lá pelo que for, eu prometo que te conto se souber dele.

— Combinado. — Estendeu a mão, e apertou a dela. Depois puxou-a para ela lhe cair nos braços. — Agora dá-me um beijo de despedida.

— Está bem.

Agarrou-se aos quadris dele, pôs-se em bicos de pés e colou a boca à dele. Beijou-o lentamente, a balouçar, a mudar de ângulo para o provocar, a usar os dentes para o desafiar. Sentiu as mãos dele no seu cabelo, os dedos a emaranharem-se. Quando o calor subiu dentro dela, quando o sentiu nele, deu-lhe um beliscão nas nádegas.

Tinha a pulsação acelerada, mas gostava da sensação de controlo e virou a cabeça para lhe poder falar ao ouvido.

— Isto já me chega — sussurrou, e afastou-se.

— Agora sou eu que me despeço.

Ela riu-se e deu-lhe uma palmada no peito. — Não me parece. Marca território, e depois podes dar-me um beijo à chegada. Devo estar em casa por volta das sete.

— Cá estarei.

Ele saiu com ela, seguiu-a até à cidade e depois desviou para ir ao hotel.

Parou na recepção e pediu à empregada a conta.

Ela estudou-o. — Oh, Sr. Gannon, está tudo bem? Teve algum acidente?

— Até foi de propósito, mas estou bem, obrigado. Volto daqui a uns minutos.

Entrou no elevador. Já decidira trabalhar os apontamentos e relatórios assim que se instalasse na casa de Laine. Mais valia pôr-se à vontade. Um homem que viajava tanto como ele sabia como fazer a mala num instante e sem alarido. Pôs a alça da mala ao ombro, a da pasta do portátil noutra, e saiu do quarto quinze minutos depois de ter entrado.

Na recepção, olhou para a conta e assinou o comprovativo do cartão de crédito.

— Espero que tenha apreciado a sua estadia.

— Apreciei, sim. — Fixou o nome que ela tinha na pregadeira. — Só uma coisa antes de me ir embora, Marti. — Baixou-se e sacou da pasta do portátil, procurou as fotografias de Jack O'Hara, William Young e Alex Crew, e espalhou-as no balcão. — Viu algum destes homens?

— Ah. — Ela pestanejou. — Porquê?

— Estou à procura deles. — Acrescentou um sorriso sedutor. — Que lhe parece?

— Ah — repetiu, mas desta vez olhou para as fotos. — Acho que não. Desculpe.

— Não faz mal. Tem aí alguns colegas? Talvez eles possam cá vir dar uma vista de olhos.

— Claro, acho eu. Está cá o Mike. Espere só um minuto.

Fez o mesmo com o empregado, menos o sorriso sedutor, mas teve os mesmos resultados.

Depois de meter as malas na bagageira, foi tratar de coisas. Primeiro, levou as fotos a Vince e esperou que as copiassem. Depois foi aos outros hotéis, motéis e pousadas num raio de quinze quilómetros.

Três horas depois, a coisa mais palpável que tinha depois de tanto esforço era uma enorme dor de cabeça. Tomou quatro comprimidos de ibuprofeno como se fossem rebuçados e comprou uma sanduíche numa loja da especialidade.

Em casa de Laine, dividiu generosamente a comida com um Henry muito grato, na esperança de que o segredo ficasse entre eles. Com a cabeça a latejar, decidiu passar o dia a instalar-se, a arranjar um espaço de trabalho e a rever os apontamentos.

Passou dez segundos a pensar onde poria a roupa. A senhora dissera que o queria na cama, por isso devia ter as roupas a jeito.

Abriu o roupeiro dela, mexeu-lhe nas roupas. Imaginou-a com algumas delas, imaginou-a sem nenhuma delas. Reparou que ela também tinha devoção por sapatos como a mãe dele.

Depois de pensar mais um pouco, concluiu ter direito a espaço numa gaveta. Não querendo mexer-lhe na roupa interior para não parecer tarado, pôs uma pilha da dele numa gaveta cheia de camisolas e camisas coloridas e bem dobradas.

Com Henry sempre atrás dele, deu uma vista de olhos ao escritório de Laine, depois à sala do andar de cima, e ao quarto das visitas. A secretariuzinha deste último não seria a escolha ideal, mas era o melhor espaço disponível.

Instalou-se. Passou os apontamentos para o computador, fez um relatório, leu tudo e procedeu a alterações. Viu o correio electrónico, o correio de voz, e respondeu ao que precisava de resposta.

Depois sentou-se à secretária, olhou para o tecto e deixou que as teorias se disputassem na sua cabeça.

Ele sabe onde estás agora.

Por conseguinte, ele quem? O pai. Se Willy sabia onde Laine estava, era provável que Big Jack também soubesse. Mas do que Laine dissera, Jack sempre a acompanhara, pelo que a frase não fazia sentido. Ele sabe onde estás *agora*. A seta na cabeça de Max apontou para Alex Crew.

Não havia violência no historial de O'Hara, mas havia no de Crew. O'Hara não parecia encaixar no homicídio do comerciante de diamantes. E não havia razão, seguindo o historial, para Willy fugir assustado do velho colega Jack O'Hara.

O mais provável, e muito mais provável, era ter fugido do terceiro homem, o homem que Max estava convencido ser Alex Crew. E na sequência disso, Crew estaria em Angel's Gap.

Porém, tal não dizia a Max onde é que Willy tinha guardado as jóias.

Quisera fazê-las chegar a Laine. Por que raio queria Willy, ou o pai dela, pôr Laine à mercê de um homem como Crew?

Deu voltas à cabeça, sem chegar a lado nenhum. Desconfortável na cadeira da secretária, foi estender-se na cama. Fechou os olhos, disse de si para si que uma sesta lhe refrescaria o cérebro.